

REVISTA

EDIÇÃO Nº 103 | JANEIRO DE 2024

# CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068



DICAS PARA LEITURA  
ENTREVISTAS COM ESCRITORES  
POEMAS, CONTOS E MUITO MAIS...



## ENTREVISTA EXCLUSIVA COM Joaquim Cândido de Gouvêa

ESCRITOR, LETRISTA DE VÁRIAS MÚSICAS, ECONOMISTA COM  
VÁRIOS CURSOS VOLTADOS AO MERCADO FINANCEIRO

Distribuição Gratuita

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# ÍNDICE

# CONTÉÚDO

- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- Entrevista com Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 06**
- Colaterais - 2024, por Bert Jr., pág. 15**
- Poema: Nevoandeirol, por Bert Jr., pág. 19**
- Poema: 2024, por Sellma Luanny, pág. 25**
- Ensaio comparado entre O auto da compadecida e o Castigo da soberba, por Max Moreira, pág. 26**
- Poema: Intergerações, por Mírian Menezes de Oliveira, pág. 35**
- É essa coisa de ser baiano, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 36**
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 40**
- Dicas para leitura, pág. 48**
- Poemas de Sílvia Grijó, pág. 49**
- Poema: Urbanidades, por Daniela Bloc, pág. 53**
- Um povo sem cultura é um povo sem vida, por Gianni Maria Carneiro, pág. 54**
- Crônicas de Marcos Antônio Silva Carneiro, pág. 57**
- Entrevista com Bert Jr., pág. 62**
- Entrevista com Emerson Sitta, pág. 67**
- Entrevista com Fábio Ochôa, pág. 71**
- Entrevista com Hélio Bacelar Viana, pág. 76**
- Entrevista com João Vitor Faria, pág. 82**
- Citações de grandes autores, pág. 86**
- Conto: Zigue-zague, por Idicampos, pág. 92**
- Conto: O morto entre as pombas, pág. 96**
- Conto: Memória, por Iraci J. Marin, pág. 107**
- Conto: O giz branco, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 111**
- Conto: A sanha do Jaguaromem, por Ney Alencar, pág. 122**
- Conto: Pró-criação, por Roberto Schima, pág. 127**
- Conto: Passos para o cosmos - Parte III, por Sellma Luanny, pág. 136**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 146**

2025

2024

2023

## NESTA EDIÇÃO

*Dicas para leitura**Entrevistas**Artigos**Poemas e Contos*

## CLAUDE MONET

“Tudo que eu fiz foi olhar para o que o universo me mostrou, para deixar meu pincel testemunhar.”

## VINCENT VAN GOGH

“Se escutar uma voz dentro de você dizendo 'Você não é um pintor', então pinte sem parar, de todos os modos possíveis, e aquela voz será silenciada.”

## QUEM FAZ A REVISTA

## EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)CONHEÇA O NOSSO SITE: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura® é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/edicoes-da-revista](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/edicoes-da-revista)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/midia-kit](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/midia-kit)CONTATO:  [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



conexaogramatica

# EDITORIAL

Querido(a) leitor(a)!

Iniciamos o ano com a nossa edição de nº 103, destacando Joaquim Cândido de Gouvêa, escritor, poeta, letrista de várias músicas e autor de vários livros que, direto dos EUA, cedeu entrevista exclusiva para nossa revista.

O leitor também poderá conferir diversos poemas, dicas de livros, entrevistas com escritores, contos e muito mais...

Que 2024 seja repleto de realizações e muitos livros para todos nós.

Para saber como participar da nossa edição de fevereiro/2024: **clique aqui**.

Tenha uma ótima leitura!

*Ademir Pascale*

EDITOR



Joaquim Cândido de Gouvêa

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# TEMPO DE AMAR

VOL. IX

## *tempo* DE AMAR

CONTOS  
MINICONTOS  
E POEMAS  
VOL. IX

E-BOOK



ADEMIR  
PASCALE  
ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui



“

EU ME CONSIDERO UM CONTADOR DE HISTÓRIA DE AMOR. DESTA FORMA, TANTO OS LIVROS DE POEMAS COMO OS DE ROMANCE SÃO ENCHARCADOS DE AMOR E POESIA.

JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA



Joaquim Cândido de Gouvêa – Foto divulgação

**JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA**, brasileiro, nascido na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, no dia 21.12.1940. Economista, com alguns Cursos Superiores, voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A. Possui vários poemas publicados no Brasil. Na ocasião, recebi uma Menção Honrosa no Livro VII PRÊMIO ESCRITOR MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA. Com enorme prazer, destaco a participação na Revista Conexão Literatura em que mostro alguns poemas mensalmente. No Exterior, junto as edições da Editora Colibri, no Projeto coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, MUNDO(S) estou presente com outros 20 escritores, em que iniciei na Edição 06 e hoje estamos na Edição 24.

Em Lisboa, no dia 21.09.2019, participei da Mesa de Debates sobre o tema ESCREVO POR QUÊ.

Sou Acadêmico na Academia Internacional de Letras e Artes de Cruz Alta, no Estado do Rio Grande do Sul, em que ocupo a cadeira de número 203.

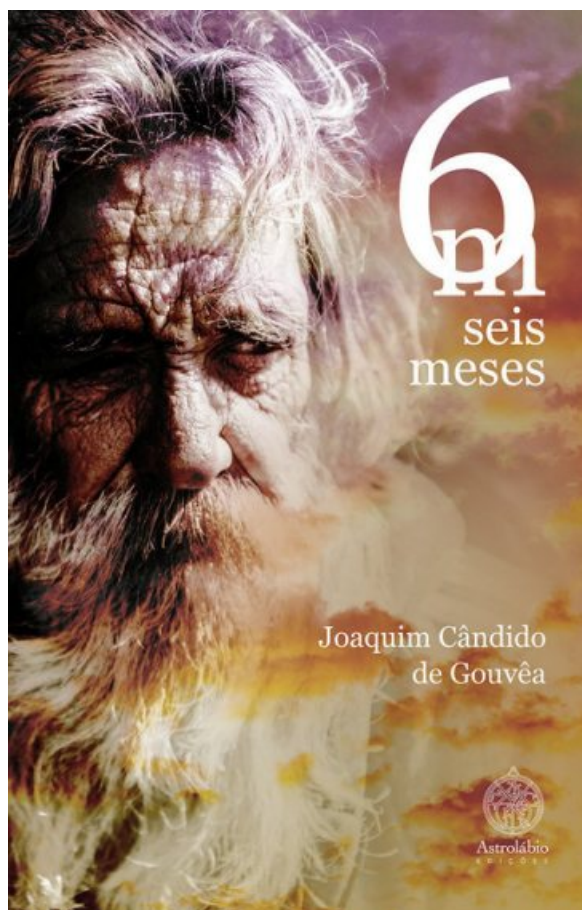
Na parte musical sou autor de cinco músicas, nos Poemas, em que a Sra. RENEE BRAZZIL colocou as melodias.

## ENTREVISTA

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Para melhor compreensão, gostaria de adicionar informações que me levaram a gostar de escrever. Sou descendente de família simples. Meu Pai era bancário e minha Mãe, além dos serviços domésticos, era costureira.

Ela, na idade de quinze anos, na cidade de Juiz de Fora (MG), começou a trabalhar em “ateliê” de costura. Como sabem, naquela época, as mulheres da sociedade usavam o “ateliê” para a confecção dos seus vestidos. Assim, pela sua dedicação de muitos anos, tornou-se uma das principais funcionárias no trabalho.



Após o casamento, foi residir em Três Rios (RJ) e, para complementar as despesas, começou a costurar para fora aproveitando os conhecimentos peculiares na costura. Na ocasião, eu já com os oito anos de idade, tinha muita pena dela, pois, após o trabalho diário, ficava até tarde da noite costurando. Procurando acompanhá-la, me colocava sentado ao lado da máquina e lá ficava até o momento que ia dormir.

Para me dar uma ocupação, com todo carinho providenciava lápis, borracha e papel. Colocava alguma peça sobre a mesa e pedia para que eu a descrevesse. Foi por esse Mar que, naquela idade, parti a navegar no prazer em escrever.

Em outra oportunidade, sorrindo me desafiava. Dizia uma frase e pedia para eu falasse o meu entendimento. Foi assim, o início do meu aprendizado para aprender enxergar imagem e descrever bem como, escutar uma frase e dar o significado.

Passado o tempo, chego agora aos meus 24 anos de idade e já casado. A lembrança, amanhece a cada instante, sobre minha alegria em escrever. Havia, até mesmo, pequenas peças teatrais. Todavia, em determinado dia, aborrecido com a situação política da época, peguei todo o material escrito, já selecionado e coloquei fogo. A MARIA JOSÉ, minha esposa, ficou brava comigo pelo destempero e, carinhosamente, dizia que tudo iria passar.

A partir dessa data, continuei a escrever, mas não com a mesma frequência... era tudo de vez em quando... dependendo da vontade.

Vamos, agora, dar pequeno pulo na jornada da vida. No ano de 2016, me aposentei. Os dias ociosos me levaram a uma grande decepção. Passei a me imaginar como aquele Senhor idoso em frente a Televisão, escutando jornais e sem nada mais o que fazer.

Desgostoso, tive a ideia de aproveitar o tempo, as intuições, e começar a escrever ativamente outra vez. Assim ocorreu e o trabalho se tornou intenso. O prazer virou amor, paixão e, como sempre envolvendo a paixão... a loucura.

Em um determinado dia, minha filha caçula ALESSANDRA, ao ver aquele monte de folhas escritas e querendo me ajudar, sugeriu que eu fizesse um Livro. Prontamente

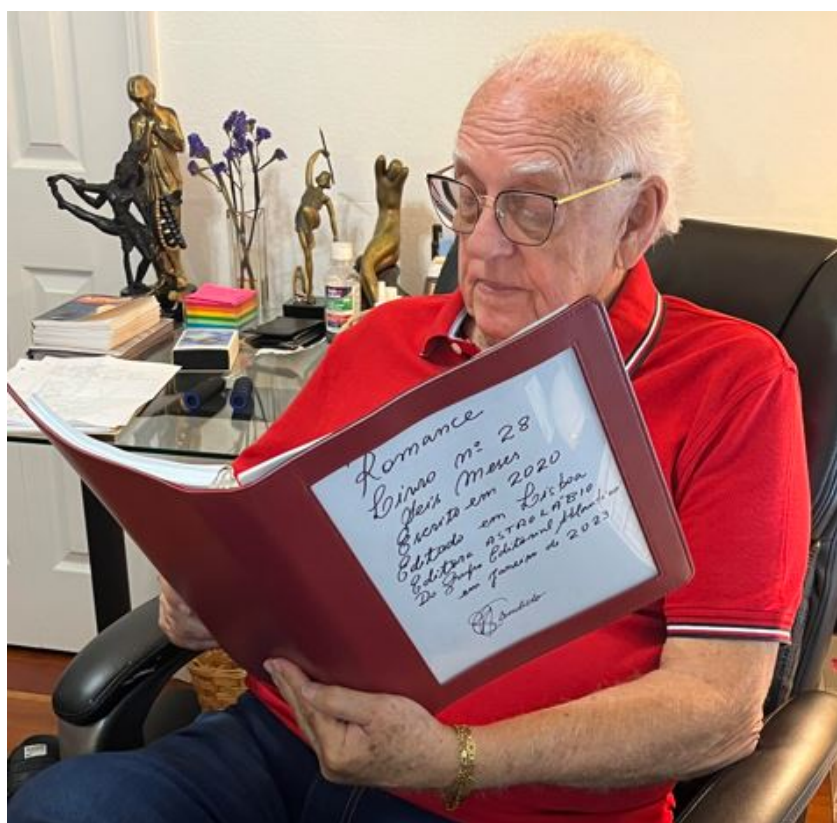


aceitei a ideia, juntei as folhas e contei: cento e sessenta Poemas. Estava ali o primeiro Livro de Poemas com o Título: O NASCER DO SOL. Dali para frente, todo Livro é assim finalizado: cento e sessenta Poemas. Este número de Poemas em cada Livro, não é, pois, nada místico e simples decisão minha. Confesso, que por loucura ou não, mantenho esse número em cada Livro de Poemas que escrevo. Chegou ao número eu passo para outro Livro. Muita gente desta minha loucura: sorri!

Aproveitando a oportunidade, desejo informar que estou escrevendo o Livro de número quarenta e sete com Título MUITAS VEZES e, ao mesmo tempo navegando no Romance com o Título ANGÉLICA com uma história lindíssima.

Assim foi o início do meio literário e, mesmo com os meus oitenta e três anos, não penso terminar tão cedo. Trata-se de uma grande distração!

**Conexão Literatura:** Você é autor de vários livros. Poderia comentar?



**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Como falei anteriormente estou escrevendo o Livro 47 sobre Poemas com o Título MUITAS VEZES e, ao mesmo tempo o Romance com o Título ANGÉLICA. Procuo me levantar cedo e, lá pelas oito horas, já estou sentado escrevendo. O tempo a escrever depende das intuições, mas normalmente paro para almoçar e, pela tarde vou ler ou continuo a escrever.

Tenho somente seis Livros Editados. Dois no Brasil de Poemas pela Editora Trevo com os Títulos: MAIS DO

QUE BUQUÊ e o outro ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE... Em Lisboa-Portugal, dois Livros, também de Poemas com a Editora Poesia Impossível, com os Títulos NO CAMINHAR e o outro SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE... e com a Editora Astrolábio, dois Romances, com histórias lindas, com os Títulos: RADIANTE ENCONTRO e o outro com o Título SEIS MESES, com uma história, para muitos, inverossímil, mas muito linda e digna de ansiosa leitura. Os quatro últimos Livros pelo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO em Lisboa-Portugal.

Eu me considero um Contador de História de Amor. Desta forma, tanto os Livros de Poemas como os de Romance são encharcados de amor e poesia. Ressalto que, um analista literário em Lisboa-Portugal, após a leitura do Livro SEIS MESES, em um relato

na rede internet alegou que os roteiristas de filmes, peças teatrais ou alguma série para a Televisão deveriam ler e tentar aproveitar a história por ser muito interessante.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** No meu caso, uma exposição exata, torna-se um tanto difícil uma vez que processo surge de várias maneiras. No caso dos Poemas a intuição chega sem ao menos eu perceber e nem pede licença. Me toma por completo. A intuição torna-se “gêmea” do amor. Como assim poderão perguntar?

Tal como o amor, ela existe! Não se pode pegar! Chega pelo ar! Às vezes em um delicioso sussurrar! Tantas outras, como em um pleno Outono, vem bailando sobre a pétala de uma flor, sorridente, saltitante no bailado. Existem aquelas folhas que no Inverno se desprendem e vão cair sobre as raízes em proteção a intensidade do frio se transformando em energia para o sobreviver.

Ah! Gente! Quão delicioso falar sobre o colorido das flores na Primavera. Brincar com as margaridas que pela noite se retraem e ao amanhecer tornam-se esguias, imponentes como lindas garças.

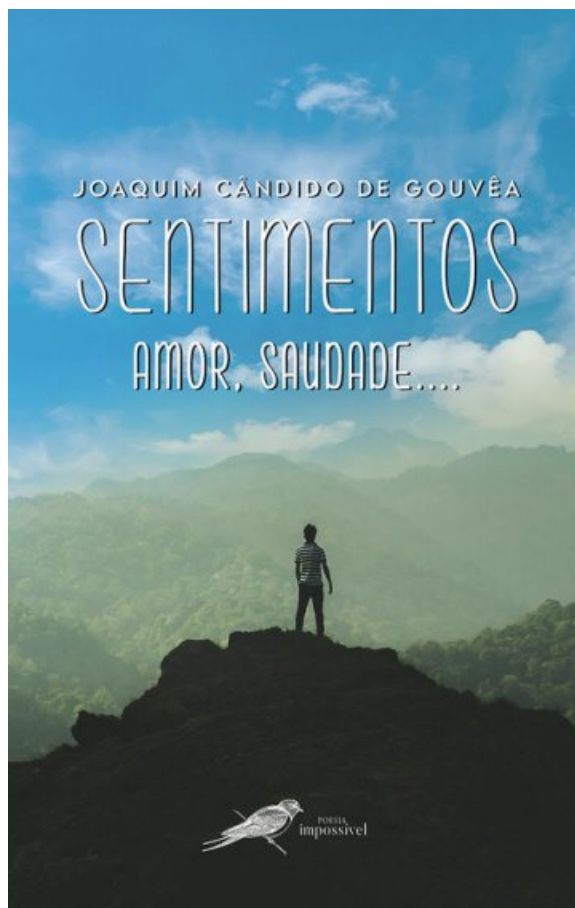
Claro que não me esqueci do Verão. Sol ardente promovendo o novo colorido, principalmente nas mulheres, tornando-as mais elegantes, provocantes e o poeta não resiste e se joga nesse Mar lembrando da juventude que há tanto tempo passou.

Não muito comum, mas às vezes ocorre, dele poeta se levantar de madrugada e escrever uma frase do então sonhar. No dia seguinte, pela manhã, da frase, corre ao local, fecha os olhos, deixando aflorar a intuição e o poeta se joga nesse Universo e como louco ficando a sonhar e escrever.

Vejam que falei da madrugada. Todos nós já passamos horas acordados com esta grande amiga... madrugada. Ora nos trazendo um Tesouro de esperança... uma alegria pela lembrança... e, porque não afirmar daquela gotinha de lágrima que fica pelos nossos olhos a surfar pelo tanto que viveu na saudade.

Ah! Saudade! Como nos traz intuição.

Observem como acontece. O Livro do Romance que estou escrevendo com o Título ANGÉLICA. Por algumas vezes, de olhos fechados à procura da intuição, eu via uma capa de um Livro com uma menina lindíssima caminhando e sorridente. Pela doçura que se apresentava, como falo sempre sobre o amor, adorei e decidi iniciar uma história que está tendo uma sequência linda.



E o nome ANGÉLICA como surgiu? Este foi fácil definir. ANGÉLICA significa pureza, algo angelical. Na Bíblia, refere-se aos anjos, seres espirituais, algo Divino. Nas pesquisas significa pura como um anjo e revela uma pessoa expansiva, mas muito discreta em relação a sua vida íntima. Por outro lado, criativa, inquieta, preferindo agir por conta própria e, nos relacionamentos, aqueles que não lhe tirem a liberdade. Na minha visão com o OLHAR COM A ALMA sugeriu assim o nome e a história seria desta maneira, ao redor dela.

Resolvi, também vindo da intuição, desenvolver uma história abrangendo fazendeiros, ricos e pobres e ela, ANGÉLICA, se tornando cada vez mais uma pessoa querida e importante. Nesta área agrícola aproveitei a minha vivência, quando por ocasião da minha posse no Banco do Brasil S.A. e vivência na área da Carteira Agrícola.

No tempo, estive em um delicioso interior, na pequena cidade de Inhapim, no Estado de Minas Gerais e, muito do que lá vivi, estou procurando de certa forma aproveitar. Bem sei que vai valer a pena! Desta forma estou me deliciando na sequência com o Livro.



Um outro Romance que foi editado em Lisboa-Portugal tem o Título SEIS MESES. Eu me lembro muito bem, que antes de iniciar a história eu troquei ideias com a minha filha caçula ALESSANDRA sobre o tema. Narrei como desejava fazer um Livro. No primeiro momento, ela fechou os olhos, vi que sobrancelhas cresceram abruptamente. Do enorme franzir, a testa se tornou bem menor. Do rosto, a face não resistiu e, sem nenhuma cerimônia, ficou corada. Deu um passo para trás

para observar se era eu mesmo falando. Estava espantada. Com todo o carinho pedira mais informações sobre o que seria o Livro e eu disse que o Título do Livro seria SEIS MESES. Seria a história de um empresário muito rico, proprietário de uma grande empresa, a sair e viajar por SEIS MESES. Ir para uma pequena cidade do interior, se transformar em um mendigo, abandonar todo seu conforto para morar no pior lugar, para sentir como chega à felicidade a essas pessoas.

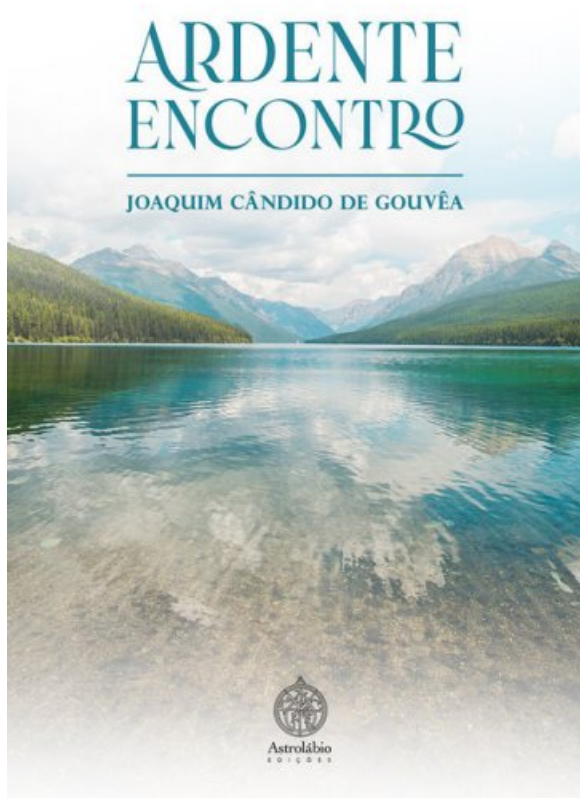
Tal decisão do afastamento estava baseada no que via diariamente. Estranhava ver seus funcionários bem simples, com vida regrada em cima do que recebiam de salários, falando sobre futebol, sempre felizes e sorridentes. Ele riquíssimo, sob depressão, com tratamento médico, livros de autoajuda e infeliz.

No princípio a ALESSANDRA não aprovou. Todavia falou: se os leitores ou leitoras apreciarem essa ideia o Livro pode virar um filme, posto que é inverossímil. Trata-se de uma história muito rara, se de fato, um dia ocorrer.

Nós nos abraçamos... sorrimos... choramos. Cada um soube enxugar as gotículas de lagrima escorregando pela face. Sem nenhuma palavra eu senti que não havia aprovação. Mesmo assim resolvi levar a termo a minha intuição. Hoje tenho o Livro editado com o Título SEIS MESES com uma história muito linda.

Assim se deu a intuição!

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?



**Joaquim Cândido de Gouvêa:** A pergunta além de ser interessante é inteligente, mas bem difícil de se responder. Ao destacar trechos especiais, sem sombra de dúvidas, estaria fazendo julgamento pessoal dos Poemas, considerados como frutos do coração que, por mim, são todos belos verdadeiros filhos.

Para melhor exemplificar, eu, poeta, comparo um Livro de Poemas a um Jardim. Os Poemas ali distribuídos, encharcados de Poesia, são as flores que, carinhosamente, foram plantadas pelo fiel “Jardineiro”. Assim, quando olho para esse Jardim, se porventura ainda não está florido, pelo menos mostra o “colo” verde em que foi se “repousar” cada broto de flor que está pronta para aflorar.

**Conexão Literatura:** Os seus livros estão sendo disponibilizados em quais países?

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Os meus Livros estão disponibilizados para compra em

Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Moçambique e, também, pelo site da Amazon.

**Conexão Literatura:** Quantos livros você pretende editar?

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Todos os meus Livros escritos e terminados estão prontos a serem editados. Por motivos vários, no corrente ano, pretendo editar pelo menos quatro Livros. Serão dois Romances sob os Títulos de RARAS DECISÕES e um outro com o Título EMANUELLE. Com relação aos de Poemas seriam: “PEDAÇOS” PELA MADRUGADA e o outro com o Título VER E LER.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros?

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Para aquisição dos meus Livros basta entrar no site: [www.livrariaatlantico.com.br](http://www.livrariaatlantico.com.br)

**Conexão Literatura:** Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Escrever sempre. Não desanimar em frente aos obstáculos. Insistir! Quantos Livros, hoje em destaque, foram rejeitados por algumas editoras. Tudo é muito difícil. Pegue seu objetivo principal, seu sonho e o coloque lá no horizonte. Com vagar ou não procure alcançá-lo. A ARTE de escrever coloca o autor em contato com o DIVINO. Deus coloca em repouso, sobre a pétala de uma flor, a intuição para cada escritor escrever e a outros levar para ler e saborear. A força, assim proporcionada, tão somente para que você possa levar a outros para o verdadeiro sabor.

**Perguntas rápidas:**

UM LIVRO - Difícil citar um especificamente. Adoro temas envolvendo histórias reais, espirituais. Aliás, no meu Livro sob o Título ANGÉLICA está existindo alguns “arranjos” com passagens que não são coincidências.

UM FILME – Todos que envolvem história real. Embora bem montados e ricos, não me adapto a filmes de guerra.

UM ATOR ou ATRIZ – Tony Ramos e a Divina Fernanda Montenegro.

UM HOBBY – Escrever a todo o instante aproveitando cada fase da vida.

UM DIA ESPECIAL – Cada dia para mim é especial. VIVER VALE A PENA E DEIXO A ALEGRIA CHEGAR RÁPIDO AO MEU CORAÇÃO. Sou simples e procuro estar sempre alegre. Tal sentimento ACALMA e faz bem à ALMA. Quando participo de Concursos Literários, cada resultado, para mim é especial e encharca-me de alegria. Sou bem infantil neste particular e vibro como se fosse uma criança. Desde que comecei a participar dos Concursos a Comissão Julgadora sempre escolheu o meu Poema para fazer parte dos Livros e isto me coloca muito feliz.

Não poderia terminar esta entrevista sem citar, com grande detalhe, os nomes que juntos participamos nas músicas por nós criadas. Assim temos:

- A LAREIRA – com o Emanuel Henrique de Castro na melodia;
- ASSIM SERÁ; TE AMO COMO POETA; O AMOR NÃO TEM PRESSA e CAFÉ PERFUMADO DE AMOR – com a Renee Brazzil criando a melodia e cantando.

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Finalmente desejo manifestar meu agradecimento a REVISTA CONEXÃO LITERATURA pela atenção dispensada aos escritores na plena divulgação dos Livros.

Novos vídeos no canal  
**CONEXÃO NERD**

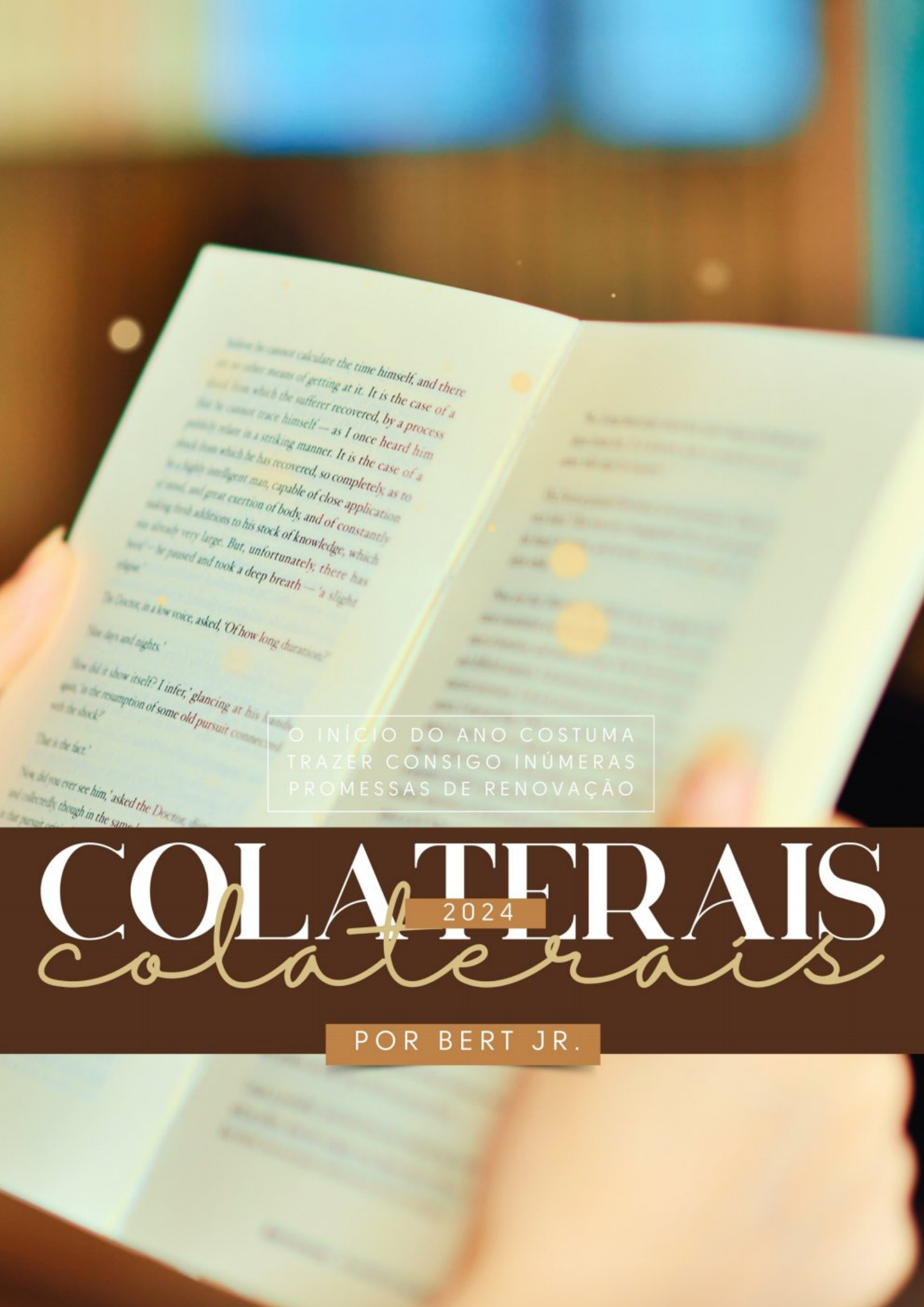


**INSCREVA-SE**

**[www.youtube.com/conexaonerd](http://www.youtube.com/conexaonerd)**

**APRESENTADO POR  
ADEMIR PASCALE**





O INÍCIO DO ANO COSTUMA  
TRAZER CONSIGO INÚMERAS  
PROMESSAS DE RENOVAÇÃO

# COLATERAIS

2024

## colaterais

POR BERT JR.

O início do ano costuma trazer consigo inúmeras promessas de renovação. Juras de que iremos implementar aquela dieta há muito planejada, mas sempre postergada. Ou de que começaremos a malhar no mínimo três vezes por semana e, detalhe: sem pular a parte aeróbica dos treinos. Há os que se comprometem a aprender culinária a fim de poder cozinhar em casa para, assim, “comer saudável”; e também os que, pura e simplesmente, pretendem transformar-se numa pessoa melhor, com eventual recurso a processos esotéricos, que podem ir de conversões a fés as mais diversas, até terapias quânticas ultra quantificáveis.

Àqueles que prometem começar a ler livros, ou que almejam aprimorar seus dotes enquanto leitores, fica aqui uma advertência, feita com a melhor das intenções. Deve-se ter atenção aos possíveis efeitos colaterais que as leituras podem causar. O assunto ainda não é muito discutido no país, talvez porque o público leitor seja estatisticamente pequeno, mas o fato é que determinados gêneros de leitura podem afetar certos leitores de forma preocupante. Vejamos alguns casos já estudados no campo da literopsicologia.

Um caso que chama a atenção é o que vem ocorrendo com muitos dos que leem os romances de Joel Glenn, especialmente quando se trata de *Se meu coração bater mais forte que isso morreréi*. Nessa estória, um belo mancebo se apaixona por uma jovem infectada por um vírus desconhecido, que os médicos acreditam ser letal. Nos poucos meses, ou semanas, que lhe restam, a jovem enferma se recusa a manter um encontro presencial com o belo mancebo, que não se conforma em ter de cortejá-la por meio virtual. Depois de várias conversas à distância e jogos online madrugada adentro, o belo mancebo enfim conquista o coração da jovem enferma, obtendo sinal verde para infiltrar-se no quarto dela à noite. Dias mais tarde, a jovem recebe dos médicos um novo diagnóstico: o vírus desconhecido desaparecera misteriosamente de seu corpo. Estava curada! Ao fazer uma videoconferência para dar a notícia ao belo mancebo, a jovem sã percebe que o rapaz tem agora uma aparência enfermiça. O vírus desconhecido e letal havia migrado para o organismo do outrora belo mancebo, que passa a definhando rapidamente, até o trágico fim. Boa parte do público, após haver lido *Se meu coração bater mais forte que isso morreréi*, passou a evitar encontros presenciais nos seus relacionamentos afetivos. Para esses leitores, proximidade física só depois do casamento, mediante apresentação de uma bateria de exames clínicos. E olhe lá!

Outro caso digno de nota é o que tem ocorrido com a leitura em série das obras de Minnie Cooper. Ninguém escreve e publica um romance de trezentas páginas tão rápido quanto ela, e seus leitores são, provavelmente, as pessoas que leem mais livros de um mesmo autor por ano. O problema é que ao se solidarizar com uma procissão de personagens vítimas de abusos e traições, uma parte do público vem revelando traços de hipersensibilidade e paranoia em seus relacionamentos afetivos. Um exemplo emblemático é o que aconteceu com Sue Demoll desde que leu, em sequência, *O fim não parece ter fim*, *Mercúrio rege teu signo*, e *Assim começa uma recaída*. Conforme registrado, a senhorita Demoll deu queixa na comissaria de polícia de sua cidade devido ao seguinte diálogo com o namorado durante um jantar:

- Os pratos com camarão são ótimos neste restaurante – diz o rapaz.



- Acho que vou comer uma lasanha ao molho branco – diz a senhorita Demoll.
- Por que não experimenta o espaguete com frutos do mar? – sugere o rapaz.
- Só porque vem com camarão? – questiona a moça.
- Bem, isso é parte da explicação – graceja o rapaz.
- Entendi. Você está sendo irônico – pontua a senhorita Demoll. – Quer que eu coma camarão, mesmo contra a minha vontade, e para isso usará todos os meios de pressão, inclusive ironia!
- Não diria pressão, mas persuasão – responde o rapaz.
- Persuasão rima com intimidação, sabia? Conheço bem o seu tipo. Já vi muitos assim nas páginas dos livros. Vou dar queixa agora mesmo na polícia!

Outro caso preocupante é o assédio a homens misteriosos e estranhos desde que se desencadeou uma febre de leitura em torno do best-seller *Setenta e três maneiras de parecer tímida*. Nessa estória, uma bela garota se apaixona por um jovem magnata bonito e atlético apenas pelo fato de ele estar envolto numa aura de mistério e estranheza. A fim de conhecer os segredos do magnata bonito e atlético, a bela garota se investe de muitas camadas de timidez, que de repente se desintegram dentro de um elevador, onde o jovial magnata comprova sua condição atlética ao patrocinar uma cena erótica em poucos segundos de deslocamento vertical. A garota continuará renovando sua aparência tímida, apenas para ver-se arrebatada por novas, e cada vez mais ousadas, investidas eróticas do cada vez menos misterioso jovem magnata. Cansada de sua própria personagem tímida, a garota finalmente se dá conta de que o mistério em torno do magnata consiste em sentir-se atraído por garotas aparentemente tímidas, extremamente belas, e sem uma grama de celulite no corpo. Essa estória tem levado muitas leitoras a fazer-se de tímidas e disfarçar suas celulites, enquanto se insinuam a rapazes misteriosos e estranhos, que se declaram perseguidos e, em certos casos, compelidos a atuar de forma libidinoso nas situações mais inusitadas.

Para encerrar essa breve nota sobre possíveis efeitos colaterais provocados pela leitura, não poderia deixar de mencionar a imensa categoria da não-ficção. Nesse campo, o exemplo mais impressionante provém do best-seller *É já ou já era*, do Dr. Rob Youngster, que também escreveu *Se já foi já era*, e *O que será já é*. A linha filosófica dessas obras enfatiza a importância de desfrutar de cada momento como se fosse o último, aproveitando as sensações e reflexões que todo instante vivido proporciona. Enraizar-se no presente é a chave, segundo o autor, para libertar-se do passado e preparar inconscientemente o futuro. Apesar do caráter positivo da mensagem, registram-se vários casos de leitores que passaram a sofrer de episódios de congelamento no tempo. Uma estudante de arquitetura, por exemplo, permaneceu durante horas sob o sol, contemplando a silhueta de uma ponte contra o azul do céu, até ser levada ao pronto-socorro em razão de queimaduras de terceiro grau no rosto. Um médico de meia idade congelou com o bisturi na mão, em meio a uma cirurgia cardíaca, com a imagem do coração do paciente pulsando sob seus olhos, até o hospital fazer vir um substituto às

pressas. Um advogado travou antes de concluir seu discurso em defesa do réu, imerso na apreciação mental do argumento retórico em vias de ser enunciado, imóvel ante as exortações do juiz para que finalizasse a intervenção. Até mesmo um cronista estacou na linha final do último parágrafo do texto, porque...



**Bert Jr.** é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. No ano seguinte, lançou um novo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um segundo livro de poemas, intitulado *Nevoandei*. Em 2023, publicou *Vi&Verei*, contendo poemas curtos, frases e axiomas, e *Sem pé com cabeça*, uma antologia de crônicas humorísticas. Vem colaborando com as edições mensais da revista eletrônica Conexão Literatura. Em 2024, tenciona lançar seu primeiro romance.

Instagram: @\_bertjunior. Facebook: Bert Jr.

Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).

# NEVOANDEIRO

POR BERT JR.

dentro da névoa o navio se avizinha  
e um pássaro de neve  
que ao bom tempo se derrete  
sua presença  
anunciaria

pronto desejo desejo pronto  
o barco se aviste logo  
e avive o que talvez pudesse  
sorte de sonho  
infundir à vida

nesta hora de alvorúsculo só isto  
ousar-se-ia

sob estrelas rumos se inventam  
mas não aqui  
não hoje  
quando a bruma está defronte  
e faltam ventos a rodar rumores

tronco e pernas envolve a névoa  
traje tapete coberta  
e vozes em coro ofegam  
reclamando o mesmo agasalho  
sem que suas faces se enxerguem

à cabeça a capa pardacenta chega  
dando abrigo a vós das queixas

um tronco boia entre o junco  
outros mais adiante se ajuntam  
boiada de lenha serrada  
na correnteza cismarina  
de foz fantasma

para chegar ao barco é preciso  
passar mata abatida  
resumida a partes de lenha  
flutuantes trechos de espanto  
erráticos na geometria

num par de troncos jungidos  
o corpo flutua inteiro

procuro com dois paus de balsa  
um traço qualquer de rumo  
confundem-me vozes do escuro  
da face queimada dos troncos  
oculta sob a linha d'água

outros ruídos não ouço  
a onça e o bugio se foram  
de novo se extinguiram os répteis  
de fogo de estrondo de um medo  
maior do que a piranha causa

esconde o caramujo em sua casa  
o sussurro cantante da iara

cansado de remar a esmo  
aporto em vitória-régia  
apalpo sua flor em riste  
tão invisível no pântano  
quanto o indizível encanto

grito ao navio que adivinho  
ninho sobre a maré  
porém no ar fumacento  
palavra nenhuma ousa  
detonar barris de pólvora

o lamento de vós lambe a água  
cravejada do que fora mata

trafego de novo entre escombros  
em puros lances de azar  
até que os olhos me ardem  
de respingos  
que neles batem

as vozes de súbito calam  
ante nova fórmula aquosa  
como se se afogassem  
em água agora salobra  
porque formada de lágrimas

no silêncio de vós advindo  
um chocalhar de metal se avoluma  
rente de mim sinto o casco  
preencher de frio água e espaço  
e uma branca luz de holofote  
içar-me qual bote inflável

na subida leio NOAHRK  
na lateral cinza da nau

no tombadilho de milhas  
várias línguas se falam  
recebo veloz medicina  
a fim que a tristeza exale  
pois nada afinal se extravia  
a serviço da belonave

tudo será recriado  
curado no devido momento

apenas o navio trabalha  
mirando ser mecanismo  
que projeto tal gerundiza  
com energia procedente  
de se o crer a cem por cento  
de infalível reinício

tudo a partir dum instante  
se ajustará num contínuo

projetam-se novos seres  
sem mais dores nem receios  
não mais haverá sofrimento  
tampouco terão sentido  
remorsos e arrependimentos  
sendo o refeito perfeito

no mundo reinventado  
todos serão adequados

por meu guia fui levado  
ao longo de corredores  
nos inferiores pisos da nave  
e ali num parque infinito  
de máquinas atarefadas  
tudo se redesenhava

num relance enxerguei o futuro  
tão sólido quanto o barco

vi o homem hermafrodita  
clonando-se ele próprio  
a natureza em si cosmética  
com produto em vez de fruto  
cidades inteligentes  
em funcionamento sem gente

sem surpresa ou novidade  
que não se projetasse

quis voltar ao tombadilho  
para a sós poder refletir  
sobre as maravilhas que vira  
foi o que disse ao meu guia  
pois no seguinte dia  
faria parte da equipe

fui assim ao fim do convés  
assistir singrar o navio

nenhuma estrela brilhava  
nem lua além de holofotes

foquei no feixe de luz  
sobre a água a surgir em círculos

quando um cintilar rosáceo  
sugeriu-me um peixe fantástico

que não se moveu feito peixe  
mas com calma e ondulante graça

confesso  
não vacilei  
em lançar-me à umidade escura  
atrás do que peixe não era  
se minha intuição não erra

busquei  
pela escuridão molhada  
a mancha rósea na água  
até despedir as forças  
rogando por dois paus de balsa

estive  
a ponto de fazer crescer  
o oceano de sombra e lágrimas  
quando nisso surfou meu corpo  
à superfície das águas

emerso  
me vi acoplado  
a ser de matriz mitológica  
peixe de fato não era  
e sim um cetáceo rosa

cavalguei o animal reluzente  
sem ter laço nem arreio

senti o seu bom augúrio  
inalei seu jato de ar limpo  
com gotas de água filtrada  
por insólito  
orifício

quis crer ser carregado  
para além dos limites da névoa  
tremelicando esta  
como a chama  
de um fogo-fátuo

a tempo incerto  
tornou-se a névoa  
também rosada  
as águas se cristalizavam  
em pequena enseada entrávamos  
com muitos peixes à roda

pensei que ali vivesse quem me transportava

O mar foi ficando raso, uma praia sentia-se perto.

Num movimento do corpo, me fez apelar do lombo. Avancei em área piscosa, cardumes dando passagem. Da névoa por fim saí, pisando areia de tom cinza-róseo, para logo ver-me rodeado de seres iguais a mim.

Vi que eram feitos de susto, receio, alegria e, por sorte, do desejo intenso de ter-me junto.

Seu ânimo com o meu se aqueceu, contendo o reverso verdade igual. Passearam-me em volta, por território o qual, segundo entendi, aumentava ou diminuía com a narrativa. Alguém começava o conto, ou canto, outro logo lhe dava curso e adiante seguia o mundo.

Inclusive, naquele instante, se tecia, no meio do grupo, em cordas vocais, uma história. Falava de uma terra ímpar, ilha talvez, que maior ficava quanto mais se a sonhava. Uma terra, acresci, que se expande, ondulante, para dentro do coração, onde palpita, vívida, a ideia de viajar unidos em dorso rosado.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com Fict-Essays e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. No ano seguinte, lançou um novo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um segundo livro de poemas, intitulado *Nevoandei*. Em 2023, publicou *Vi&Verei*, contendo poemas curtos, frases e axiomas, e *Sem pé com cabeça*, uma antologia de crônicas humorísticas. Vem colaborando com as edições mensais da revista eletrônica *Conexão Literatura*. Em 2024, tenciona lançar seu primeiro romance.

Instagram: @\_bertjunior. Facebook: Bert Jr.

Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).



## **POR SELLMA LUANNY**

*Base sólida ou azar? Vida ou morte?  
Verdade ou mentira? Número "quatro"...  
Quantas afirmações para um algarismo!  
Singelo e ordeiro... presente nas somas  
e subtrações... e outras contas...*

*Linguístico... sonoro... a fantasia da  
abstração! E o alastrar de um preconceito...  
no oriente... sinistro número... um pesadelo...  
o não poder em paz dormir... e a sombra  
a devorar a alma do medroso de si.*

*No ocidente... alicerce de quatro colunas e bases...  
uma rocha... pedra... sem tremor ou temor!  
Na conta redonda e certa... na espera  
do sucesso objetivado... como se aprende...  
e na memória firme se brinca... o "quatro".*

*Dito "Ano do Dragão"... Ou da onça-pintada...  
das baleias... do orangotango... dos insetos todos!  
Seu e meu e nosso! Com o pé direito, a entrar.  
Ou esquerdo?... Isso importa? Sem previsões!...  
Só votos de tudo de bom... e em 2024, adentrar...  
E quatro estrofes... para combinar!*

---

*Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).*





# ENSAIO COMPARADO ENTRE O AUTO DA COMPADECIDA E O CASTIGO DA SOBERBA

● POR MAX MOREIRA

Através deste ensaio comparado entre o *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, peça clássica do teatro brasileiro, escrito em 1955 e publicado em 1957 e *O castigo da Soberba*, de Leandro Gomes de Barros, procuraremos mostrar a importância do Romanceiro como fonte para uma literatura erudita, analisando principalmente as semelhanças e diferenças existentes entre ambos. Assim sendo, no decorrer do trabalho, evidenciaremos uma análise sobre o cordel presente na obra e destacaremos pontos que são relevantes ao nosso estudo e investigação.

Nota-se a recriação de Ariano Suassuna em sua obra para o teatro moderno, que parte de início de três cordéis: O Dinheiro – O Testamento do Cachorro, O Cavalo que Defecava Dinheiro, e O Castigo da Soberba. Também percebemos claramente no *Auto da Compadecida* a herança da religiosidade tradicional, que parte de tempos mais remotos, Idade Média, sendo que o seu maior encanto está presente na ingenuidade que a caracteriza, na singeleza dos recursos empregados. O autor consegue transpor um diálogo impressionante, logo, eminentemente teatral.

Cientes de que para podermos nos posicionar perante este ensaio, seria preciso uma investigação coerente, uma vez que não se trata de uma simples questão de comparar, portanto procuraremos focar explicações necessárias ou cabíveis que possam dar credibilidade ao nosso trabalho, tendo uma transparência satisfatória nos argumentos, entre outras possibilidades já existentes.

### SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Como bem sabemos, o terceiro ato do *Auto da Compadecida* se origina diretamente de *O Castigo da Soberba*. Ariano Suassuna ao recriar teatralmente alguns personagens do Romanceiro, fez propositadamente algumas aproximações idênticas ou quase idênticas. No *O Castigo da Soberba* temos o Cão (Diabo) e no *Auto da Compadecida* temos o Encourado e o Demônio. O próprio Suassuna afirma que o nome Encourado é criação dele e explica o motivo disso, veja: “O nome ‘Encourado’ é de criação minha, mas alusivo à crença sertaneja de que o Diabo costuma se vestir de Vaqueiro em suas andanças pelas estradas e encruzilhadas sertanejas” (1986, p. 188). Perceba que o nome “Cão” não seria adequado ao público de Ariano Suassuna, tendo em vista que se trata de um público mais culto, erudito. Ele mudou para uma palavra criada por ele e que se refere ao mesmo personagem. *O Castigo da Soberba* é de “origem” popular, e, portanto, o nome “Cão” é bem mais comum do que se fosse usado para um público erudito. Como bem sabemos, a literatura popular do Nordeste recebeu grande influência européia, principalmente ibérica, o que torna o emprego do nome “Cão” comum no romance sertanejo, principalmente se levarmos em conta as tradições católicas. Portanto, o nome “Cão” ou “Diabo”, dependendo da variante, é a versão popular nordestina. Já o Demônio vem a ser o secretário do Encourado, que não existe no cordel. Foi um acréscimo feito por Ariano Suassuna à sua obra, deixando implícito uma crítica social, na qual o Demônio é o servo adulator que trabalha para o Encourado. Vale lembrar que na sociedade feudal, o servo era a pessoa que estava ligada à gleba e que prestava serviços a um senhor, sem ser escravo.

O nome de Jesus Cristo também passou pelo mesmo “processo de apropriação e renovação” de que fala o próprio Ariano Suassuna, que fala o seguinte em seu texto: “... *Até o nome de Manuel, atribuído a Cristo, é de lá (O Castigo da Soberba): achei que a forma castiça portuguesa, Manuel, em vez de Emanuel, seria mais expressiva, para indicar que o que estava ali era uma versão popular nordestina do Cristo, e não o Cristo, mesmo...*” (1986, p. 1989). O que podemos destacar aqui, é que Ariano Suassuna ao tomar um romance popular do Sertão Nordeste para tratá-lo dramaticamente, procurou conservar na sua peça o que há de essencial no Romanceliro do Nordeste, como bem ele afirma em uma entrevista concedida a Folha da Manhã, do Recife, em 1948. Ariano bem que poderia usar o nome “Emanuel”, já que sua obra era dirigida a um público mais culto, no entanto, a intenção não era essa, sendo que a verdadeira intenção era transformar uma literatura tida popular em uma literatura erudita, mas conservando a essência daquela.

O próprio Ariano Suassuna admite ter deixado na sua peça “pistas” de todas as influências recebidas do Romanceliro popular: “... *eu procurei deixar rastros de todas essas influências, na peça, tanto na escolha dos nomes dos personagens, como, às vezes, em frases que se repetem e que vêm dos versos populares do Romanceliro Nordeste...*” (1986, p. 189). Na peça Auto da Compadecida, o Encourado diz: “Não tem jeito não. Homem governado por mulher é sempre sem confiança!”. No cordel O Castigo da Soberba, o Cão diz o seguinte: “Home que a mulher domina / Não pode ser justiceiro!”.

Um fator interessante entre as duas obras em questão é que em O castigo da Soberba, apenas a “Alma” arrogante é julgada, enquanto que no Auto da Compadecida, várias almas são julgadas. Qual seria a pretensão de Ariano Suassuna? Ao fazer uma análise mais sistemática, percebe-se que o autor pretendia com isso atingir criticamente os vários blocos sociais que aparecem na peça, como também os próprios problemas sociais: ora, temos o padeiro avaro, que representa a burguesa sertaneja; a mulher adúltera, que segundo as palavras da referida personagem, era maltratada e enganada pelo marido, o que a tornou vingativa; os cangaceiros, que segundo a “Compadecida”, eram vítimas da “pobre e triste condição do homem”; o padre corrupto; o bispo também avaro; enfim, podemos dizer que Ariano Suassuna deixou críticas sociais claras em sua obra.

Após o julgamento das almas e a partida de João Grilo, Manuel diz o seguinte a Compadecida: “Se a senhora continuar a interceder desse jeito por todos, o inferno vai terminar como disse Murilo: feito repartição pública, que existe, mas não funciona”. Esta é uma crítica severa de Ariano Suassuna dentro da peça às instituições públicas. Outra citação importante que podemos mencionar é uma em que Manuel fala o seguinte a João Grilo, quando este tenta impedir o Encourado de iniciar as acusações: “Deixe de chicana, João, você pensa que isso aqui é o palácio da justiça?...”. Veja que a crítica é direcionada a justiça do homem que é falha, no entanto, fica implícito que não se pode fugir da justiça divina. Outra crítica que não pode deixar de ser mencionada é direcionada ao Preconceito. Manuel (Jesus) surge com a cor da pele negra e João Grilo faz alguns comentários que deixam transparecer claramente que é preconceituoso: “... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos **queimado** (grifo meu)”. Pouco depois, João fala o seguinte para Manuel (Jesus): “... a cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto”. Manuel responde ao comentário de João Grilo: “... Você é cheio de preconceitos de raça. Vim hoje assim de propósito,

porque sabia que isso ia despertar comentários. Que vergonha! Eu, Jesus, nasci branco e quis nascer judeu, como podia ter nascido preto. Para mim, tanto faz um branco como um negro. Você pensa que eu sou americano para ter preconceito de raça?”.

Assim como a Literatura de Cordel se constitui numa verdadeira forma de instrumento capaz de deixar transparecer o sentimento falado diante da realidade do povo, a peça de Ariano Suassuna também vem a ser uma forma de instrumento que deixa transparecer esse sentimento falado frente a uma sociedade contraditória e injusta. Podemos concluir que ao tomar emprestado um romance popular para tratá-lo de forma diferente, Ariano Suassuna aproveita para atualizar alguns elementos de acordo com o contexto no qual está inserido, sem que se perca o entendimento da construção textual.

## A RELIGIOSIDADE OBSERVADA NA OBRA

Notam-se vários pontos que deveriam ser abordados, para tanto, podemos destacar o foco de um deles: A “religiosidade”. Utilizaremos três recursos básicos em sua íntegra: a Bíblia Sagrada, a obra Auto da Compadecida e O Castigo da Soberba, para fazermos um paralelo de valor sagrado ao profano.

Partiremos no primeiro momento, para o sagrado, a Bíblia, na qual vemos referência a Maria, a Escolhida de Deus, para dar à luz ao Filho do Altíssimo, que é Jesus Cristo. Aquela que, por Amor se doou, enfrentou a sociedade da época, sem medo de ser acusada e/ou afligir a Lei de Moisés. E com humildade soube aceitar a vontade de Deus, não hesitou, em nenhum momento, e acima de tudo, disse sim à vontade e obra do Pai Celestial. Podemos citar a passagem do Evangelho de Lucas, Capítulo 1, versículo do 26 ao 38. No versículo 38, Maria diz exatamente o seguinte ao anjo Gabriel: “*Então disse Maria: Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra*”. Que além desta, eis as principais passagens que encontramos no Antigo Testamento, que por ordem temos: Salmos: 88, 11; 97, 3; 102, 17; 106, 9; 110, 9; e Isaías 41, 18.

O Castigo da Soberba “espelha bem a confiança que os sertanejos depositam na misericórdia divina” (MOTA, p.159). Nesse sentido, a versão popular do Nordeste da personagem Maria d’O Castigo da Soberba se aproxima da versão bíblica de Maria, mesmo. Isso porque incorporamos culturalmente a nossa fé por Nossa Senhora, e que por sua vez, é espelhado na coletividade, na tradição oral. A fé do Sertanejo é retratada na Literatura de Cordel como sendo a fé do “povo”. Ao ler O castigo da Soberba, perceba que aquele que é julgado por Jesus, o *Salvador*, é justamente a Alma Soberba. Aqui, podemos fazer a seguinte observação: A Alma julgada era em vida um “Barão” e teve uma vida de arrogância e vaidade. Ele não era um cristão devoto, mas no final Jesus diz ao Cão: “Os demônios se arretirem / Vão lá pras suas prisão / *Que é pra não atentar mais / A todo fiel cristão...*”. Mas depois o mesmo Jesus diz: “Quem recorrer a meu nome / Eu garanto a salvação”. Por outro lado, no Auto da Compadecida, temos o Sertanejo marcado pelo sofrimento e acima de tudo, pelo *medo*. O Sertanejo encontra na fé o único caminho para que sua vida tenha um propósito. A princípio, poderíamos dizer que existe a seguinte contradição: porque Maria intercedeu para salvar uma Alma Soberba? Na história do Cordel, não poderia ser um Sertanejo pobre que tenha perdido a fé, devido suas preces não serem respondidas? Essa é a questão. Para a religião cristã, Jesus morreu

e ressuscitou para vencer a morte e nos salvar do pecado. Seu amor pelos Homens desta terra era tão grande, que Jesus deu sua vida para nos salvar. A própria “Alma” diz o seguinte a Jesus: “– *Ai, Senhor, por piedade, / Tenha de mim compaixão, / Pelo dia em que nasceu, / por vossa Ressurreição, / Por aquele grande dia, / Da vossa Morte e Paixão!*”. Momentos depois, Maria, a *Intervessora*, usa o mesmo argumento: “– Pra isto mesmo, meu Filho, / *Foi vossa ressurreição, / Trespasaram vós no peito, / Foi Longuim cãs sua mão, / Sofrestes muitos trumento / Na vossa morte e paixão*”. Perceba que a morte e paixão de Jesus tinham o propósito de Salvar todas as almas do pecado. Mesmo a “Alma” Soberba *apelou* não só para Jesus, como Maria intercedeu por ele, lembrando Jesus da razão de sua morte e paixão. Mesmo Jesus sendo justiceiro, ele atende o pedido de Nossa Senhora e dá a Salvação para a Alma Soberba.

Podemos fazer um paralelo com o Auto da Compadecida, no qual a Compadecida utiliza o seguinte argumento: “... É verdade que eles (o padre e o sacristão) praticaram atos vergonhosos, mas é preciso levar em conta a pobre e triste condição do homem... Quase tudo o que eles faziam era por **medo** [grifo meu]...”. Note que a Compadecida argumenta que a péssima conduta dos acusados é conseqüência das injustiças do mundo e do medo da morte, do sofrimento, da fome e da solidão, como dizem os próprios personagens do Auto da Compadecida. Podemos concluir que a Alma d’O castigo da Soberba também era vítima desse medo presente nos personagens do Auto da Compadecida.

Em um segundo momento, podemos perceber o profano, que retrata, ou mostra a religiosidade por outro ângulo, através da personagem por nome Maria no Auto da Compadecida. Maria surge como A Compadecida, piedosa e misericordiosa. No entanto, essa personagem surge com outro propósito, fazendo uso do hilário e/ou cômico, representando o lado religioso por um ângulo não mais sagrado, e sim, engraçado, que ora é voltado para o reconhecimento espiritual, ora para a astúcia e artimanha do ser humano. A própria Maria diz a João Grilo em resposta a sua preocupação, que era de ser enganado pelo Encourado: “...Que é isso? Não confia mais na sua advogada?”. E ao se despedir da Compadecida, João Grilo disse: “... Até a vista, grande advogada”. Lembre-se também que João Grilo foi o único que pensou em recorrer a Nossa Senhora.

Outra passagem do Auto da Compadecida que merece ser mencionada também é aquela em que João Grilo deixa claro um dos critérios que o fez chamar a Compadecida para lhe advogar era que ela é “gente que é gente mesmo”. Em outras palavras, João Grilo esclarece que a Compadecida (Maria) é totalmente “gente” como qualquer outra pessoa, enquanto que Manuel (Jesus) “é gente e ao mesmo tempo é Deus, é uma misturada muito grande”. Com isso, A Compadecida é colocada no mesmo patamar do personagem João Grilo, ou seja, pessoas comuns, gente. Nesse sentido, também não podemos esquecer que Maria é uma mulher e a condição feminina é também é um fator presente na obra.

## HIBRIDISMO OBSERVADO NA OBRA

O Castigo da Soberba é uma obra de caráter popular, *filha do Romancero ibérico*, ou seja, herdeira de um conjunto de elementos culturais ibéricos, portanto, europeus. Ariano

apropria-se desse cordel para dar origem ao terceiro ato do Auto da Compadecida, *neta do ibérico*. Ariano chama esse procedimento de “processo de apropriação e renovação”. Mas é em CANCLINI (2008) que encontraremos uma definição mais contemporânea a respeito desse processo e nos traz o conceito de “hibridação” que remete a esse mesmo “processo de apropriação e renovação”. Em seus estudos, CANCLINI (2008) parte da seguinte definição de hibridação: “*entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras*”. Partindo desse conceito de hibridação definida por CANCLINI (2008), podemos concluir que não existe nenhuma obra (estrutura discreta) essencialmente pura. Portanto, uma obra surge através das influências de outras já existentes e são geradas através da combinação destas. Assim, podemos dizer que, duas ou mais estruturas discretas se juntam para formar uma nova estrutura. Em outras palavras, duas ou mais obras se “misturam” para formar uma nova obra. Essa nova obra sempre estará em **dívida** com aquela que lhe deu origem e “esse trânsito do discreto ao híbrido, e as novas formas discretas, é a fórmula ‘ciclos de hibridação’ proposta por Brian Stross, segundo a qual, na história, passamos de formas mais heterogêneas a outras mais homogêneas, sem que nenhuma seja ‘pura’ ou plenamente homogênea” (CANCLINI, 2008, pp. XIX-XX).

Com a Globalização, a difusão de culturas e costumes tornou-se muito mais acelerada, o que torna o “processo de hibridação” muito mais “produtivo”. O intercâmbio entre o popular e o erudito ficou bastante acentuado, graças aos chamados “processos globalizadores”, que segundo CANCLINI (2008), “acentuam a interculturalidade moderna quando criam mercados mundiais de bens materiais e dinheiro, mensagens e migrantes” (p. XXXI).

No Auto da Compadecida, esse “processo de hibridação” é observado em vários momentos da obra. Mas, o que é necessário observar aqui é justamente a interação que existe entre o popular e o culto. Ariano Suassuna buscou na Literatura de Cordel elementos para “recriá-los” na sua peça. Vale lembrar que existe uma enorme diversidade de influências dessa mesma Literatura de Cordel no Auto da Compadecida.

Como bem sabemos, o ato final do Auto da Compadecida é baseado na cena de julgamento do folheto de cordel O Castigo da Soberba. Ariano Suassuna apropria-se do Diabo (Cão), Jesus e Maria (Virgem) do folheto, e os recria como A Compadecida, Manuel e o Encourado. Interessante citar é essa fala de João Grilo a Manuel (Jesus): “... mas se não me engano aquele sujeito (Encourado) acaba de chamar o senhor de Manuel”. Em seguida Jesus fala: “... Esse é um de meus nomes, mas você pode me chamar também de Jesus, de Senhor, de Deus... Ele gosta de me chamar de Manuel, ou Emanuel, porque pensa que assim pode se persuadir de que sou somente homem...”. Note a relação entre os nomes dos personagens do folheto e os nomes dos personagens da peça:

<b>POPULAR – ERUDITO</b>
CÃO – ENCOURADO
MARIA – A COMPADECIDA
JESUS – MANUEL

Não seria adequado a utilização na peça dos mesmos nomes utilizados no folheto. Lembremos que o público de Ariano Suassuna é um público culto, requintado, erudito. No entanto, os nomes utilizados por ele são recriações suas para representar os mesmos personagens sem perder a essência da tradição popular. Interessante notar é que, por exemplo, no Cordel, temos a presença do Jesus mesmo, e na peça, temos o personagem Manuel (nome de homem comum), que representa a versão nordestina do Cristo.

Já a “Alma” do folheto é substituída pelos personagens da peça. Ainda n’O Castigo da Soberba temos a presença do Cangaceiro, personagem forte do Romanceiro Nordestino, na qual podemos citar os folhetos de Lampião e Antonio Silvino. Temos também a presença de João Grilo, pobre, feio, porém astuto, e que cuja principal característica é a fé ingênua que simboliza na peça a “fé do povo”, espelhada nos folhetos. Como bem sabemos, João Grilo foi criado e recriado várias vezes a partir do Romanceiro, mas segundo o próprio Ariano Suassuna, foi uma homenagem ao personagem João Grilo de “As Proezas de João Grilo” de João Ferreira de Lima.

Vale ressaltar que no próprio título da peça, Auto da Compadecida, existem “pistas” das influências medievais do teatro de Gil Vicente, como sugere a primeira palavra “Auto”. O “Auto” caracteriza o gênero dramático, e já trazem em si a sugestão de encenação de peças. Ariano Suassuna “transforma” uma literatura popular em literatura erudita, mas mantendo a essência da tradição popular. No final do terceiro ato, Ariano Suassuna nos deixa uma verdadeira pista das influências do folheto. Encerraremos este ensaio reproduzindo o “verso” do romance popular O castigo da Soberba, cantado pelo Palhaço, mostrando que também possui talentos de “cantador”:

*Meu verso acabou-se agora,  
minha história verdadeira.  
Toda vez que eu canto ele,  
vêm dez mil-réis para a algibeira.  
Hoje estou dando por cinco,  
talvez não ache quem queira.*

## BIBLIOGRAFIA

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. – 4ª ed. – 3ª reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. – (Ensaio Latino-Americanos, 1).

MOTA, Leonardo. **Viroleiros do Norte**. In: *O Castigo da Soberba*.

SUASSUNA, Ariano. **Literatura Popular em Verso**. Manuel Diegues Junior, Ariano Suassuna, Bráulio do Nascimento, et. al. Editora: Itatiaia, Belo Horizonte, 1986.



Suassuna, Ariano. **Auto da Compadecida**. 35ª Edição / 7ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Agir, 2005.



### **BREVE BIOGRAFIA DO AUTOR: MAX MOREIRA**

Max Moreira, tem 39 anos, cursou Letras na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, formando-se em 2009. Atua como Técnico Administrativo desde 2013. É fã de histórias em quadrinhos e dos Super-Heróis brasileiros. Seu livro preferido é Memórias Póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis, uma obra-prima do Realismo Brasileiro, na visão do Autor. Nas horas vagas, gosta de cuidar de suas plantas e de ler quadrinhos.

# NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.


**BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI**

MAFRA EDITIONS  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



# INTERGERAÇÕES

Por Mirian Menezes de Oliveira



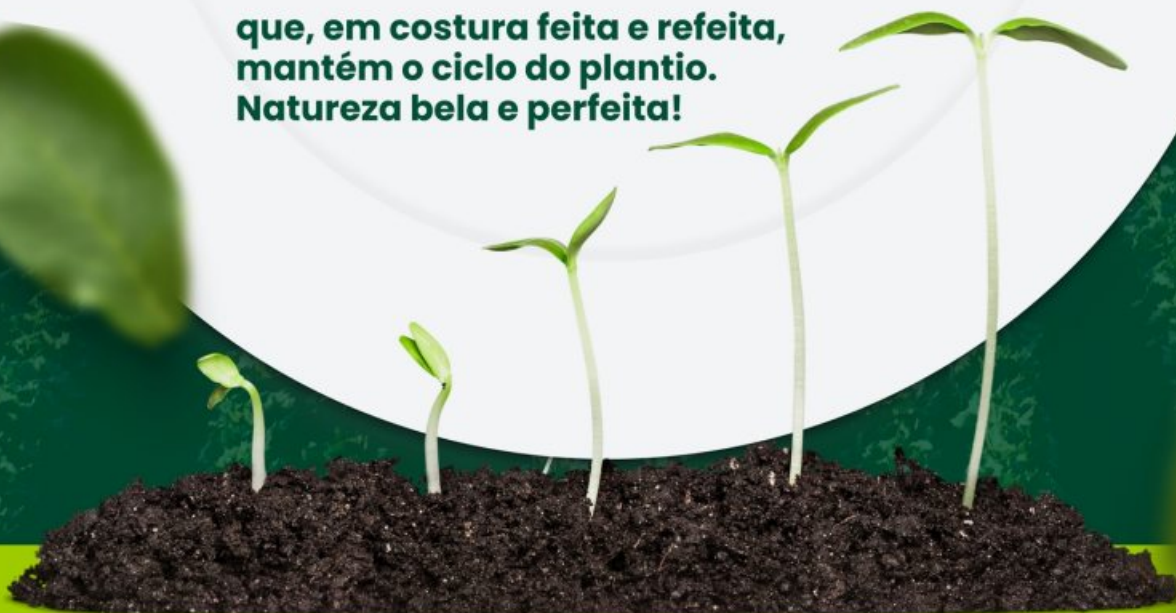
Nos verdes galhos, "o maduro".  
Tronco e seiva compartilhados...  
Frutos dispersos no chão duro;  
galhos secos, esparramados.



Caule firme: "porto seguro"...  
Todo o cenário enrodilhado:  
O passado com o futuro,  
no tempo presente, enredados.

Em sementeira, em replantio;  
Na poda e também na colheita,  
imperava a vida: grande fio...

que, em costura feita e refeita,  
mantém o ciclo do plantio.  
Natureza bela e perfeita!



Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

# É ESSA COISA DE SER BAIANO



Por Gilmar Duarte  
Rocha

— **O** que o você explica ter participado de todos os grandes movimentos musicais do Brasil, como o boom de Carmen Miranda e Bando da Lua nos Estados Unidos na década de 40; a participação decisiva na criação e difusão do samba sincopado da Bossa Nova na década de 60; ser idolatrado atualmente por músicos de todas as tendências da MPB? — perguntava Caetano Veloso a Dorival Caymmi numa entrevista improvisada, no fim da década de 80.

O velho menestrel de cabelos brancos como neve e parrudo como um buda nagô, revirou os olhos para cima, como se estivesse imitando com o movimento frenético das pálpebras as asas de um colibri, respondeu a Caetano:

— É essa coisa de ser baiano, sabe!

Caetano riu, pois ele entende o que é essa magia que vem da terra de todos os deuses e orixás.

Dorival Caymmi nunca fez propaganda da Bahia. O velho músico, autor, artista plástico era a própria Bahia em carne e osso, pois levava consigo a brisa das praias bucólicas de lá; o canto plangente do pescador que lança a sua rede nas águas de Iemanjá quando ainda é madrugada; o tempero picante da baiana que prepara as melhores iguarias do planeta; a magia da lagoa escura de areia branca; o ócio luxuoso do capoeirista e do tocador de berimbau e, sobretudo, a musicalidade que está incrustada nas veias do povo mestiço, meio jeje-nagô, meio caboclo, meio índio tupinambá, meio branco europeu.

Descendente de imigrantes italianos e de escravos africanos, Dorival Caymmi nasceu e cresceu na velha São Salvador, brincando de empinar arraia (pipa, papagaio), de bater baba (jogar pelada) e bambeando pião nas ruas estreitas de calçada irregulares e nas praças recheadas de sobrados. Inspirando-se no pai, que gostava de tocar violão, o garoto mulato alternava as horas de estudo com incursões às distantes praias do Rio Vermelho e a mais longínqua ainda Itapuã, para namorar o mar, brincar com os colegas e arranhar as primeiras notas num singelo violão. Em poucos anos, o já adolescente Dorival dominava o instrumento e começava a compor as suas primeiras peças musicais.

Chegou o tempo em que a Bahia ficou pequena para o talento de Dorival. Alcançando a idade adulta, pegou um ita no porto de Salvador e foi tentar ganhar a vida na capital federal, o Rio de Janeiro. Pretendia, em princípio, tornar-se advogado. Mas ele sabia no seu íntimo que o seu destino estava ligado umbilicalmente à música, que entrou profissionalmente na sua vida por um desses caprichos da vida. Produtores de cinema brasileiros estavam precisando desesperadamente de um músico para substituir o grande Ary Barroso, que, por motivos pessoais, teve que abandonar o projeto audacioso do filme *Banana da Terra*, estrelado pela talentosa Carmen Miranda. O quase desconhecido Caymmi caiu como uma luva, ainda mais quando compôs em tempo recorde a canção *O que é que a baiana tem*, que tornou-se um hit instantâneo na voz da *pequena notável*, alcunha artística de Carmen. Com o sucesso do filme e principalmente dessa música, a cantora luso-brasileira chamou à atenção da América e foi contratada para cantar e estrelar em peças e filmes nas terras de Tio Sam. O sucesso de Carmen não derivou apenas da música e do uso espalhafatoso do traje das baianas de Salvador. Lembram-se do “do revirar das pálpebras

cotejando o movimento das asas de um colibri”? Caymmi não ensinou a ela apenas esse tique. Gastou horas e horas mostrando a moça branca de olhos verdes como se deve requebrar tal qual as lindas negras do bairro da Liberdade; como girar os braços e cotovelos da forma que faziam as dançarinas de “vida fácil” das casas de show da Ladeira da Montanha; de usar balangandãs, rosários e miçangas como as pretas da península de Itapagipe.

Caymmi não era apenas cantor e compositor. Ele era uma orquestra filarmônica inteira. Se dessem mais dois braços a ele, decerto ele seria uma orquestra sinfônica. Sozinho com o seu violão num palco, ele sempre deixava o público boquiaberto, tamanha a habilidade em tirar uma gama de sons de apenas seis cordas de um simples violão. A voz grave e maviosa dava o toque final às suas composições, que tinham o invólucro de popular, mas são eruditas tanto quanto as peças clássicas do mestre Villa-Lobos. Essa qualidade musical explica o baixo número de canções de sua autoria se comparado aos outros grandes autores da MPB. Pois ele não apenas compunha uma canção: ele pintava as notas musicais e as emoldurava num quadro imaginário.

“Essa coisa de ser baiano”: uma definição quase profética. Diz a lenda que o famoso cantor Cauby Peixoto, ao sobrevoar a Bahia durante uma turnê pelo Nordeste no crepúsculo da década de 60, apontou o dedo para as terras do Recôncavo e disse, com a sua característica voz empostada: “...é desse lugar que vêm aqueles seres extraterrestres ...”

A Bahia, de fato, tem um jeito, como disse Caetano Veloso em uma de suas canções. Jeito esse que Dorival expressou muito bem com as suas melodias e Jorge Amado traduziu com maestria nas suas novelas. Mas há muita coisa que ainda está por vir lá da Bahia, que continua viva ainda lá; que os patrícios desse lugar ainda não clareou para o mundo. Magia em profusão ainda virá de lá e eu vi.

Bahia, doce mistério!



**Gilmar Duarte Rocha**, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

Você não sabe como divulgar

# O SEU LIVRO?



FIQUE TRANQUILO,  
NÓS FAZEMOS ISSO  
PARA VOCÊ!



SAIBA MAIS ↑

DIVULGUE PARA + de 800 mil leitores  
POR R\$ 150,00

ENTRE EM CONTATO:

e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# SIM! ACONTECE!

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Na madrugada, (acredite) “escuto” o ar  
“Muitas vezes”, ou sei lá, quase sempre aprecio o seu perfumar  
Vejo a noite resplandecer em claridade  
Pássaros ausentes do repouso cantando de felicidade

Na madrugada, a delícia de a tudo observar  
Em movimentos efêmeros, mas contínuos, o aspirar  
O “perfume” aguçando à vontade para outro viver  
Que a vitoriosa “insônia” passa a estabelecer

Na madrugada, então, olhos bem abertos  
Não se consegue fechá-los por certo  
Súbito o levantar para “prontidão” na janela

Na madrugada, tudo acontece, até pensamos em imaginação  
Assinamos a “escritura” pela ocupação no coração  
Mas, na verdade confesso, bem choroso, acordado, ainda espero  
por ela!



# NO CORAÇÃO...

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Da sua parte, o tão sincero “não”  
Feriu de mansinho este “coração”  
Claro! Isto mesmo... o meu  
Fazendo-me sentir que, por mim, seu amor morreu

Uma dor esquisita... diferente  
Palavra maldita machucando a gente  
Que, de você, jamais pensara em escutar  
Pelo tanto de tempo em que me dediquei nesse amar

Do resultado, “muitas vezes” não, infinitamente, chorei  
A consolar ao “coração”, carinhosamente, o abracei  
Me colocando no seu lugar como o grande “sofredor”

Nos olhos, impotência para os fechar  
Lágrimas se foram, nenhuma a mais para chorar  
“Nele”, o infindo corte rasgado, pelo tanto que foi em só te  
dar “amor”

# QUANDO O AMOR APARECE

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Dele...

Não se esquece  
Surge na infância  
Bem simplesinho  
Sem nenhuma moda  
Nada de poda  
Completinho  
Esquece... coitado... da elegância

Às vezes o tempo passa  
Como fumaça  
Mas continua vingando  
Com os dois se amando  
Outras não  
Maltrata ao coração  
Ao virar Paixão

E o amor... essa flor, perde seu espaço  
E a cada caminho vivido  
Pode não ser mais querido  
Mas amor é amor! No mesmo passo  
Nascerá em outro Jardim  
Como nova e bela flor, jamais terá fim  
Amar é assim

# QUANDO O AMOR SE AFASTA

Por Joaquim Cândido de Gowêa

Não avalie como imensa dor  
Algum afastamento  
Nem estigmatize não existir mais amor  
A cada segundo... momento

Corpo... cabeça...  
Tente sacudir  
Diga para si... esqueça!  
Ter havido um indesejado partir

Claro! Outro amor surgirá  
Melhor internamente se sentirá  
Ao constatar da vida a surpresa

Assim... sorrirá do tempo por sentir-se presa  
Por algo forte... maior que a emoção  
Posto que alegre se acomodará outro amor em seu coração

Enfim cheguei...  
Estou aqui  
Sou  
O amor

# NO "POEMA"

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Em um "balé"  
De letras envolvido  
Com "aquela" fé  
Finjo ter esquecido  
No "Poema", a fantasia  
Com referências de alegria

Encabulado  
Mesmo assim  
Faço ideias do sussurrar  
Perto da face  
Palavras doces  
Insisto em declamar "jorrando" poesia

Claro! Vislumbro assim  
Aquela "cavinha" ... sem fim  
Do sorriso, no canto dos lábios a se formar  
Olhos brilhantes, agora gigantes  
Cor de mel, levando-me a viajar  
Pensar estar no "Céu"

Nesse emaranhado  
De palavras, consigo destacar  
O amor, que no "Poema"  
Alego não ter havido dor  
Somente amor! E... você acreditando  
Fico sonhando

# JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na – REVISTA CONEXÃO LITERATURA – e, no exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa – Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho sou ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea\_

Email: mjgouvea@hotmail.com

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO

VOL. II



E-BOOK

saiba mais: clique aqui



# PACOTE

## DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

- **DIVULGUE  
PARA + DE  
800 MIL  
LEITORES**

**R\$ 150**

**DIVULGUE O SEU  
LIVRO CONOSCO**



[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)**

## DICAS PARA LEITURA

POESIAS AO VENTO, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.

VOLUME VI



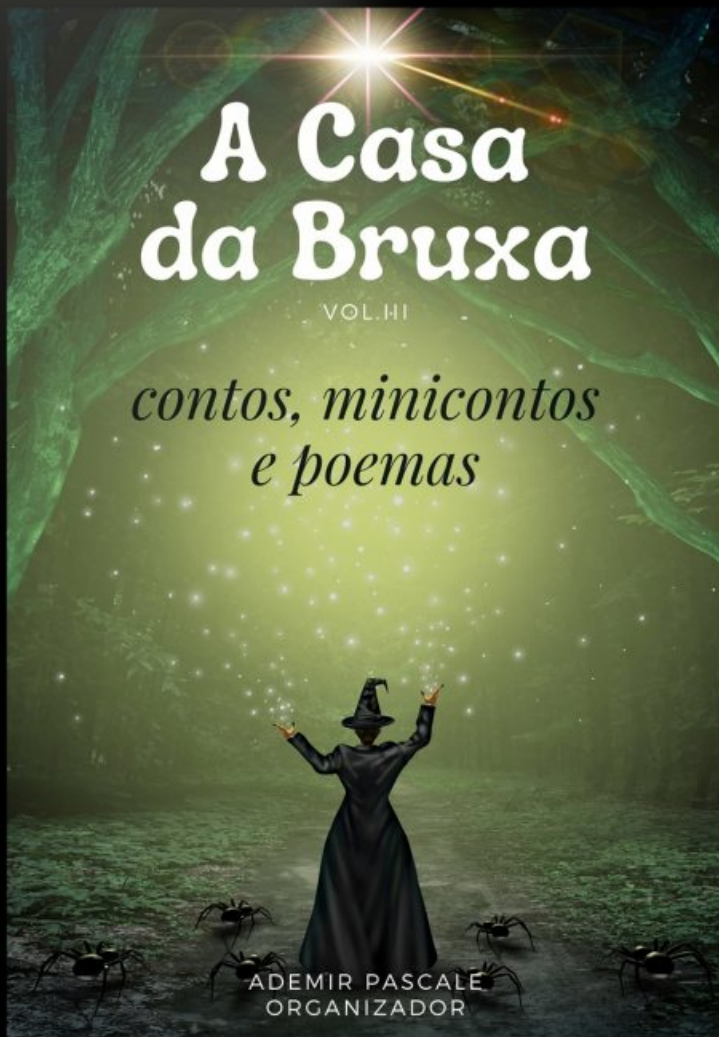
# POESIAS AO VENTO

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

# A Casa da Bruxa

VOL. III

*contos, minicontos  
e poemas*



ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

A CASA DA BRUXA, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



# TRISTE SINA

Por SÍLVIA GRIJÓ

meu poema  
acordou angustiado  
apreensivo  
numa agonia sem medida  
desconte, calou-se  
com a sensibilidade  
à flor da pele  
não conteve-se  
chorou copiosamente  
na sua agonia  
confessou-me:  
- noite nefasta  
toda de pesadelo...  
triste sina  
de um poema  
sensível



# O DIVINO

Por SÍLVIA GRIJÓ

saúdo a bela  
madrugada de hoje  
com o divino  
o teu divino olhar  
a olhar  
o meu  
divino  
que está  
no ar  
da tua graça  
no divino ar  
do teu respirar  
a ofegar o divino  
do meu sentir  
a despertar  
o divino  
do teu ser  
a sussurrar  
a divina beleza  
de amar...



# PASSAGEM

Por SÍLVIA GRIJÓ

todo dia que em mim amanhece  
é um recomeço  
confiante que meu caminho  
ainda não chegou ao fim,  
as quedas, as interrupções  
não interrompem o ciclo natural  
e a vida pede passagem  
no surgir da nova estrada  
uma segunda chance...  
a queda me permite um lindo  
diferente e necessário passo de dança  
no palco do mundo,  
a tormenta do medo, a inquietude  
transportam-me ao topo  
da escada dos sonhos  
ah, os sonhos,  
os meus  
se entrelaçam  
se materializam  
encontram-se  
escada  
ponte  
continuidade...



**SÍLVIA GRIJÓ** – é natural de Anori-AM, mora em Manaus, considera-se uma Poeta Aprendiz. Autora da obra **MULHER À FLOR DA PELE**/EditoraPalavradaTerra. É coautora em 02 Audiolivro, 05 E-books, 09 cordéis, 45 Antologias. É membro efetiva das confrarias - ACILBRAS, ALCAMA, ALACA, AHBLA, ABEPPA, ASSEAM, AJEB-AM e Grupo “Formas Em Poemas”; atua nos Projetos “Musicalidade Poética”, “Literatura Caminhante”, “Movimento Patologia Cultural”. Fundadora da Cordelteca em Anori-Am. Foi condecorada com os prêmios: “Arara Cultural 07/22; “22° Prêmio Cidade de Manaus,10/22”, Homenagem de Honra ao Mérito, dezembro/2022, da ABMCJ Região Norte; “Premium Internacional da Amazônia/2023, Prêmio Literário “Pena de Ouro-AM, 07/2023. Formada em Ciências Biológicas, Profa. Especialista, Fotógrafa, cuidadora da Terra e das flores. Silvia acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento – é dar a luz com a própria alma.

Instagram: @silviagrijocavalcante

Facebook: Silvia Grijó Cavalcante

WhatsApp (92) 98250-6477

# ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?  
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

# URBANIDADES

Vejo amores refletidos  
Nos espelhos dos espigões

Vejo amores  
A ultrapassar semáforos  
Com pressa  
E sempre com pressa  
Brotam dos corações



Vejo amores felizes  
A jorrar pelos chafarizes

Vejo amores silentes  
Ou em prantos notórios  
Adentrando as igrejas  
Os parques  
Os velórios

E com mansidão  
Alguns amores saltitam  
Pululam  
Nos fios de alta-tensão

É certo que alguns amores  
Ficam paralizados  
Imóveis

Já outro são queimados  
Pelas chaminés  
Pelos escapamentos dos automóveis

O amor  
Mesmo ofuscado pela fuligem  
Está lá  
Brilhando com as estrelas  
Alumiando as construções de concreto

Na cidade o amor nasce  
Na cidade o amor cresce  
Na cidade o amor morre

Na cidade  
Nessa cidade  
O amor se faz  
Necessidade

Nessa cidade  
O amor percorre  
Coexiste  
Convive com o plástico  
Com o lixo  
Com o asfalto

A cidade,  
Esta segue com suas mazelas  
Mas o amor consegue  
Penetrar em seus meandros  
Driblando  
Vencendo toda a fria urbanidade

Daniela Bloc é formada em Direito pela UFC, mas sempre atuou na área da educação. Tem especialização em Psicopedagoga pela Unichristus. Tem um livro infantil publicado e participações em revistas e antologias.





**Por Gianni Maria Carneiro**

**UM POVO SEM CULTURA  
É UM POVO SEM VIDA**



**U**m Povo sem cultura, é um Povo sem vida; a cultura de um povo, é como o sangue correndo nas veias, é o ar que respiramos.

A cultura unida a educação, constrói um país, constrói um futuro; um país que não dá educação para o seu povo, e nem cultura para a sua gente, está fadado ao fracasso. Um país sem cultura, não tem passado, nem presente, nem futuro. Um povo sem cultura e sem acesso à educação, não respeita e muito menos conhece suas origens, seus heróis, sua magnitude.

Se sente como o vira-lata, que todo mundo dá pontapé. Não se valoriza, não se conhece, não consegue se libertar da miséria, do analfabetismo. E aí é como um carrossel, gira, gira e não sai do lugar; é como a dança do índio, que faz que vai, mas não vai.

E é assim o Brasil: um país cheio de cultura; têm cultura para dar e vender, de norte a sul, de leste a oeste no centro-oeste, mas uma região não conhece e nem vive a cultura de outras regiões; pois o conhecimento não é incentivado em nosso país. A educação é desvalorizada; hoje em dia o aluno não passa de série por mérito e sim por lei.

Daqui há vinte anos, continuaremos a ter, pessoas com falta de conhecimento, semianalfabetas, sem qualificação profissional e provavelmente desempregadas.

Pois não há política de Estado para a educação.

É o que disse: um povo sem cultura é um povo sem vida



### **Gianni Maria Carneiro**

Sou escritora tenho livros publicados juntos com outros autores de textos classificados em concursos.

Adoro interagir com as pessoas; gosto de criações, tenho 3 gatos. Gosto de ambientes culturais ópera e música clássica.

**CONHEÇA A**



CASA  
BRASILEIRA  
DE LIVROS

Fique por dentro de nossos  
projetos literários:

**1001**   
**POETAS**

Antologia




MicroConto de Ouro



PENA DE OURO

[www.casabrasileiradelivros.com.br](http://www.casabrasileiradelivros.com.br)

 @casa.brasileira.de.livros

 /Casa Brasileira de Livros



# Cada coisa em seu lugar

## Por Marcos Antônio Silva Carneiro



A Terra não gira ao contrário, mas a vida, essa sim, tem uma outra dinâmica. Ela para, volta, pula, vai rápido ou devagar, às vezes, ela chega a voltar para o ponto em que você se encontrava em uma bifurcação do destino e escolhe um caminho.

Eu estou passando por esse momento, em que volto para a bifurcação. Como já fiz um caminho, e o cumpri até o fim, vou pegar o outro e ver até onde ele vai me levar.

Meses atrás eu comprei um quadro de um artista que curto. A peça foi até cara para quem aprecia, mas que não consumia esse tipo de arte. Por mais que eu e meu, agora, ex-namorado ensaiávamos pendurar o quadro, nunca o fizemos, e ele ficava de um lado pra outro da casa. De móvel em móvel, testemunha de nossa relação, praticamente do começo ao fim.

Me pergunto por que não penduramos o tal quadro, se tantas outras coisas fizemos para dar a nossa cara àquela outra casa. Investimos em iluminação, mudamos móveis, compramos objetos e até chuveiros trocamos, mas o quadro não viu um prego.

Quando passei a procurar um novo apartamento, foi uma surpresa pra mim, me deparar com o mesmo imóvel para onde eu iria, antes de decidirmos morar juntos. Assinei o contrato de aluguel, e me mudei para o novo lugar. A primeira coisa que fiz foi pendurar a peça.

Hoje, ela tem sua parede e é testemunha da história de apenas uma pessoa.

# Duas Mães

## Por Marcos Antônio Silva Carneiro

---

Nunca acreditei no significado tradicional, quase dogmático, de família. Papai, mamãe, filhinhos. Se fosse assim, pensava eu, quando esse grupo de pessoas se desfazia, não se chamaria mais de família?

Há pessoas que, por questões sociais, e mais profundamente por sangue, acabam por conviver para sempre ou por um determinado momento de suas vidas. Suas existências se entrelaçam ou seguem uma jornada paralelamente. Mas e o que dizer daquelas que se escolhem, sem as relações sociais ou as definições genéticas?

Eu tenho duas mães. Uma a qual estou ligado há 42 anos e nove meses e amo, e outra há 42 anos, e amo. Essa dupla maternidade, unicamente explicada pelo afeto de duas mulheres por mim desfez, pelo menos em minha jornada de autoconhecimento a ideia obrigatória de família do sentido literal, religioso ou mesmo legal.

Uma, Francisca me gerou e escolheu a maternidade. A outra, Cecília, me escolheu. E posso dizer que, entre as poucas certezas que tenho da vida, seu amor é o mais generoso que uma pessoa pode ter pela outra, porque nunca houve uma obrigação moral, genética ou legal dela para comigo. Nossa relação é do mais puro amor.

Era de se esperar, por Francisca ser a pessoa que é, que amasse todos os filhos que viesse a ter. Mas Cecília não gerou filho algum, não planejou ser mãe, não casou, não pensou em ser mãe solo. Nossas existências se encontraram em um determinado ponto, no caso, o meu nascimento, e de lá pra cá, mais de quatro décadas ela provou ter por mim, um amor daqueles raros, de tamanha generosidade e dedicação que conceito algum conhecido de família poderia definir.

Quando criança, falavam "a sua mãe e a sua tia". Por mais novo que fosse eu dizia "não, ela não é minha tia. É minha mãe". As pessoas tentam se enquadrar e enquadrar as situações suas e dos outros em estereótipos, arquétipos, caixinhas. Elas fazem isso porque para muitos a vida só tem sentido se explicada dentro de uma lógica social matemática, que é cruel para quem está à margem desse comportamento esperado.

Mas como explicar o amor de mãe que Cecília nutriu, mostrou e prova todos os dias por mim? Eu mesmo nunca tentei explicar porque não vou racionalizar algo que só me fez bem e, acredito, faz bem a ela. E o mais curioso de tudo isso é que meus pais nunca, em momento algum, se enciumaram, ou tentaram tolher essa relação. Muito pelo contrário. Passei a vida tendo duas casas, dois quartos, duas mães e um pai, e isso é máximo de matemática que posso lhes dar, meus caros.

No último dia das mães, liguei para Francisca para dizer que a amo. Ela terminou dizendo algo que jamais esquecerei. "Marcos, eu te amo, você é meu filho. Eu tenho três filhos e, talvez, a Cecília seja até mais mãe sua do que eu, porque eu acolheria você de qualquer forma, mas ela escolheu você unicamente por se sentir sua mãe. Jamais se esqueça disso".

Sendo assim, eu retiro o conceito ordinário, comum, de família e adoto o de pessoas que se aceitam, se agregam sem explicar suas relações, unidas apenas pelo tipo de amor generoso que não cobra da vida nada além da felicidade do outro.

# O amor e outras coisas

## Por Marcos Antônio Silva Carneiro

---

Há o amor pelas coisas e o amor das coisas. O primeiro é aquele desejo por um sapato, um carro, uma bolsa cara. tudo está ligado ao valor material que os outros dão e que você paga.

Mas o amor das coisas é aquela dedicatória num livro que você compra num sebo e dá a alguém que ama. E é aí que minha estória começa. Minha mãe, uma vez, me deu um livro, cuja edição dos anos de 1950, era uma peça de Shakespeare, Ricardo III. O livro era tão difícil ler, que lia quase uma página por dia, mas ele era um tesouro pra mim. Não apenas pelo esmero que ela teve em escolher algo de tão bom gosto. Capa dura, camurça vermelha, letras em dourado. O que realmente me encantou naquele livro antigo é que ele tinha duas dedicatórias. A primeira era dela para mim, e dizia "espero que enriqueça sua cultura e seu vocabulário", e outra, essa sim datada de 23 de abril de 1957, era de um Felipe para uma Maysa com apenas um "com amor, Felipe".

Isso é o mais puro amor das coisas. É o sentimento, a vida, a exclusividade de uma subjetividade que, voluntariamente, damos a algo inanimado. Não é apenas um objeto, no caso o livro, é um objetivo, o de dar sentido a algo por alguém que se ama.

Tempos atrás eu dei um buquê de rosas para minha mãe, coisa que ela sempre gostou. Aproveitei a ocasião e tirei uma pétala de umas das flores e coloquei dentro daquele livro que ela havia me dado muitos anos antes, esse sim, um hábito meu. Por vezes abria o livro e checava se a pétala estava lá, até que um dia não a encontrei mais entre aquelas páginas.

Não me entristeci, sequer uma melancolia senti. Tudo naquele livro havia cumprido seu ciclo. Um livro que Felipe deu à Maysa, e Francisca deu Marcos, e que continha uma pétala que se perdeu com o tempo, tinha tanto amor, tanto sentimento, que a gente nem se lembrava que era Shakespeare. Era uma estória dentro da estória dentro da estória...



# Sobre Marcos Antônio Silva Carneiro



Sou maranhense, de Imperatriz. Tenho 42 anos, jornalista, assessor de comunicação. Sou curioso sobre como o mundo se enxerga em suas relações e tento, por meio de minhas vivências, mostrar a minha identificação com essas interações. Boas e ruins.

Um livro pode  
conter um  
universo  
inteiro, por  
mais infinito  
que seja.



Revista Conexão Literatura

# ENTREVISTA COM BERT JR.



**Bert Jr.**

Bert Jr. nasceu e cresceu em Porto Alegre. Após graduar-se em História, mudou-se para Brasília, onde cursou Diplomacia no Instituto Rio Branco. A profissão de diplomata já o levou a conhecer vários países. Estreou na ficção em 2020, com “Fict-Essays e contos mais leves”. Escreve prosa e poesia, tendo seis livros publicados até o momento. “Sem pé com cabeça”, lançado em novembro de 2023, é o seu primeiro volume de crônicas.



**Entrevista**

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Bert Jr.:** Comecei a escrever poesia ao final da adolescência. Aos 18 anos, dois de meus poemas me levaram à etapa final do concurso literário mais importante do Rio Grande do Sul à época. Por essa razão, tive o privilégio de conhecer pessoalmente Mario Quintana e Lya Luft, que eram membros do júri. Com o passar dos anos, já na fase adulta, fui deixando de escrever. Estava envolvido com a profissão de diplomata e com a vida familiar. Em 2020, no entanto, fui tomado pelo ímpeto de voltar a escrever. Dessa vez comecei pela prosa, com o livro “Fict-Essays e contos mais leves”. Em seguida, publiquei o meu primeiro de poesia: “Eu canto o ípsilon E mais”. Desde então, tenho publicado todos os anos. Em 2023, lancei o meu terceiro livro de poemas - “Vi&Verei” - e um volume de crônicas - “Sem pé com cabeça” -, ambos pela editora Labrador.

**Conexão Literatura:** Você é autor do recente livro “Sem pé com cabeça”, um compilado de crônicas publicadas na Revista Conexão Literatura ao longo dos últimos 2 anos. Poderia comentar?

**Bert Jr.:** A partir de meados de 2021, passei a colaborar assiduamente com as edições mensais da Revista Conexão Literatura. Meus primeiros envios foram de contos; porém, logo comecei a produzir um tipo diferente de texto, que cheguei a classificar como artigo. Só que os textos possuíam uma forte marca humorística, de sabor *nonsense*, e se caracterizavam pelo jogo divertido entre ficção e realidade. Por fim, me convenci de que seria mais adequado classificá-los como crônica, que é um gênero da prosa ficcional. Diverti-me muito elaborando esses textos para a RCL. A satisfação que senti com o resultado levou-me a cogitar a possibilidade de vir a reunir esses trabalhos num livro. Foi assim que surgiu “Sem pé com cabeça”.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Bert Jr.:** As inspirações são as mais variadas, podendo advir de leituras literárias, artigos ou notícias da internet, observações da vida real, ou simplesmente de devaneios que extrapolam a realidade. Quanto ao processo criativo, o procedimento mais importante é tomar o assunto que despertou a minha atenção e tratar de explorá-lo por ângulos não convencionais, de modo a causar perplexidade e curiosidade no leitor, atraindo-o para um exercício de imaginação essencialmente divertido. Um exemplo disso é a crônica “Origens discutíveis”, em que apresento hipóteses um tanto ridículas para o surgimento de costumes como a dança, o beijo, o emprego do café, etc. Em “Paixões profissionais” utilizo episódios absolutamente improváveis e engraçados para ilustrar até que ponto os vícios da profissão podem estar entranhados em nós. Em “Futuros clássicos”, faço uma brincadeira parodiando clássicos da dramaturgia, como Romeu e Julieta, Othelo, e Cyrano de Bergerac. Literatura, gastronomia, história, língua e costumes são temas recorrentes das crônicas de “Sem pé com cabeça”.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?



**Bert Jr.:** Cito um trecho da crônica *A pergunta do milhão*: “A solidão cósmica parece consistir num problema e tanto. Não nos basta proliferar em massa, gerar cerca de oito bilhões de semelhantes para que transitem, roçando seus corpos, num mundo cada vez mais interligado. O valor, ou o sentido, da existência não muda de grau em função do aumento exorbitante da população planetária. Desejamos respostas, que talvez possam vir a ser transmitidas por membros de sociedades mais avançadas, civilizações alienígenas. Também, de certa forma, ansiamos por sermos monitorados, acompanhados nos passos de nossa incerta evolução. Mesmo porque o nosso sucesso em dominar o planeta não nos torna mais convivíveis nem confiáveis, como bem o demonstram as guerras que nos fustigam repetidamente, em todos os séculos, inclusive no atual. Então, como resistir a



imaginar-nos monitorados por uma raça superior, que se comporta pacificamente, pacientemente? Seres que nunca puxaram uma arma, que jamais deram um tiro sequer. Que na maioria dos casos apenas se fazem notar, de modo esporádico, como quem diz: ‘Ei, estamos aqui, viu? Não deixaremos que incidam no erro grotesco da autoextinção’.”

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Bert Jr.:** “Sem pé com cabeça”, assim como meus outros livros, pode ser adquirido na Amazon, assim como noutras plataformas de venda online, tanto em formato impresso quanto digital. Também pode ser encomendado em livrarias.

**Conexão Literatura:** Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

**Bert Jr.:** Diria a quem está começando para perseverar na prática da escrita e não descuidar do hábito da leitura, que é fonte principal da imaginação literária.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Bert Jr.:** Sim! No primeiro semestre de 2024 virá a público o meu primeiro romance, uma distopia humorística. Aguardem! Prometo que será surpreendente.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: “Antes do baile verde”, de Lygia Fagundes Telles

Um ator ou atriz: Morgan Freeman e Drica Moraes

Um filme: “O pianista”, dirigido por Roman Polanski

Um hobby: Leitura

Um dia especial: Aquele em que se cria uma nova estória.

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Bert Jr.:** É, de fato, motivo de grande satisfação ter podido reunir 23 crônicas, escritas ao longo de dois anos, e publicá-las numa edição caprichada (a capa e a diagramação estão fantásticas!). Quero expressar minha gratidão à Revista Conexão Literatura por haver acolhido os meus textos em suas edições mensais, sempre com a mais ampla liberdade de expressão artística. Agradeço, também, aos estimados leitores, desejando que “Sem pé com cabeça” lhes traga vibrações muito positivas no ano que se inicia.



Viva bem  
Viva com saúde!

bem estar

saúde

**PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150**

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com  
publicação no site  
e em uma edição da  
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses  
*uma nova*  
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista  
projeto

**AUTOESTIMA**

*edições*

acesse: [revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://revistaprojetoautoestima.blogspot.com)

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves

# ENTREVISTA COM EMERSON SITTA



**Emerson Sitta**

Emerson Sitta, 46, é formado em Letras e Pedagogia, Especialista e Mestre em Literatura e Crítica Literária, professor de Redação e Literatura desde 2001 no ensino fundamental e Médio. Em 2016, além de professor também iniciou como Coordenador Pedagógico.



**Entrevista**

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Emerson Sitta:** Desde criança, 11 ou 12 anos, comecei a escrever letras de música. Inspirado pelos discos do meu pai, principalmente dos Beatles. Acreditava que poderia ser um compositor, no entanto não sabia tocar nenhum instrumento. Mesmo assim, continuei a escrever e, ao longo do tempo, fui me encontrando como poeta.

**Conexão Literatura:** Você é autor dos livros “O melhor é Sempre 2008”; “Ordinária Solidão 2020” e “Eu... nunca mais... 2021”. Poderia comentar?

**Emerson Sitta:** Sou autor dos livros O melhor é Sempre 2008, Ordinária Solidão 2020 e ... Eu... nunca mais... 2021. Os livros, os três de poemas, são, inicialmente temáticos. Referem-se diretamente ao próprio título. Desprezar a aceleração do tempo, respeitar e viver a solidão e, por fim, falar das coisas e não do “eu”.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Emerson Sitta:** A inspiração vem de alguma questão que envolve a vida comum, como mencionei... a solidão, por exemplo. Devemos viver a solidão. Ela não é uma punição. Ela é presente e, muitas vezes, é um presente. A partir disso, começo a escrever sem muitas preocupações formais... até que depois de um tempo, variável, decido que preciso avaliar o que fiz, escolher, selecionar e começar um trabalho de revisão, reescrita, a fim de montar um caminho de entendimento ou pelo menos um eixo de conexão entre os poemas...

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

**Emerson Sitta:** Uma gota amada/Desceu pelo vidro molhado/Pela chuva./Competiu com outras/Embora derrotada/Salvou a visão./E de nada adiantaria/Abrir o vidro,/A vida estava naquela tela transparente...

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Emerson Sitta:** Os livros estão disponíveis pela internet, em uma busca simples na Amazon ou outros sites.

**Conexão Literatura:** Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

**Emerson Sitta:** Ler. É preciso ler os clássicos e autores novos. Ler resenhas e críticas. E, mais uma vez, é preciso ler os clássicos...

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Emerson Sitta:** Sim. Em 2024 lançarei um novo livro de poemas. Ele já está pronto. Ainda penso em prosa também...

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Difícil responder... Drummond e João Cabral são autores especiais para mim

Um ator ou atriz: Ninguém em especial...

Um filme: Nenhum em especial...

Um hobby: fazer nada, nada mesmo...

Um dia especial: momentos com a família são sempre especiais...



NOVOS VÍDEOS NO CANAL <sup>+</sup>



# CONEXÃO NERD

I N S C R E V A - S E

@CONEXAONERD

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE



# ENTREVISTA COM FÁBIO OCHÔA



**Fábio Ochôa**

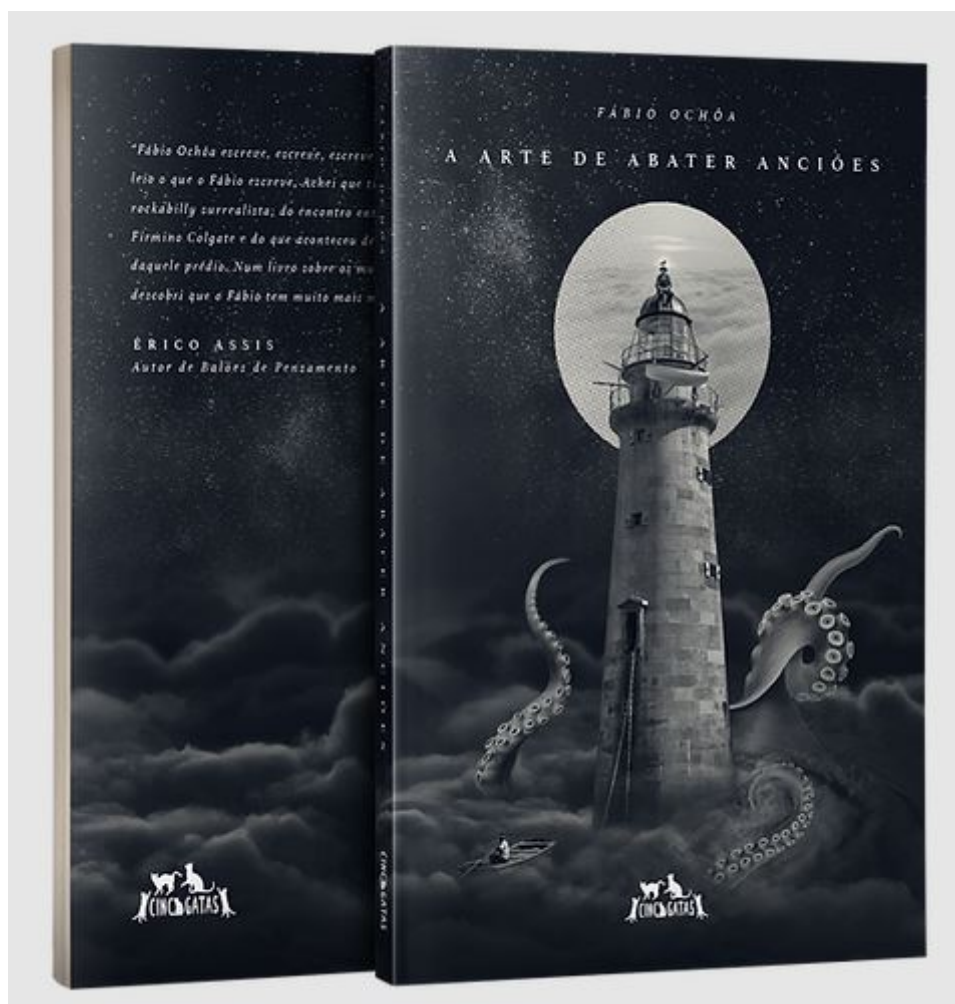
Fábio Ochôa nasceu em Pelotas. Ficou preso durante 12 anos no mundo da propaganda, conseguiu alvará de soltura e hoje é autor independente. Seja lá o que isso signifique.



**Entrevista**

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Fábio Ochôa:** foi escrevendo para HQs. Com o tempo comecei a ver que o texto chamava muito mais a atenção do que os desenhos. Calhei de ser um roteirista bom e um desenhista medíocre. Ou, se não medíocre, um que ainda precisaria abaixar a cabeça e praticar muito para chegar a algum lugar e sem tempo livre para tanto. Esse tipo de padrão seguiu na minha vida, fiz um teste para Diretor de Arte em uma agência com uma série de anúncios fantasmas que eu havia criado e disseram que gostaram muito do meu texto, se eu não cogitaria virar redator publicitário. Virei. Fiquei 12 anos na profissão. Com isso mudei de cidade, fui para capital, e meio que entendi que que ok, acho que meu destino era escrever mesmo.



**Conexão Literatura:** Você é autor do livro "A arte de abater anciões". Poderia comentar?

**Fábio Ochôa:** sim é um livro de contos. Curtos. Fantásticos. Se você gosta de Além da Imaginação, de Amazing Stories ou literatura Pulp, bem, essa coletânea é para você.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Fábio Ochôa:** o processo é

basicamente pegar uma determinada ideia e pensar no que pode ser feito a partir daí. Digamos que temos um duelo ao pôr do sol. Como é que isso pode ser diferente? Talvez seja uma história sobre pessoas presas a um determinado destino e a uma determinada rotina, que sempre tenham que duelar ao sol, dia após dia, sem nunca saber se esse dia será o último, talvez uma história sobre um jovem explodindo de ódio que sempre quer



duelar ao sol, mas nunca consegue ninguém, porque ninguém o leva a sério, talvez sobre dois ex-cowboys na década de 30, envelhecidos e empobrecidos, vendendo ingressos para um duelo ao pôr do sol em uma arena, para que o vencedor pelo menos consiga custear sua aposentadoria... a partir daí começo a desenvolver quem são os personagens, o que eles estão passando para levar eles até aquele momento, sobre o que é a história no fim das contas? Sobre a impossibilidade de fugir da rotina? Sobre querer se provar, mas ser sempre considerado alguém pequeno demais para isso? Sobre uma tentativa desesperada de tentar conseguir dignidade ao fim da vida? O processo de criação é esse, é exatamente esse. Esses são os passos, essas são as perguntas a serem feitas ao longo do caminho. Sobre o que que é? Quem? Por quê? O que estou querendo com isso? O que esta história tem de novo? Por que ela existe no fim das contas?

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**Fábio Ochôa:** claro. O meu predileto: “Minha filha mais velha se casou, meu filho que restou subiu em uma embarcação em direção ao mar de estrelas. Mas não me sinto só: há Ana, seu marido e as crianças na casa. Eu era jovem, hoje sou velho, e há um livro que mudou um mundo repousando em minha gaveta. Às vezes eu me sento na orla do mundo. E fico vendo as ondas, infinitas e negras morrerem na praia. Espaço e mar como uma coisa só, sem saber onde um termina e o outro começa no ermo da noite. E, nos poucos jornais impressos, todos gritam que o mundo é um só. Que estamos cercados por nada, que não há nada lá além de escuridão. Nem afeto. Nem palavras. Nem histórias. Feitas de mentiras. Que contam verdades profundas sobre nós mesmos.”

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Fábio Ochôa:** pois bem, pode ser adquirido diretamente no site da editora, aqui: <https://www.cincogatas.com.br/product-page/a-arte-de-abater-anci%C3%B5es> ou na Amazon, caso prefira, [https://www.amazon.com.br/Arte-Abater-Anci%C3%B5es-F%C3%A1bio-Och%C3%B4a/dp/6500145100/ref=sr\\_1\\_1?crd=6KAL8N4Y6XB8&keywords=a+arte+de+abater+anci%C3%B5es&qid=1701817029&srefix=a+arte+de+abater%2Caps%2C235&sr=8-1](https://www.amazon.com.br/Arte-Abater-Anci%C3%B5es-F%C3%A1bio-Och%C3%B4a/dp/6500145100/ref=sr_1_1?crd=6KAL8N4Y6XB8&keywords=a+arte+de+abater+anci%C3%B5es&qid=1701817029&srefix=a+arte+de+abater%2Caps%2C235&sr=8-1)

**Conexão Literatura:** Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

**Fábio Ochôa:** Apenas uma. Escreva e encontre prazer nisso. Todo o resto está fora do seu alcance e você não pode controlar, então, encontre prazer que isso já valerá a pena.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Fábio Ochôa:** Sim. Um novo livro. Contos ainda, com mais páginas. Seja o que Deus quiser...

**Perguntas rápidas:**

Um livro: O Segredo de Joe Gould, de Joseph Mitchell.

Um ator ou atriz: Marieta Severo

Um filme: Arizona Nunca Mais

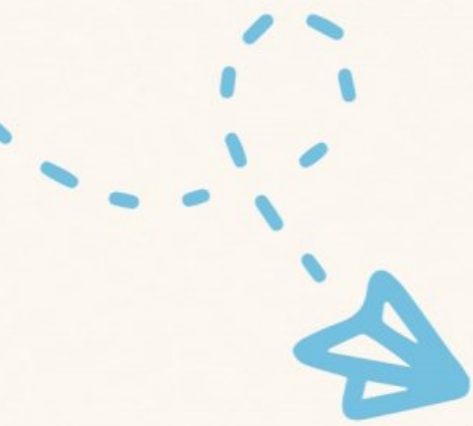
Um hobby: cozinhar comidas tão apimentadas que acabam sendo impróprias para seres humanos (eu como)

Um dia especial: o eterno sábado preguiçoso

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Fábio Ochôa:** Bom, obrigado por vir até aqui. Volte sempre.





**REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

**A NOSSA REVISTA VIAJA  
NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ**



● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA

# COM HÉLIO BACELAR VIANA



**Hélio Bacelar Viana**

Hélio Bacelar Viana: nascido no alto Sertão da Bahia, conviveu com a gente e as agruras dessa gente na lida diária com as atribuições desse viver Sertão. Graduado em Música (licenciatura e composição musical), entretanto transita livremente em todas as linguagens artísticas – incluindo-se a fotografia.

Firmou-se em Literatura por volta de 2014, com o livro “O Sertão dos Curibocas” – publicado em Portugal. Nesta primeira investida em Romances, traduz o Sertão e as Caatingas em período seiscentista, focando uma formação rochosa onde hoje está encravada a cidade de Teofilândia.

**Entrevista**

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Hélio Bacelar:** Inicialmente como hobby. Pequenos trechos de textos complementares para composições musicais, orquestrais em especial; textos de projetos e trabalhos de conclusão de cursos de especialização – próprios ou por encomenda – já estampavam escritos com leve poesia. O que me rendia “comentários picantes”.

Até que resolvi construir um texto que era um roteiro para uma ópera multimidiática, inserindo significados complexos e versando sobre a Guerra de Canudos e Antônio Conselheiro. Foi apresentada a proposta para a fundação Guggenheim – New York. O projeto chegou a disputar a finalíssima. Não contemplado, o texto roteiro foi usado para construir um romance e este se consolidou – com ligeiras alterações. Foi aceito por uma Editora quando ainda em rascunhos. Isso mais me estimulou e continuei a escrever: enveredando pela Poesia e Contos e Crônicas.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro "Crônicas de Arauá - A árvore sagrada da floresta encantada". Poderia comentar?

**Hélio Bacelar:** “Existiu uma época, perdida na poeira da história, onde o fabuloso e o inconcebível era mais que simples lenda. Era um intenso viver, calcado no que hoje nos parece fábula.

Transcendemos no tempo e mergulhamos no imaginário, para contarmos sobre a magia de uma terra mística embebida em lendas e mitos. Uma história onde os personagens são fictícios; mas, de certo, foram reais em momento outro”.

A sinopse, em si, clarifica a concepção do livro “Crônicas de Arauá – A árvore sagrada da floresta encantada”.

Êxtase profundo, mergulhar nesse mundo de lendas e mitos que envolvem os povos das florestas brasileiras. Em especial, épocas que antecedem a chegada de estrangeiros do além-mar. Por isso criei um mundo fantasioso, calcado na ficção, para ambientar essa historiôla.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Hélio Bacelar:** Difícil explicar com palavras; talvez até com pensamentos telepáticos seja impossível explicitar meus processos de criação e as fontes de inspirações.

Pode ser uma palavra que ouço; o trecho de um texto – seja lá que tipo for: poesia ou mesmo uma reportagem ou comentário qualquer; a simples lembrança de algo ou de alguém..., tudo é motivo inspirativo.

Sou entusiasta da intertextualidade – “textos que apresentam, integral ou parcialmente, partes semelhantes ou idênticas de outros textos produzidos anteriormente”. Fui muito criticado na adolescência, por colegas e amigos, quando me apropriava de uma ideia

inserida em outro texto. Até que entendi a essência desse processo de criação e vejo o quanto é difícil construir textos com “migalhas” de outros textos.

Até serviu de inspiração para construir um poema: “Muito sutilmente faço a assemblage do meu livre pensar. Exercito a licenciosidade autoral que me é de direito. Grampeando texto sobre texto, picotado de outros textos, remontado de textos outros, que já foram pretextos de outros muitos textos... Estou assemblando textos!” (fragmento)

Quanto ao processo de criação, não tenho como explicar fazer trabalhos simultâneos. Chego a produzir dez trabalhos em paralelo, sem misturar as ideias nem copiar coisas de um no outro. Por vezes estou construindo um romance e pego uma ideia para outro romance que está “letárgico”. Isso muito fiz, quando compunha obras musicais.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**Hélio Bacelar:** “Silêncio ensurdecedor!

Pássaros silentes e vento que não se move, nem em suave brisa; bichos todos açotados e emudecidos: a selva, em deferência à “árvore maior e mais antiga de todas as florestas” – nos mitos dos povos Aruaque –, aquietada e assoberbada de veneração.

O silêncio é denso! O sarçal está a perceber a obrigação de manter-se mudo! Mesmo as escandalosas caturritas, que tem amplo vocabulário de gritos altos e outros ruídos, estão sossegadas.

O ar é pegajento e tem cheiro de flores e tem gosto de folhas e tem emanções místicas que envolvem Arauá e se soma ao silêncio estrepitoso que lhe arromba os sentidos!

Arauá depõe as armas em reverência e respeito à Árvore Sagrada.

São poucas, as suas armas, mas mortais. Uma zarabatana feita com caniço de junco, uma faca e uma lança de pau roliço encastoando ponta de “pedra-metal” semelhante folha – alongada e pontuda: são peças forjadas a partir de rochas extraídas de além das montanhas do vale da Cobra-Grande. São conhecimentos transmitidos aos seus ancestrais pelos espíritos das florestas – isso está encravado nas crenças destes nativos. É um processo de refino de material metálico, com o qual forjam armas que cortam e furam: a exemplo de facas e facões e ponteiras de lanças e de flechas”. (Página 15).

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Hélio Bacelar:** Os meus livros estão disponíveis na amazon ([https://www.amazon.com.br/s?k=H%C3%A9lio+Bacelar&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crid=2YZLDABEFVRVL&sprex=h%C3%A9lio+bacelar%2Caps%2C474&ref=nb\\_sb\\_noss\\_1](https://www.amazon.com.br/s?k=H%C3%A9lio+Bacelar&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crid=2YZLDABEFVRVL&sprex=h%C3%A9lio+bacelar%2Caps%2C474&ref=nb_sb_noss_1)). Na maioria em formato e-book.

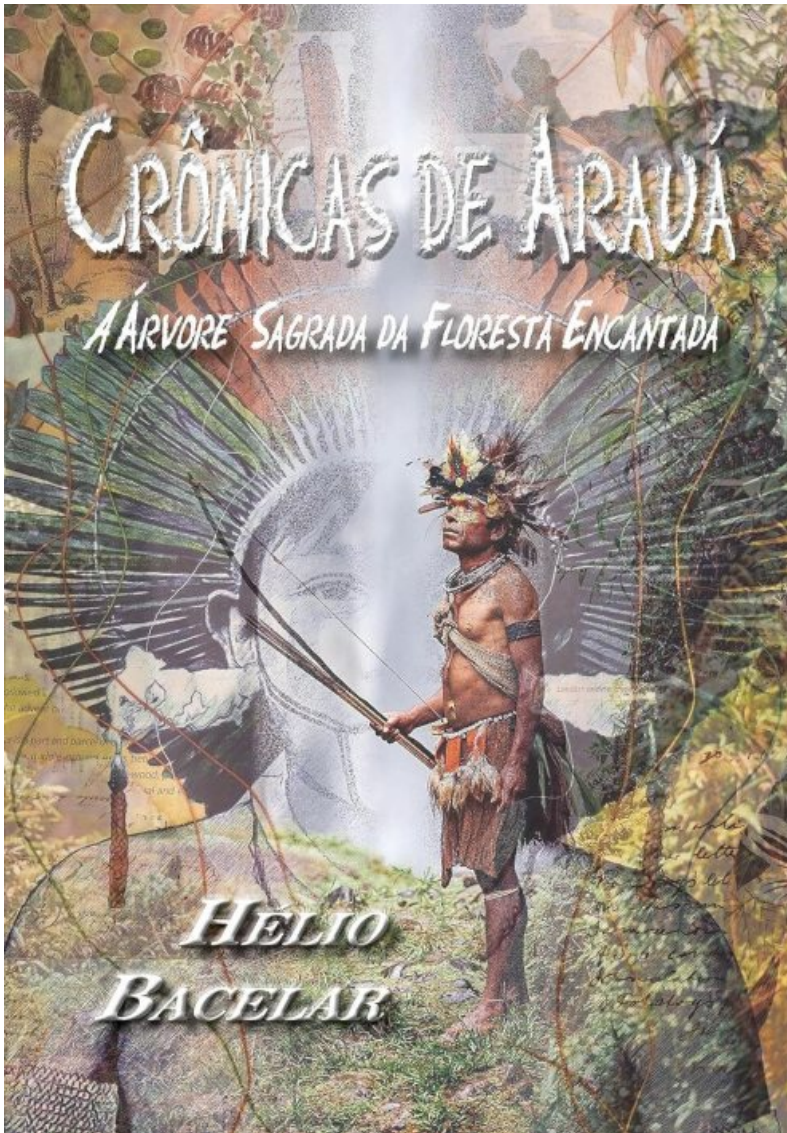
Um outro lugar para ler textos meus, é em – [https://www.efuturo.com.br/sala\\_leitura.php](https://www.efuturo.com.br/sala_leitura.php).

Contatos podem ser feito pelo facebook: <https://www.facebook.com/heliobacelar2/> ou pelo WhatsApp: 71 982062915.

**Conexão Literatura:** Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

**Hélio Bacelar:** Ler muito; escrever muito; e muito persistir. Mesmo com todos os entraves ou percalços ou pouca estimulação.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?



Um dia especial: O nascimento da minha filha!

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Hélio Bacelar:** Tenho muito a comentar, maldizer, questionar, reclamar, reivindicar..., mas, em sendo feito neste espaço, vai soar como queixumes de mais um autor. Em sendo assim, apenas tenho que pedir aos leitores todos um pouco mais de compreensão e um olhar mais apurado para a Literatura Brasileira. Estamos à mercê de mercenários muitos que encarecem as publicações..., sei que não é fácil comprar livros.

**Hélio Bacelar:** Sim! Muitos e inúmeros e de muito diversificados. Em especial um romance que voltei a trabalhar, pois foi abandonado por certo tempo: estava maturando. O título ainda é incerto. Foi pensado como “Brocados” ou “Torpeza” ou outro que se apresente melhor.

Tem a publicação de uma série de contos e crônicas e um outro livro com textos eróticos. Não é um livro pornográfico, é erótico. Existe uma grande diferença entre as duas acepções, que é muito mal interpretada. “Jogos Carnais”, é o já definitivo título.

#### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Admirável mundo novo

Um ator ou atriz: Morgan Freeman

Um filme: Interestelar

Um hobby: Fotografia

Por esse motivo disponibilizo na “amazona.com”, livros meus para serem lidos em qualquer plataforma, gratuitamente.

**Sobre o livro "Crônicas de Arauá - A árvore sagrada da floresta encantada":**

“O que aqui se conta é uma fábula, calcada em muitas lendas e mitos, que retrata uma fantasia desvirada em Crônica. Não é, unicamente, uma estória contada por um velho Índio. Aconteceu! De certa maneira aconteceu! Pode não ter o brilho dos acontecimentos reais, essa escrita, uma vez que estórias são contadas com certos pudores. Isso quer dizer que, respeitando a compostura do real, podemos recontar os eventos, de maneira a não abusar da escrita, uma vez que, escrever uma estória não implica em ser verossímil.

Assim sendo, vamos tentar ser o mais fiel possível às ocorrências reais. Os personagens, os locais, os eventos, as sagas, os sortilégios..., de certa maneira, é uma invencionice que copia a realidade e que faz parecer uma fantasia e que discorre sobre um tempo em que essas terras eram férteis de misticismo e de mitos e de alegorias que fogem ao nosso real. Isso porque nosso sonhar vai ao fundo do que nos conhecemos como real.

Mas existiu uma época, perdida na poeira da história, onde o fabuloso e o inconcebível era mais que simples lenda. Era um intenso viver, calcado no que hoje nos parece fábula.

A fábula de agora nos parece apenas história sem real fundo de veracidade; nosso agora é uma futura fábula, possivelmente. Isso visto pelos olhos e ouvidos de nossos pósteros ou descendentes ou as gerações vindouras ou póstumos...

Contaremos sobre a magia de uma terra mística; contaremos sobre personagens que se não são reais, foram, em momento outro. Se houver dúvida quanto a veracidade dessa estória, consulte os seus sonhos. Lá no fundo da sua fantasia, por certo vai estar história igualmente espelhada.

Imagine-se em um mundo entre a fantasia e a realidade e viva um desses personagens.

Protagonize seu próprio sonhar. Viaje nessa nossa alegoria!

Vai estar na sua imaginação. Sim! Por certo vai estar na sua imaginação: essa historiola vai lhe avivar as lembranças.

Torço para que passe a ser sua memória favorita!

Se não memória, que seja sua estória favorita!”





# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

## REVISTA CONEXÃO LITERATURA



### Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



### Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



### Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

## Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



### Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

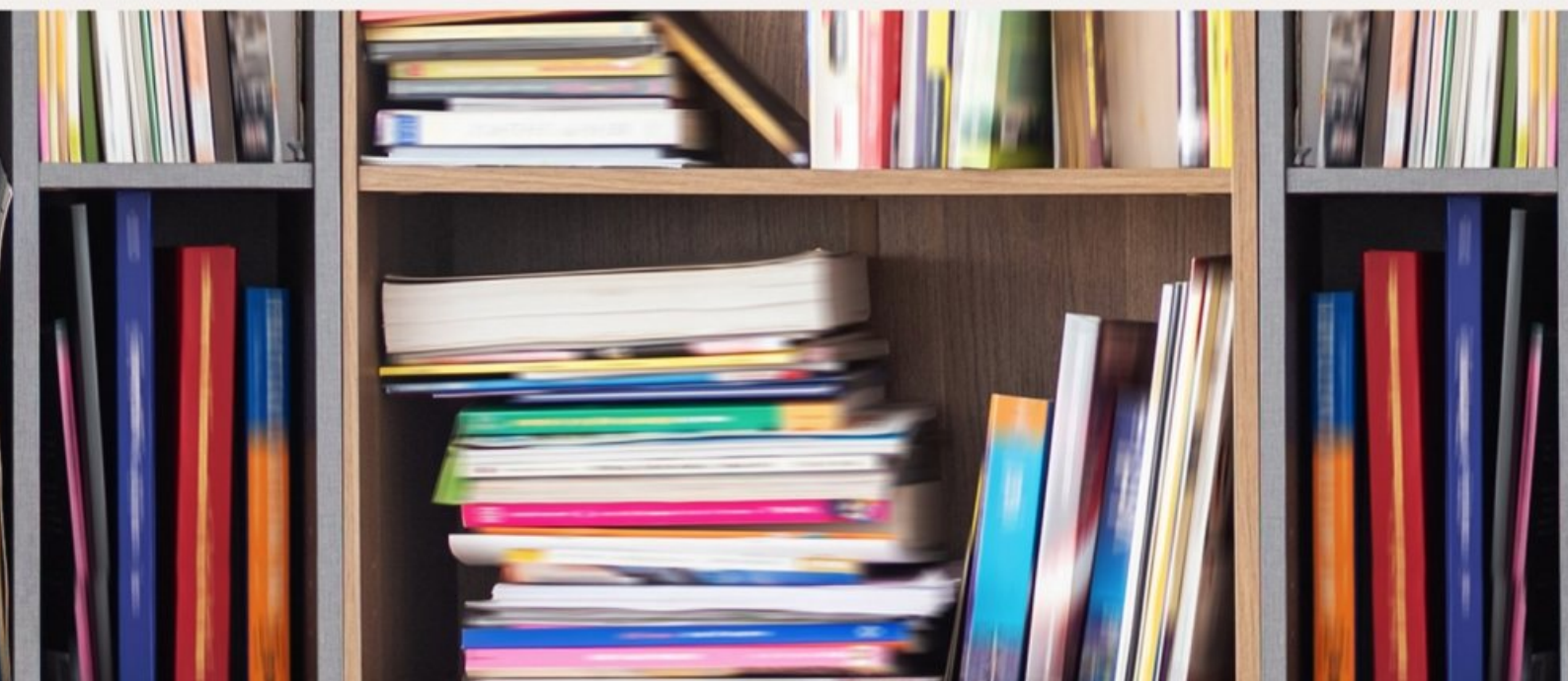
**NÃO PERCA TEMPO:** encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

# ENTREVISTA COM JOÃO VITOR FARIA



**João Vitor Faria**

Caiçara nascido em Caraguatatuba no litoral de São Paulo, muito tímido desde cedo, encontrou na escrita uma forma de poder se expressar, sem amarras ou dificuldade, aos 15 já ingressava na educação técnica, formou-se nos cursos de Contabilidade, Administração Empresarial e Comércio, hoje graduado Tecnólogo em Marketing está encerrando Pós-graduação em Docência, o objetivo é lecionar em alguma universidade. Tem como hobbies o violão, a leitura, filmes, xadrez e claro escrever poemas! Aos 24 anos sente que a escalada rumo a ascensão apenas começou. Poeta declarado.



**Entrevista**

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**João Vitor Faria:** Aos 14 anos simplesmente passei a escrever sempre que podia sobre quaisquer assuntos, lembro-me que o primeiro livro que li foi “As Aventuras do Barão de Münchhausen” anos antes, e de repente uma vontade grandiosa surgiu por compor versos, falar sobre pensamentos profundos, refletir sobre praticamente qualquer assunto imaginável, por meio de 2021 e 2022 maturei a vontade de publicar um livro, e de lá pra cá foram três, e só depois de escrever bastante passei a alinhar melhor a leitura, um processo feito meio que de maneira inversa, acho que alinhado ao trabalho criativo tão intenso quanto impulsivo.

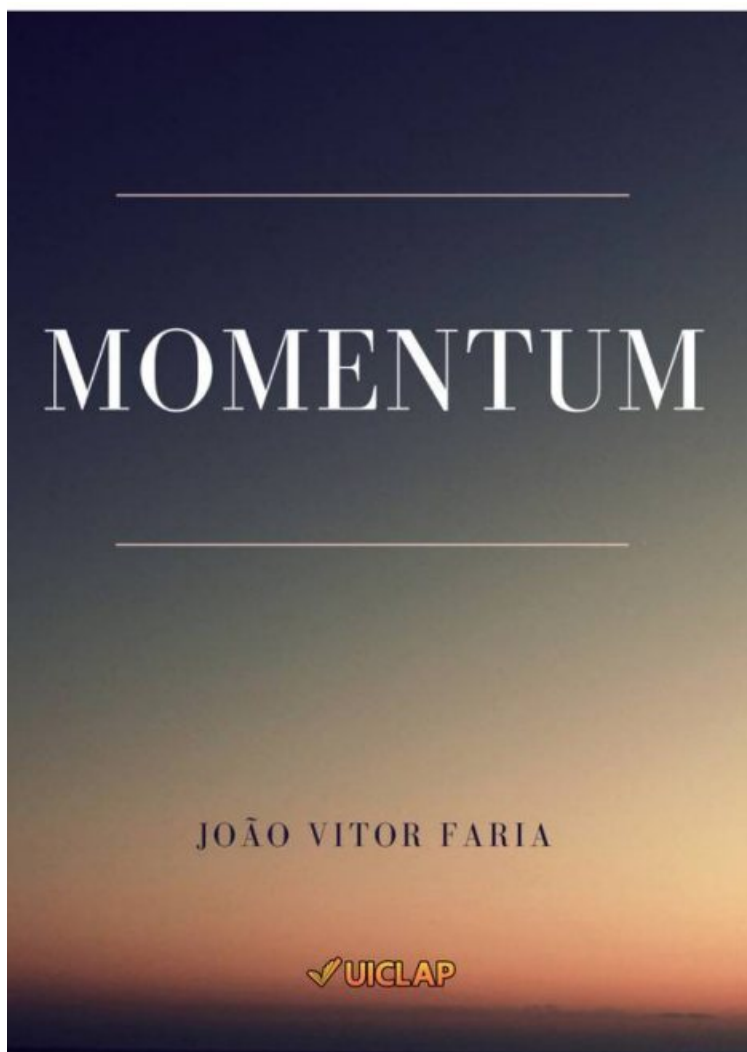
**Conexão Literatura:** Você é autor do livro "Momentum". Poderia comentar?

**João Vitor Faria:** A obra “Momentum” é meu terceiro livro, apesar do caráter experimental afirmo que esse, sem sombra de dúvida, é o trabalho mais autoral, consegui

imprimir e compreender de vez meu estilo de poesia, “Momentum” é praticamente uma conversa interna, falo com meus pensamentos e ideias que muito adentram num campo de subjetividade, e procuro tecer em cada um dos poemas alguma reação em quem lê, independente da forma que vier, positiva ou negativa, o importante é provocar essa reação.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**João Vitor Faria:** Posso dizer que acima de tudo é muito gratificante, além de acontecer de maneira natural, ou eu sento em frente ao computador já com o foco em fazer novos versos, ou as ideias brotam no imaginário, levando em conta muito do que eu sinto, do que vejo a minha volta, experiências físicas, sensoriais ou virtuais, tudo isso contribui para criação de modo



geral, e creio que as maiores inspirações são as pessoas mais próximas, família e amigos, não necessariamente figuras que estão atreladas a literatura como autores e afins, é como eu enxergo a poesia, algo nada acadêmico, é um sentimento puro e simples, de muito carinho por todo projeto que surge.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**João Vitor Faria:** Destaco esse aqui do poema “Mil e uma faces do cínico”:

“..., todavia quase por um fio que exposto capei,  
O sorriso amarelo provoca um “esquecerei”  
E as armas de dissimulação latentes  
Deixa os desavisados bem contentes...”

O cinismo presente nos nossos desejos mais distantes foi o fator principal desses versos.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**João Vitor Faria:** Para adquirir o livro físico o leitor pode recorrer a Loja Uiclap na internet, o formato digital está presente na Amazon para leitura via aplicativo Kindle, bastando buscar pelo título e nome do autor, e claro, pelo Instagram @joaofaria1999 onde podem acompanhar também as novidades, poesias nos stories e projetos paralelos, geralmente solto os links úteis em posts nos stories.

**Conexão Literatura:** Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

**João Vitor Faria:** A principal é: ESCREVA! Não importa o tema, a ideia, a inspiração ou afins, grave num papel, bloco de notas do celular ou anotações do computador, quando a arte aparece pra ti, deixe que ela permeie seu senso criativo, não pense que alguma sentença é ruim ou totalmente descartável, se arrisque sempre a escrever novos textos, não deixe de praticar e buscar melhorar, não se trata de revolucionar a literatura porque obviamente é impossível nem de fazer um *best-seller*, se trata de ter algo um pouco maior que a vida que toque as pessoas e te dê satisfação como indivíduo, e uma outra dica importante é: Consuma o máximo de conteúdo novo possível. Livros, filmes, séries, músicas, desenhos, peças, jornais, revistas, panfletos, conversas, etc., tudo que estiver ao alcance, permitam que suas mentes expandam a absorção de novas experiências.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**João Vitor Faria:** A princípio uma coletânea definitiva de poemas, provavelmente entre 2025 e 2026, por enquanto o foco está em concursos literários para o próximo ano, quero construir uma imagem assertiva e de credibilidade como poeta de fato.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: 1984 de George Orwell.

Um ator ou atriz: Sylvester Stallone.

Um filme: Gênio Indomável.

Um hobby: Pedalar.

Um dia especial: 2 de Dezembro, nascimento da minha irmã caçula.

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**João Vitor Faria:** Agradecer o espaço cedido, aos leitores que puderem acompanhar os trabalhos e desejar a todos uma boa vida.



atinja o seu público alvo

ESCRITOR(A)

# divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

## Revista Conexão Literatura



**ENTRE EM CONTATO**  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



# CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na  
Revista Conexão Literatura

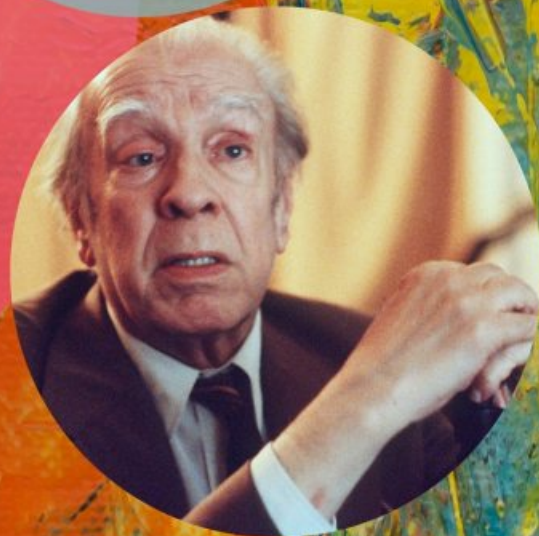




LYA LUFT

A maturidade me permite  
olhar com menos ilusões,  
aceitar com menos  
sofrimento, entender com  
mais tranquilidade, querer  
com mais doçura.





JORGE LUIS BORGES

O livro é uma extensão da memória e da imaginação.



## MANOEL DE BARROS

Quando as aves falam  
com as pedras e as rãs  
com as águas - é de  
poesia que estão falando.

TIRE O SEU CONTO  
OU POEMA DA GAVETA



# ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

---

**LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI**

CONTO  
POR IDICAMPOS



# ZIGUE-ZAGUE

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

**R**ecebia cascudo por ser passivo, sofria discriminação de todo tipo, "bullying", tapa na orelha, um distrato após o outro... Virou chacota na escola, porque ninguém admirava o politicamente correto... Apanhava na rua dos colegas, a mulherada fugia dos seus reclames, num dava uma dentro; era considerado feio, um pobretão sem um puto no bolso, um zero no meio da página em branco, nasceu pra tomar bolada...

Um desastrado como gente, a família tratava-o como bobão, um zigue-zague na mão dos espertos, o mais otário dos parentes. Incapaz de roubar, só falava verdade, acolhia os mais velhos, valorizava a democracia racial, respeitava a sexualidade dos outros, procurava a paz entre as religiões, amava a ternura das crianças, defendia os povos originários, nunca furava fila, etc.

Os pais, inconformados com a enfermidade, deram um banho de ervas em Petrônio, bateram cabeça pro feitiço, chamaram os crentes, suplicaram aos católicos, recorreram ao Candomblé, procuraram ajuda no judaísmo, meditaram no templo budista, rezaram junto aos muçulmanos; porém nada remediava a patologia, restava só a ciência.

A medicina acabou prevalecendo, marcaram consulta na clínica geral, o doutor fez a anamnese, indicou a psiquiatria do SUS. O psiquiatra analisou o caso, investigou a mente do doente, pediu um montão de exames para confirmar o diagnóstico de encapotamento do superego. Consistia, provavelmente, de doença psico social, uma sociopatia prevista na psicologia do comportamento.

Fizeram os exames no SUS, bateram as pernas pra tratar do idiota. No raio x do organismo detectaram dilatação no músculo cardíaco, um coração do tamanho do boi, no meio do peito do coitado. Um órgão quase transparente, deformado, capaz de perturbar a harmonia da sociedade capitalista; estava cheio de amor, a moléstia parecia incurável.

Excomungado do círculo familiar, rejeitado no seio materno, segregado na comunidade. Sobrou pra sobreviver o mercado de trabalho, o salário mínimo, trabalhou como burro de carga, estruturou a vida, comprou um barraco de posse. Uma meia água na ladeira do Tou na Merda, no bairro da Palhada: com quarto, cozinha e banheiro ao ar livre.

Cansado da solidão, o iguaçuano casou, relativamente cedo, contava uns vinte anos, com uma moça tranquila. Deu certo no princípio, ela admirava o companheiro; no meio da relação a situação degradingolou, pois a falta de dinheiro falou mais alto, aí no fim restou meu bem tudo bem, os bens pra cá, você pra lá... Nesta hora entrou pelo cano, perdeu o imóvel.

No olho do furacão, vivendo de aluguel social, prestou atenção nos demais, só se arrumava quem passava a perna no semelhante. O padre fez a reforma da igreja com o lucro da missa negra, aproveitava a ocasião pra molestar as criancinhas.

O pastor da igreja do bem ficou rico com o mal, depois de ter trocado a bíblia pela arma de fogo; reunia os jagunços, organizava a invasão das religiões afrodescendentes, saqueava os dividendos, promovia o quebra-quebra dos terreiros.

O político, vereador eleito por ali, sem empatia com o povo, ia pra frente roubando o dinheiro público. Pegava bebê no colo, contraía acordo com a milícia, comprava voto, prometia mundos e fundos...

A antiga esposa ganhava a vida vendendo o corpo, empregada no inferninho da Cacuia; usada como guardanapo, onde o freguês comia, limpava a boca e jogava a sujeira fora.

Cada um, neste mundo de mentiras, negociava o quê tinha... Totalmente fora do contexto, marginalizado, deixado de lado ao Deus dará... Petrônio concluía uma lição: honestidade nunca trazia prosperidade.

Morando na Rua da Amargura, devendo o cartão de crédito, bebendo água de poço, dependurado na miséria, com a luz cortada, resolveu modificar o comportamento. Avaliou a realidade nua e crua, a contragosto levantou o inventário do patrimônio, viu que lhe restara apenas a alma como moeda de troca.

Desesperado, encurralado no canto da parede, perdido num labirinto de emoções, entrou numa fila enorme, disposto a negociar o único ativo, a essência do ser, o próprio espírito.

Depois de longa espera, observando o desespero dos miseráveis, foi recebido pelo comerciante. O mercador dos aflitos sucateava o valor dos interessados, arrematava o íntimo alheio, avaliava por baixo as almas penadas.

O chifrudo de rabo ria da falta de paz, desdenhava das rugas dos anciões, comemorava a mutilação infantil nas guerras, incentivava a fome, estimulava a ignorância; tripudiava do futuro das pessoas as quais imploravam a esmola da maldade.

De relance chegou a vez de Petrônio reivindicar clemência à personificação do mal. O capeta arregalou os olhos, surpreso diante da pureza daquele indivíduo, um sujeito determinado aos bons predicados. Nem pestanejou, chutou o balde, negou acordo ao sacripanta, afinal o diabo não negocia com quem tem bom coração.

Desvalorizado, caiu em depressão, chorou um rio de lágrimas, confabulou um glossário de decepções com a raça humana... Inviabilizado como sujeito, mergulhou na leitura, afogou-se na filosofia humanista.

Perdido naquela conjuntura abraçou a morte, desencarnou por falta de opção, venceu a gravidade, mora no centro do universo numa estrela; em dia de lua cheia, acende uma tocha, iluminando o caminho dos navegantes...

\*\*\*

**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

*conectando  
autores e leitores*



*acesse o nosso site e redes sociais  
e fique por dentro do que acontece  
no mundo dos livros*

 [@revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)

 [@conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura)

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

CONTO  
POR LUIZ F. HAIML



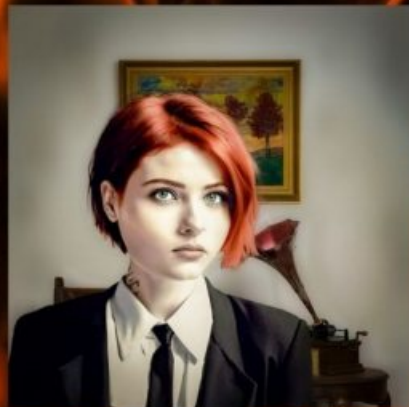
Eliza



Inspetor



Rubens



Sara



Virgínia

Arte dos personagens:  
Ilustrador Edgar Loeser  
@edgarloeser

# O MORTO ENTRE AS POMBAS

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



**E**ncerrado o horário de visitas, o complexo hospitalar da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre estava silencioso. Através das grandes vidraças, a escuridão e a chuva deixavam melancólicos os corredores e sonolentas as tarefas a serem cumpridas pelos funcionários.

Numa das alas de um dos hospitais ligados ao complexo, Emma Bayersford, vinte e três anos de enfermagem, ia ao quarto 48. Levava medicação a uma paciente que, *Hare Hare*, se recuperava bem de uma grave lesão na cabeça. A veterana enfermeira, seguidora do *vaishnavismo*, ao atender alguém pela primeira vez ao dia, antes de passar a porta do quarto de um paciente, sempre recitava um curto mantra. Dessa vez isso não ocorreu. Dessa vez ela gritou “Meu Senhor Krishna!”, e paralisou. O que viu dentro do quarto a impedia de ir adiante. Quando enfim resolveu mover-se, foi um passo apenas, o que a levou não muito além do batente da porta, mas um pouco mais perto daquilo que a fizera hesitar.

Era uma mancha, no chão, ao lado do leito da acamada. Era de um carmesim escuro, viscoso. E havia algo dentro dela. Algo do tamanho de um punho adulto. Algo que a veterana enfermeira estava achando difícil acreditar estar mesmo ali. Sem saber a causa, talvez querendo se proteger da verdade, a imaginação de Emma decidiu tornar o conjunto (a mancha e o que dentro dela estava) em uma flor de lótus. Tal “flor de lótus” tinha um forte tom avermelhado, ora arroxeadado e mesclado a cor do pó de café. Tinha nervuras e estrias, mas essas em nada se pareciam com as do reino vegetal.

Ainda tentando assimilar o impossível, Emma ergueu a vista.

Apoiadas nas barras laterais da cama, as mãos da paciente. Gritante era o contraste delas, em relação às longas peças de marfim as quais pertenciam, pois enfaixavam-se numa substância de cor semelhante a da macabra “flor” no chão. A “bandagem” não apenas envolvia as finas estalactites de matéria humana, mas também descia em espirais por elas, em suas pontas se tornando gotículas rubras que caíam pelo ar entre o leito e o piso. As provenientes da mão direita, não sofrendo interrupção, logo maculavam o claro vinílico. As da esquerda, essas se misturavam à mancha e *àquilo* dentro dela, *àquilo* do qual vinha um som ritmado, constante, baixo, mas audível, e que, contrariando toda a lógica, pois, como o mostrador de um relógio, no qual os ponteiros produzem seu *tique-taque*, mesmo faltando o resto das peças necessárias para seu funcionamento, *ainda pulsava, ainda vivia*.

\*\*\*

Assim que encostei a viatura junto a Praça da Bandeira, uma chuva fina e forte começou a cair. — Ai, caramba.

Meu nome é Plínio F. Coffin. Estava num plantão que ia tranquilo, tanto que eu até rascunhara uns trechos da novela policial que penso publicar, quando veio a chamada.

A Praça da Bandeira fica entre uma grande e antiga escola pública e parte da rodoviária de Taquara responsável pelos ônibus internos, e os que transitam para a cidadezinha mais perto, Parobé. À beira da RS 020, outro prédio cuida dos trajetos entre Taquara e municípios mais distantes como Sapiranga, Campo Bom, Novo Hamburgo e outros.

Ainda dentro do carro, espiei e logo localizei uma criatura tombada num banco ao fundo da praça. Era a primeira quinzena de outubro, e fazia um clima que não deveria

estar fazendo. O inverno voltara, e se infiltrara pelos idílicos dias primaveris trazendo a eles uma inconstante chuva, um “frio do cão”, uma umidade de entranhar nos ossos. Esse clima ruim, e o vírus, afastavam as pessoas das ruas. Assim, não havia ninguém em torno do morto. Ainda bem. Desprezo os curiosos que se aglomeram nas ocorrências. Povo em volta de cadáver lembra *velório*. E não gosto, nunca gostei, de *velório*. Na cena, só dois brigadianos, Mendonça e Oliveira, ambos de máscara e encolhidos sob o toldo do ponto de táxi da praça. Bons sujeitos, bons profissionais.

Subi minha máscara, tapando boca e nariz, levantei a gola do *Columbo*<sup>1</sup> — apelido que o delegado Cayman dera ao meu sobretudo —, e deixei a viatura.

De ponta a ponta, o céu era uma única nuvem. Maciça, cinzenta, opressora. Imensa pedra tumular pairando sobre a existência.

— E aí, gurizada.

— Boa tarde, inspetor Coffin! — a saudação saiu quase em uníssono.

— Apesar do clima. — respondi. Mas enfim, qual é a bronca?

Oliveira respondeu:

— O Jorge nos chamou. Estava aqui até há pouco. Teve que pegar uma corrida.

— Chegamos uns quinze minutos após o Jorge ligar. Ele tinha levado um cliente a Igrejinha, na volta, achou o morto. Nos chamou e ficou aqui até chegarmos. Segundo ele, nesse tempo ninguém esteve junto ao corpo — falou Mendonça.

Oliveira acrescentou: — Tá esquisito ali, inspetor.

Mendonça finalizou: — Não é daqui, nunca vi mais gordo.

Uma súbita lufada de vento jogou uma porção da fina e fria chuva sobre nós.

Suspirei, com o indicador fixei melhor os óculos contra o rosto, e mirei a vítima. Sua presença ampliava ainda mais a degradação de um quadro composto por canteiros malcuidados, lâmpadas quebradas, escorregadores, balanços e aparelhos de ginástica quase em frangalhos. Mesmo de longe percebi que não era nenhum dos costumeiros vagabundos, pedinchões, usuários, cujo único propósito é perambular por Taquara roubando, traficando, se drogando, importunando os cidadãos. Zumbis. Alguns desses desgraçados, nas noites quentes, mesmo com o Covid, ainda usavam o fundão da praça como dormitório, onde ficavam protegidos por uma alta vegetação, pela cumplicidade das lâmpadas quebradas, ou queimadas, e pelo paredão da grande escola. Vez que outra uma briga ocorria por ali.

A fita de isolamento já cercava a cena do crime. O corpo coberto com um plástico que não protegia muita coisa. Atravessei o espaço entre o ponto de táxi e o banco onde estava o morto. O chão da praça era de terra, havia chovido muito de manhã e, com o forte chuveirar do momento, tudo virava barro.

Devagar, ergui o plástico. Um homem de pequena estatura, magérrimo. Sem máscara protetora. Até aí, nada de mais. A roupa dele, porém, o que vestia, é que provocava estranheza. Casaco, colete, camisa, calças, botões, tudo parecia saído de *Downton Abbey*<sup>2</sup>. Nos pés, vestia botas, militares, também antigas, meio gastas. Muito

<sup>1</sup> Detetive de uma série televisiva criada em 1968. Teve dez temporadas. Uma das marcas características do personagem era seu quase inseparável sobretudo. Colombo foi interpretado, de forma icônica, pelo ator Peter Falk.

sangue havia no casaco fechado, no pouco que se via do colete e no colo do cadáver. Sangue que a chuva começava a trazer de volta à vida.

A cabeça, apoiada no encosto do banco, expunha uma testa larga, que os cabelos, embora fartos, não conseguiam disfarçar. De idade, estaria lá pelos 40 anos. Sobre o lábio superior, um bem tratado bigode. Um dos olhos, o direito, se abria para as alturas contemplando a grande lápide lá em cima. Morto de olho aberto. Dizem que a retina registra a última coisa que se vê antes de morrer. Deveria espia-la? Quanto ao olho esquerdo, esse também estava aberto, mas, como se o Homem-Aranha tivesse espirrado teia nele, íris e córnea desapareciam sob uma película esbranquiçada. Catarata? Me arrepiei. Minha avó materna tinha. Teimosa, nunca quis operar, até que afinal a doença foi tirada da minha vista, fechada num caixão, e enterrada na eternidade. Mas catarata não cobre todo o olho.

Apurei o nariz. Não senti nenhum odor de álcool ou substância ilícita. No entanto, veio um outro cheiro: o de livros. Livros velhos. Então escutei um *poc poc poc poc* contínuo, ininterrupto. Busquei sua origem, e num dos canteiros da praça, um chapéu, também de outros tempos, tentava fugir para dentro da lama, enquanto era atacado a furiosas bicadas por uma pomba de cor negra. O que tu terias contra o morto? Voltei então ao ponto de táxi, acionei a perícia e dispensei os brigadianos, mesmo porque tinham recebido um chamado envolvendo vizinhos bêbados munidos de facões.

Entreí na viatura. Puxei o maço de *Marlboro* do porta-luvas, acendi um. O cigarro me levava a reviver as gostosas cavalgadas pelas terras da fazenda do primo. Mas não existia mais a fazenda, nem o primo. E me vi de volta ao interior da viatura, cercado pela chuva, pelo frio, e lá adiante, como marionete abandonada, o desconhecido, uma planta morta naquela praça desprezada. A pomba tinha parado de atacar o chapéu, estava pousada sobre ele. De repente um bando delas, saído do nada, desceu sobre as areias da praça. De cores, formas e tamanhos diferentes, agruparam-se em pelotão, que em passo determinado, iniciou uma marcha rumo ao morto. — Vão atacá-lo! Vão comê-lo! *Walking*<sup>3</sup> pombas! Dei uma longa tragada no *Marlboro*.

Os forenses enfim chegaram, espantando-as. Já quase próximas às botas do cadáver, as aves então se espalharam para as árvores, onde ficaram a observar o que acontecia. A chuva dera uma trégua. O pessoal do Instituto Geral de Perícias, de Novo Hamburgo constava de um perito criminal, uma fotógrafa, e o motorista. Todos com suas devidas máscaras. Acompanhei os dois primeiros até o cadáver. O motorista ficou no carro.

— Caraca, o cara é um *cosplay* perfeito do Edgar Allan Poe!

Quem falou isso foi a fotógrafa. O companheiro dela a olhou, talvez soubesse o que é *cosplay*, mas nada de Edgar Poe. Eu, porém, fui iluminado pela declaração da moça.

<sup>2</sup> Série britânica criada em 2010, e é ambientada no início do século XX. Muito apreciada, ganhou vários prêmios, teve seis temporadas e um filme para o cinema. Bárbara, esposa do inspetor Coffin, era fã de tal série.

<sup>3</sup> História em quadrinhos de Robert Kirkman sobre misterioso vírus que cria um apocalipse de mortos-vivos. Virou série de Tv em 2010. Seu sucesso rendeu onze temporadas e se mantém através de vários *spin offs*.

A vítima lembrava mesmo muito o Poe, escritor de poemas tristes e histórias de mistério que eu descobrira na adolescência e cuja leitura me fizera esquecer uma desilusão amorosa. Mas por que raios um cara vestido com roupas de outro século, um *cosplay* do famoso escritor norte-americano tinha ido parar, em meio a uma pandemia, num banco quebrado de uma praça em pedaços, numa cidadezinha esquecida por Deus no sul do Brasil? Eu cogitava, enquanto seguia o movimento dos peritos, dedicando maior atenção ao da fotógrafa, cuja máscara era enfeitada com uma personagem de anime.

Os forenses fizeram seu trabalho e partiram. A chuva voltara. O corpo foi levado a uma das funerárias da cidade. A autópsia realizada. O exame toxicológico deu negativo. A causa da morte: miocárdio extirpado de forma violenta com aparente uso de instrumento contuso. Não foram constatados outros ferimentos, hematomas ou escoriações.

Quanto ao que cobria o olho esquerdo, o material provocara certa curiosidade, pelo menos no auxiliar do legista, mas como não aparentava ter relação com a causa da morte, como de praxe em tais situações, sua presença foi apenas registrada no laudo. Quando recebi o resultado, anexado junto veio um pedaço de papel dobrado, ele, o espírito zombeteiro do auxiliar escrevera: película ocular, possibilidade de ser ectoplasma. Embaixo, o desenho de um fantasminha gritando BUH!

Embora não tivesse mais o músculo da vida ( não localizado na praça nem nas redondezas, minuciosamente averiguadas) o morto ainda tinha digitais, e por elas ( já que não havia nenhuma identificação com ele) descobriu-se quem era: Rubens Rusher.

\*\*\*

A vítima morava com sua irmã, Eliza, em Novo Hamburgo, cidade próxima a Taquara, no edifício Vera Graham, um prédio por fora descascado, úmido e enrugado. Tinha quatro andares, sem elevador, mas de apartamentos grandes, e o térreo todo ocupado por uma loja de roupas de um sujeito conhecido por “Turco”, embora fosse libanês, de nome Jamal. Conversamos com vários moradores do prédio, ou nada sabiam sobre os Rusher, ou não queriam falar sobre os mesmos, e indicaram o “Turco”, a quem viam constantemente a conversar com os irmãos. Antes de ver o apartamento dos Rusher aproveitamos que a loja estava semi aberta, seguindo os procedimentos da pandemia, e fomos falar com ele. Mas só eu entrei, Sara acabou preferindo ficar no carro.

Jamal Alhazred, um rapaz grandão, de porte atlético e olhos vivazes ( que ganharam tamanho de pires, ao saber o que tinha acontecido com Rubens), me contou que os irmãos eram pessoas educadas, simpáticas. Mas como não trabalhavam, existiam meio alienados das coisas do mundo. Viviam de uma herança deixada pelo avô, e que era o suficiente, se a soubessem usar, para viverem de modo tranquilo pelo resto de seus dias.

— Os dois pediam a minha ajuda, inspetor, para resolver coisas práticas, burocráticas. Rubens me contava muita coisa. Ele confiava muito em mim — falou Jamal — mas... depois de um tempo, aconteceu algo que deixou ele diferente.

Espichei as orelhas.

Jamal continuou:

— Um dia Rubens me disse que teve uma visão da mãe dele, e que ela lhe revelou como eram gerados os membros da família Rusher, isso desde seu bisavô, lá em Baltimore, nos Estados Unidos, mas os detalhes dessa parte ele não me contou. Só sei

que isso o deixou tão perturbado, que ele começou a ler certas coisas. Já viu a biblioteca no apartamento dos dois?

\*\*\*

Para averiguar o apartamento dos Rusher, eu iria com o usual parceiro, mas o Kendi estava a investigar o caso de um padre que fora seriamente agredido. Como havia escassez de pessoal, tomei a liberdade de convidar a fotógrafa. O nome dela era Sara Blob. Numa intuição, eu ficara com o número do celular dela. Depois a investigara nas redes sociais. Além de *nerd*, Sara também flertava com os góticos, tribo na qual Edgar Poe tem seu altar. E ela tinha também a seu favor o fato de que morava em Novo Hamburgo. Quando nos encontramos no local combinado, apareceu vestida como as agentes do FBI dos filmes e séries. O preto do terninho destacava o cabelo curto, vermelho, de corte “maneiro” e o verde dos olhos. Apenas a ponta de uma tatuagem tribal na pálida pele, logo no começo do pescoço dela. Pouco e suficiente.

Entrar no apartamento dos Rusher era como voltar no tempo. A maioria do que ocupava o lugar pertencia a outro século. Uma equação estranha num edifício com arquitetura dos anos 70. Utensílios, objetos de enfeite tudo remetia a épocas passadas. Não se viu rádio, televisão, computador, ar condicionado; a música que ouviam vinha de pesados discos e de um gramofone de corda — igualzinho ao que tem no Museu Harald Bauer<sup>4</sup>. Um ventilador de teto, e dois portáteis, eram os meios para refrescar o lugar, que por seu tamanho, altura e amplas janelas nem devia precisar tanto deles. Bárbara teria amado tudo isso.

Sara explorava a sala principal. O apartamento tinha outras três peças, mais cozinha e banheiro. Espiei por uma das portas, apenas uma mesa redonda, algumas cadeiras e dois abajures. Seria a sala das sessões? Passei então a outra, a que servia de biblioteca. Ia entrar, mas algo, no lado oeste do apartamento, me chamou a atenção. Um globo entrecortado por faixas de luz e sombras, efeito de um começo de tarde que entrava pelas frestas de uma veneziana próxima. Achei o interruptor e aquele único olho, de um Cíclope até então sem contornos, que pairava no breu do fundo do corredor, se revelou apenas o mostrador de um antigo relógio, daqueles confinados em longas caixas que, encostadas às paredes, descem até o chão. Não se moviam os ponteiros. Nenhum som vinha daquele corpo mecânico.

A biblioteca, três paredes ocupadas por estantes. Torci o nariz. Jamal tinha razão. Nela cabia tudo o que se podia conceber sobre a doutrina espírita: Kardec completo, Xavier e outros mestres do espiritismo, obras de depoimentos e ficções sobre o tema. Há também tratados sobre metafísica, vida além da vida, livros dos mortos de diversas culturas. No meio disso, edições diversas, de épocas variadas, trazendo a obra de Poe, ou falando sobre sua vida. Numa escrivania, em pastas, manuscritos contendo teorias, contos, poemas completos ou ainda em rascunhos, e esse material estava todo em inglês. E havia também o cheiro, o mesmo que eu sentira nas roupas do morto na praça.

Relembrei a conversa com Jamal.

---

<sup>4</sup> Localizado na Escola Industrial Monteiro Lobato (CIMOL), o Museu da História da Tecnologia Harald Bauer, em Taquara, RS, tem renome internacional pelo teor do acervo com inúmeros itens e a respectiva evolução tecnológica dos mesmos.

— Depois da visão da falecida mãe, Rubens entrou a fundo no Espiritismo. Se descobriu médium. Daí começou a realizar sessões no apartamento. Dizem que Rubens tinha muito sucesso em chamar os desencarnados.

— Você nunca participou dessas sessões?

— Não. Eu tenho minhas próprias crenças. Rubens me convidava, mas sempre respeitou minha recusa em assisti-las.

A LOJA HADYA, onde eu estava a escutar o Jamal, era como um enorme caleidoscópio de variado colorido, resultado da grande quantidade de roupas e acessórios destinados a pessoas de todas as idades e tamanhos. Eu me encostara a um balcão, atrás do qual o proprietário registrava números e nomes em pequenas fichas. Perto dele, um Alcorão, encadernado e em árabe. Sou ateu. Desde jovem. É tudo aquilo de mediunidade, espíritos, me dava uma vontade urgente de estar em casa, saboreando minha noturna dose de *scotch*.

— A irmã o condenava, dizia que o irmão mexia era com demônios, não com espíritos e que iria atrair coisas ruins para eles. Eliza era contra o invocar *dos mortos*. Discutia tanto com Rubens que ele acabou levando suas práticas para outros lugares. — prosseguiu Jamal.

Eu ainda pensava no *scotch* — o qual, enquanto Bárbara ainda estava comigo, era sempre acompanhado por um Paul Anka, ou Beatles, depois, só pelo silêncio —, quando um sujeito entrou na loja. A máscara vermelha, uma caveira estampada nela, um boné abaixado, mostrando quase nada dos olhos, o tipo físico e a forma como se vestia, me fizeram instintivamente levar a mão ao coldre. Mas era só um cliente. Olhou, perguntou, mas nada comprou.

— Pouco cliente hoje, ontem, talvez o mesmo amanhã. — falou Jamal, balançando a cabeça num gesto inconformado. O comerciante, que não usava máscara, pelo menos não naquele momento, e para quem o vírus era parte de uma grande conspiração, continuou:

— Então, inspetor, três semanas atrás, além de Rubens vir me contar algo muito louco, uma coisa terrível aconteceu com Eliza.

Voltei a escutar.

— Rubens me confessou que estava recebendo o espírito de Edgar Allan Poe!

Eu já estava sentindo o gosto do *scotch* na boca.

— Tá, mas e a irmã? — perguntei com certa impaciência.

— Ah, chovia muito naquele dia. Escorria de tudo uma umidade medonha, constante e intensa, tipo quando o suor sai de nossos corpos nos piores dias do verão.

Nossa, ele também sabe ser literário! Pensei, conseguindo manter para mim um sorriso irônico. Ele continuou:

— Dizem, inspetor, que foi a umidade que fez Eliza resvalar na escada ao subir para o apartamento. Ela rolou por dois andares, bateu forte a cabeça, teve uma grave contusão no cérebro. Está na Santa Casa, em Porto Alegre.

\*\*\*

Sara e eu estávamos na última peça ainda a ser verificada. Um quarto de dormir. Tinha um armário, duas cômodas e uma cama. Uma só cama. Antiga. De casal.

Sara de repente falou:

— Engraçado, Rusher não lembra Usher?

— Céus! — lancei, realmente surpreso com a coincidência.

— Conhece? O conto dos dois irmãos que vivem sós numa mansão? É o supprassumo da obra de Poe!

— Se conheço? Cristo! Tive pesadelos por semanas com mortos que voltavam e vinham me buscar — confesso, provocando algo raro, o sorriso de Sara. Então vi os pequeninos dentinhos, completos, perfeitos, pedacinhos bem esculpidos de uma brancura imaculada.

— Vou me aprofundar na biblioteca — avisei e ligeiro me fui a tal aposento.

— Ok.

Já examinara várias obras, e achava-me entretido com as belas ilustrações de um exemplar do “*Livro dos Mortos Egípcio*”, quando o ribombar de um carrilhão irrompeu em ecos pelo apartamento.

— Caralho! Larguei o livro para proteger os ouvidos, mas a crescente sensibilidade auditiva que venho sofrendo já fizera o barulho do relógio entrar por eles como se dedos de longas unhas não só os pressionassem, mas também os rasgassem por dentro. O desgraçado me enganou, tava se fingindo de morto. Quando o carrilhão parou, ouvi Sara a me chamar.

Ainda sentindo um dolorido desconforto, encontrei-a na “sala das sessões”, na mesa redonda. Sara, parecendo nem ter notado o barulhão feito pelo relógio, fotografava alguma coisa com o celular.

— Inspetor, o senhor se deu conta de que pelo apartamento todo não se acha uma foto exposta dos irmãos, ou de alguém da família, ou de quem for?

Eu não comentara, mas tinha percebido.

— Olha só isso — e Sara, os olhos verdes arregalados, apontou o que havia descoberto em uma gaveta trancada. Os documentos da família Rusher, de Baltimore até Rubens e sua irmã. Gavetas trancadas não detiam Sara Blob.

— Caceta!

Nenhum de nós jamais tinha visto o que nos revelava as fotos dos documentos. O que tais retratos nos mostravam, ultrapassava uma simples herança genética. O que víamos, resumi, dando uma risada que reverberou pelo aposento:

— Parece que só trocaram de peruca.

Desta vez Sara não sorriu.

\*\*\*

Voltemos agora ao cadáver achado na Praça da Bandeira. Marcas de barro, em forma de dedos, num dos bolsos do fraque, indicavam que, se nele houvera algum dinheiro, certamente tinha sido roubado antes do taxista achar o corpo. No outro bolso não havia nenhuma marca, e se houve algum ladrão, e se esse ia avançar a esse segundo compartimento, algo não lhe dera tempo de fazê-lo. Mas tal suposto larápio, se antes tivera sorte, nada ia achar ali para proveito próprio, apenas, enrugados pela chuva, uma passagem usada de Nova Hamburgo para Taquara, e um pequeno recorte de jornal: um anúncio no popular “*Diário do Estado*”:

*Procuro homem romântico, entre 40 e 50 anos, que leia poesia, que escreva poemas, e que acredite ser possível que nossas almas tenham vivido em outra época. Virginia (Taquara, RS).*

Fora publicada na data de sete de julho daquele ano, 2020. Constava junto o número de um telefone fixo. Era da casa de uma velha senhora, na qual morava uma moça que lhe servia de companhia. Nenhuma delas se chamava Virgínia e, sendo pessoas de bem, seus verdadeiros nomes não serão aqui mencionados. A moça trabalhava de vendedora há anos numa conhecida loja de Taquara. Muito bela, tinha uma aura na qual não se sentia o peso, a presença dos vícios das moças urbanas. Vista sempre só, ou na companhia da velha senhora, a impressão que causava é a de que não lhe interessavam os atrativos mundanos que a cidade oferece. Quando o clima permitia, e antes da reclusão trazida pelo Covid, de braço uma com a outra, não perdiam missa. Como sei disso tudo? Estranha coincidência: moravam elas perto da minha casa. Nos domingos, se no horário dos sinos matinais eu já estivesse de pé, pela grade da janela que se abre para a calçada da rua, ficava a apreciar a passagem de dupla tão singular.

Meio a contragosto, tomei o depoimento da moça, intimada de forma discreta a comparecer à DP de Taquara. Ao contrário do que esperava, não mostrou ela timidez, nem temor, nem constrangimento. Abalou-se sim, quando soube do crime. Mas manteve-se de poucas palavras. Dissera apenas o que tinha que dizer, em tom firme, e sempre “olho no olho”. Pelo menos confirmei minhas suspeitas: ela era a Virgínia do anúncio achado no bolso de Rubens. Tinha até em sua posse uma carta dele, na qual esse mostrava certa urgência em conhecê-la, embora ela lhe respondesse que ainda era cedo para tal encontro, pois havia o vírus, e também outras razões. Mas ele insistia, e disse que ia procurá-la, mesmo assim. Por causa dela, Rubens viera de Novo Hamburgo para ser morto em Taquara, mas de nenhuma outra forma, ela estava envolvida com o crime. Tomado o depoimento da “Virgínia”, eu encerrava os últimos minutos do expediente limpando minha Glock 40, ao mesmo tempo em que matutava sobre os reveses do amor, quando o tema de *Hawaii Five O*<sup>5</sup> tocou. Meu celular.

Era Jamal, exasperado.

— Inspetor, me ligaram agora da Santa Casa.

No quarto onde se encontrava a irmã de Rubens, fora achado um *coração*.

Um coração *humano*.

Jazia sozinho no chão do 48, longe do corpo ao qual pertencera.

Eliza, estranhamente, pois estava tendo uma boa recuperação, viveu apenas mais algumas horas após tal achamento.

\*\*\*

À noite, sonhei com “Virgínia. Apareceu ela ao pé da minha cama. Em total quietude revelava-me seu esplêndido corpo cor de cuia. O quarto era o meu, mas as paredes estavam todas forradas de um veludo vermelho vivo e tudo se banhava numa luminosidade estranha, incomum, não vinda de nenhuma fonte material. Em silêncio, ela se debruçou sobre mim. Fascinou-me a boca de “Virgínia”, que eu via enfim despida de

---

<sup>5</sup> Série de Tv criada em 1968 sobre uma força-tarefa policial que atua na ilha do Hawaii. Teve doze temporadas, e ganhou um remake em 2010. O tema de abertura da série, criado por Morton Stevens, se tornou tão famoso que em 1969 a banda de surf The Ventures o interpretou, colocando-o definitivamente nas paradas e tornando-o um sucesso que até hoje é regravaado e tocado na mídia.



máscara, o biquinho avantajado de seu lábio superior, os salientes dentinhos sob o mesmo, eu então *abracei* a inusitada aparição, e ao fazê-lo, senti os longos e sedosos fios de sua cabeleira como que a afagarem o meu peito, também nu, onde um coração batia forte, acelerado, descompassado *Tum-Tum Tum-Tum Tum-Tum* parecendo que ia explodir.



Agradecimentos ao professor Plínio Zíngano e ao inspetor Kendi Yoshida, pelas informações e paciência.

**Luiz F. Haiml**, 59, sagitariano. Natural de Porto Alegre (RS) funcionário municipal (que se o destino deixar, se aposenta no próximo ano). Escreve ficção e poesia, tendo alcançado os primeiros lugares em alguns concursos literários e desde 2004 participa de antologias diversas. Já colaborou como colunista e comentarista em vários órgãos de imprensa da sua cidade (Taquara) e de outras (Tramandaí, Três Coroas). Cinéfilo, louco por séries, videomaker. Roteirizou o primeiro curta, *Ereshkigal*, feito em sua cidade, no qual também atua; tem várias produções no Youtube como LFHAIML. Mora em Taquara (RS) com a esposa Daniela, a filha Isabella, e duas muito amadas cadelinhas adotadas, Dog e Flor. Seu lema é o dos Beatles “All is need is love”.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS MARÍTIMOS

VOL. III

Ademir Pascale  
Organizador

# POEMAS MARÍTIMOS

E-BOOK



POEMAS SOBRE O MAR - VOLUME III

REVISTA  
**CONEXÃO  
LITERATURA**



saiba mais: clique aqui

CONTO  
POR IRACI J. MARIN



# MEMÓRIA

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

O pai de Raul abandonou o emprego de muitos anos. Tornara-se empreendedor. Os economistas incentivavam a novidade. Quase todos os dias alguém aparecia na TV para falar sobre isto. Conversou com alguns conhecidos, com os vizinhos e com um compadre. Uns achavam arriscado deixar o certo pelo duvidoso, outros o encorajavam: ia ganhar mais e ser patrão de si mesmo, além de não precisar cumprir horário.

Em geral, trabalhava na rua, fazendo contatos, oferecendo seus produtos, conquistando clientes. Por vezes, tinha atividades em casa, relatórios, planilhas, contabilidade, telefonemas, mensagens.

A mãe fazia ‘serviços gerais’ numa empresa e trabalhava durante a tarde. Saía para o trabalho logo após a limpeza da cozinha.

Eles tinham um filho que, segundo o diagnóstico, tinha amnésia, dado que eram recorrentes suas falhas de memória. Insistiam para ele se recordar, ele baixava a cabeça e respondia:

— Não lembro.

As situações de esquecimento eram comuns, inclusive com as coisas da escola. A mãe soube do aniversário da professora do filho, então se dedicou a bordar flores multicoloridas num guardanapo de tecido branco. No dia, fez um bonito pacote de presente e colocou nas mãos do filho:

— É presente de aniversário pra tua professora. Entrega pra ela e dá os parabéns, viu?

Ele fez que sim com a cabeça e foi para a escola carregando com cuidado o presente. De volta, não esperou a mãe perguntar. Entrou em casa dizendo que entregara o presente. Ela quis saber se a professora ficara contente, se tinha dito alguma coisa. Ele respondeu:

— Acho que sim, não lembro.

*Consultaram um especialista e começaram o tratamento.*

Um dia, seu pai o chamou.

— Meu filho, vai vir às vezes uma moça pra me ajudar no trabalho. O nome dela é Alana. Mas não precisa dizer isto pra ninguém, nem pra tua mãe.

— Tá bom, pai.

— Não vai se esquecer, né?

— Não vou.

— Você sabe que tem problema de se lembrar das coisas e se esquece facilmente...

— Não vou esquecer, pai.

Quando a moça chegava, dizia-lhe “oi!” e fazia um carinho na cabeça dele, coberto por abundantes cabelos pretos. Ficava no escritório do pai apenas parte da tarde. Nas poucas vezes que a via sair, ela sorria para ele.

O menino comentou:

— Alana é um nome muito bonito e ela também é.

O pai sorriu, orgulhoso.

A presença de Alana na casa deixou de ser novidade para o menino. Ele se encantava com o seu sorriso e com o afago que ela lhe fazia na cabeça toda vez que aparecia.

Durante um jantar, o menino disse para a mãe:

— Mãe, conheci uma moça com um nome muito bonito e ela também é muito bonita.

O pai olhou para ele. Raul baixou a cabeça e silenciou. A mãe interpelou-o:

— Você estava falando que conheceu uma moça bonita que tem também um nome bonito... Como é o nome dela?

Sem deixar de comer, Raul respondeu:

— Não lembro mais.

A amnésia do momento poderia transformar-se numa situação pesarosa se a sua causa fosse conhecida pela mãe do menino. Mesmo assim provocou efeito desastroso na imaginação da mulher. Passou a imaginar uma traição. Amigas falavam de várias formas de traição, inclusive dentro da própria casa. Então ficou atenta às atitudes do marido, na expectativa de alguma pista ou de algum ato falho dele. Mas não descobriu nada, então se aquietou.

Com o tempo, a mãe pensou que a falta de memória de Raul era somente uma forma de desculpa ou escape. A amnésia estava regularmente superada, graças ao tratamento que faziam, e a ela já não se importava com os pequenos esquecimentos do filho. Também não estranhava a ausência do marido, quando ela chegava à casa e não o encontrava, pois fazia parte do trabalho dele estar na rua.

Mas um dia, mesmo sem esperar resposta e apenas para dizer algo, perguntou ao filho a respeito do pai.

Raul respondeu com naturalidade:

— O pai ficou em casa até Alana chegar. Depois saiu abraçado nela.



**IRACI JOSÉ MARIN** reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. E-mail: [advmarin@gmail.com](mailto:advmarin@gmail.com)

*Apoie a nossa causa*

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

**APOIA.se**



**Agradecimentos aos nossos apoiadores:**

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame -  
Mônica Prado

**você também pode apoiar, acesse:**

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

CONTO  
POR LUCIANA SIMON DE PAULA  
LEITE



# O GIZ BRANCO

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

Joaquim espalhava feno dentre os pés de laranja, técnica utilizada para reduzir o calor, barrar a luz e dificultar o crescimento de ervas na plantação. Possuía dezoito anos e gostava de ajudar o pai, conhecido na região de Ibicoara como Seu Tonho “da pimenta”. Isso porque, durante muitos anos, o avô de Joaquim e seu pai, Antonio, exploraram boa parte do solo do sítio de cerca de quinze alqueires que possuíam na produção de pimenta malagueta a qual, após processamento e preparo, dava ensejo a disputados molhos de pimenta vendidos na cidade e região da chapada em pousadas e hotéis, nos frascos artesanalmente fechados com tampas e fios de palma, sem dispensar os adesivos rústicos nos vidros densos com o nome do Sítio Santa Rita.

A história da família era repleta de episódios de luta pelas terras, trabalho árduo, dedicação e persistência. Segundo seu pai, Antonio, descendiam de garimpeiro que migrou para a região da Chapada Diamantina na segunda metade do século XIX, inicialmente para Lençóis em busca de diamantes. Naufragado o sonho da riqueza, os filhos de Dagoberto Ferreira – esse era o nome do garimpeiro – se espalharam pela região, tendo alguns se fixado na localidade de Ibicoara, onde adquiriram terras. E não foi sem sangue e embates que conseguiram conservar e até mesmo ampliar o território diante da força política e econômica dos fazendeiros da região. Mas talvez o DNA que o primitivo garimpeiro legou às gerações que o sucederam fosse afeito a desafios, aventuras, grandes perdas, alguns ganhos e muita coragem e força de vontade para perseguir seus objetivos. Todos os membros da família Ferreira trabalhavam com afinco, sem lamúrias ou preguiça, despertando antes do sol nascer e deixando os afazeres apenas no crepúsculo do dia.

Antonio teve cinco filhos com Angelita, mãe do Joaquim. Conheceram-se ainda muito novos numa festa de santo em junho na cidade. São João. Ele com dezesseis anos, ela catorze. Engataram um namorico comportado e quando a moça completou dezessete anos os pais autorizaram o casamento com medo que pegasse barriga a qualquer momento. Passaram a viver no sítio Santa Rita, parte que coube a Antonio Ferreira na divisão das terras da família. Mas seu pai se destacou dos irmãos: sempre teve uma visão de mundo além de seu tempo e de seus frágeis conhecimentos escolares. Era muito inteligente, curioso. Observava o cultivo das terras nas fazendas, as técnicas, as tendências de frutos e alimentos, aqueles que melhor se adaptavam ao clima e solo. Além disso, Antonio exigiu que seus cinco filhos estudassem. Não importava que precisassem pegar o circular na estrada empoeirada para percorrerem cerca de 40Km até a escola. Costumava dizer: “filho de fazendeiro se forma doutor então meus filhos têm que fazer a mesma coisa”. Apesar do cansaço da rotina, da poeira engolida no caminho e do calor insuportável nos trajetos e na escola sem ventilação adequada, com teto de zinco, Joaquim se sentia grato ao seu velho pai. Suas três irmãs fizeram magistério. Casaram-se e mudaram para a cidade. Apenas Laurinha, a irmã mais nova, lecionava numa escola estadual. Seu irmão mais velho, Edgar, havia desertado da missão familiar. Foi fazer faculdade pública no Rio de Janeiro, formou-se em contabilidade e por lá ficou. No início, seu pai ficou triste. Mas não se sentia no direito de impedir o progresso do filho. Não ele que tantas vezes teve ímpetos de deixar as obrigações, a família e simplesmente ir



conhecer o mar em alguma cidade litorânea. De sol a sol trabalhando, a palavra lazer era praticamente desconhecida por Seu Tonho “da pimenta”.

Joaquim se encontrava num dilema. Sabia que seu pai não iria impedir que cursasse universidade, até faria gosto. Mas não ignorava que ele estava envelhecendo e precisava de apoio na produção agrícola, a qual aliás estava em um ótimo momento. Joaquim, conversando com os amigos anos antes, soube da existência de um engenheiro agrônomo que havia se mudado para propriedade rural próxima ao sítio e estava cultivando hortaliças e outros alimentos orgânicos. Porém, mais do que essa atividade, o que chamou a atenção de todos foi a casa que ele construiu no local. Era uma casa “ecológica”. Possuía sistema coletor de águas da chuva, com reutilização da água, tratamento do esgoto. Era arejada e ampla, levantada com materiais que posteriormente soube serem qualificados como “sustentáveis”, existentes na própria natureza e que não a destruíam. E o mais incrível de tudo: o tal engenheiro inseriu umas placas quadradas, espelhadas, em cima da parte superior da casa que captavam a energia solar, aproveitada por um mecanismo adequado para suprir a demanda de energia em toda a propriedade. Resolveu conhecer o engenheiro, chamado Erick Monteiro da Silva. Cerca de trinta e cinco anos, branco, de baixa estatura, olhos amendoados e esverdeados, um pouco calvo. Simpático e falante. Adorou a ideia e a transmitiu a seu pai que, sempre atento às novidades e curioso por natureza, após conhecer e conversar bastante com o homem, executou as mudanças no sítio Santa Rita quer na residência da família, quer nos outros galpões, inclusive naquele utilizado para preparo dos molhos de pimenta e engarrafamento juntamente com a produção inteira de goiabada, feita em tacho grande, dotada de cheiro e sabor deliciosos. Ao menos era o que os clientes comentavam.

Joaquim não se sentia em desespero, apenas em dúvida. Por Deus, como alguém com dezoito anos poderia decidir toda a sua vida assim, profissão, futuro, se nem os mais velhos conseguiam ter certezas quanto a seus destinos? Aquilo parecia realmente exagerado, o vestibular.

Amava profundamente a região em que nasceu e cresceu. Aquele céu imensamente azul com poucas nuvens e sol escaldante. A cor verde da plantação, da paisagem, das montanhas ao longe. Sempre fez muitas caminhadas e tomou inúmeros banhos de rio e em cachoeiras da chapada. Ficava encantado com os cânions que impactavam, de pedras escuras e pontiagudas com água na parte inferior, quando vistos de cima, preta, leitosa, parecendo petróleo vivo, movediço. As nascentes de água ferruginosa, acobreada mesmo, de pureza inigualável. Adorava, após se embrenhar no mato e subir morros que se sucediam, deparando-se com pedras inóspitas, de um cinza compacto e claro, além de calangos que saíam em disparada sobre a areia incandescente, sentir no ponto final da escalada, no cume, o vento batendo em seu rosto avermelhado e úmido com as gotículas de suor. Aquilo era liberdade embora para encarar os trajetos sinuosos e perigosos da chapada apenas os nativos da região possuíssem a necessária habilidade. Os visitantes muitas vezes eram imprudentes e tinham muita sorte ao não escorregarem nas pedras ásperas e cobertas com areia. A natureza primitiva e forte da chapada exigia respeito. Era uma força ancestral que, para Joaquim, devia ter composto o habitat preferencial dos dinossauros na era mesozoica, podia até mesmo vislumbrar alguns vultos espreitando,

próximo às paredes escuras de rocha dos paredões. Porém acreditava que as visitas guiadas nos locais turísticos, com informações e preparo indispensáveis, podiam ser realizadas com segurança. Acontece que como sempre existem aqueles que se julgam conhecedores de caminhos que ignoram, não eram raras as histórias de episódios de quedas de andarilhos e até mesmo desaparecimento de visitantes que saíam para acampar junto à natureza, desprezando as chuvas e fluxo das águas dos rios, para jamais retornarem. A natureza exigia respeito do homem.

Integravam os membros da família Ferreira a Cooperativa Amigos do Campo. Além das atividades econômicas propriamente ditas com objetivo de venda das safras e intervenções na fixação de preços dos produtos no mercado, a cooperativa era bastante ativa ao trazer aos integrantes conhecimentos sobre técnicas, sementes, fertilizantes, práticas não prejudiciais ao meio ambiente e aquelas que visavam maior produtividade, as quais poderiam ser adotadas pelos trabalhadores rurais, além de métodos para otimização de recursos e administração financeira. Mas havia algo que era um empecilho bastante constrangedor para que muitos agricultores pudessem melhor aproveitar os ensinamentos. O analfabetismo. Como a postura de Antonio Ferreira, no sentido de valorizar os estudos e estimular os filhos a desde cedo considerarem como prioridade a frequência escolar, fosse bastante rara, findava que cerca de 50% dos cooperados eram analfabetos funcionais: reconheciam as letras e números, mas não compreendiam textos nem conseguiam captar as ideias centrais e explicar o conteúdo do que liam. Isso sem falar em ao menos 40% de cooperados completamente analfabetos.

Foi no início do dia de sábado que Antonio, no café da manhã em que era servido cuscuz morno com manteiga caseira, que derretia nas laterais do alimento em formato de bolo, batata doce cozida, leite fresco e café recém torrado e moído, grãos produzidos ali mesmo na região, em propriedade vizinha, puxou assunto com o filho sobre o novo projeto da cooperativa, deixando o último cheio de curiosidade e expectativa.

— Olha, Joaquim, o Ambrósio conseguiu fechar uma parceria entre a rede municipal de ensino e a cooperativa para alfabetização dos cooperados e familiares, gratuitamente. Mas os cooperados que já completaram o segundo grau vão ter que colaborar como voluntários auxiliando os professores que irão dirigir o projeto na alfabetização, especialmente para aqueles que não tem qualquer conhecimento sobre as letras. Você sabe, temos muitos que até conhecem algumas palavras, assinam o nome por assim dizer, sabem de alguns números, mas não entendem os textos, não conseguem escrever nada que tenha sentido.

— Nossa, pai, que legal! Parecido com mobral?

Antonio riu-se da animação do filho.

Bem, filho, mais ou menos. O mobral foi extinto em 1985 e foi então implantado o Projeto Educar. O mobral era criticado por querer transmitir ideias para as pessoas, ao menos é o que eu ouvi falar. Você concorda em trabalhar como voluntário? Não vai ser fácil. Não são crianças, as pessoas precisam ser respeitadas e até os exemplos que serão dados nas aulas terão que mexer com elas, precisam se identificar, acho que é o caminho.

— Ah, claro né pai! Eu acho ótimo, vai ser muito divertido! Só espero que alguns não fiquem nervosos e com vergonha caso sintam alguma dificuldade para entender.

— Olha, filho, eu acho que é preciso paciência e jeito. Respeitar, não falar com eles como se fossem crianças ou pessoas sem inteligência. E dar exemplos do dia a dia, do plantio, da rotina, porque deve ajudar a entender. Tem de ser cabra macho para reconhecer o que não se sabe ainda mais na frente de moleques como você!

Joaquim caiu na risada já imaginando as caretas dos compadres do pai. Mas como era bastante tranquilo e bem-humorado, achou que esse desafio seria interessante até mesmo para que não ficasse remoendo o que faria de seu futuro, faculdade, trabalho, se escolheria algum curso que tivesse ligação com as atividades agrícolas, produtivas e comerciais ou não. Sentia-se não pressionado, mas com dever de ajudar o pai. E adorava morar com sua família, tinha muitos amigos inclusive na cidade. Joaquim era um rapaz simples. Não era ambicioso, gostava legitimamente de trabalhar e dividir bons momentos com parentes e todos aqueles cuja companhia apreciava. Acrescentou, apenas:

— Sei, pai, pode deixar. Eu terei muita paciência pois sem paciência a gente não consegue nada. O senhor me ensinou, lembra?

Antonio deu um meio sorriso.

— Sim, filho. Paciência, persistência e honestidade. Não importam os outros, que não acham isso necessário. O que é preciso é fazer a sua parte.

Levantaram-se da mesa satisfeitos e foram dar conta das atribuições de cada um, trabalhando na propriedade. Ali sempre havia muito a fazer.

Passaram-se poucos dias e após Joaquim preencher formulários e enviar documentos, foi marcada a data inicial para reunião na sede da cooperativa entre professores, voluntários e interessados em participar do programa para alfabetização. O que provocou a parceria foi a comodidade para os homens simples do campo em participarem das atividades ao final do dia, duas vezes por semana por duas horas e meia, perto de casa e contando com o apoio de voluntários que eram seus conhecidos, dentro de uma comunidade a que pertenciam e se sentiam respeitados individualmente.

O espaço da cooperativa consistia em um grande armazém coberto e fechado nas laterais para aguentar as intempéries, com amplas janelas, erguido com adobe, tipo de tijolo de barro cru e pintado com cal. O lugar era arejado, iluminado e se situava na parte elevada de um terreno de forma que ficava mais fresco o ambiente, existindo em seu interior diversos ventiladores para reduzir a temperatura. Houve divisão dos interessados em três turmas, de acordo com a preexistência de conhecimentos ou não. As cadeiras foram dispostas lado a lado e defronte as mesmas, lousas da cor verde ficaram erguidas sob o apoio de tripés com os quais se conectavam. Existiam aproximadamente sessenta alunos, distribuídos nas três turmas. Joaquim teve como atribuição auxiliar a professora com o material didático que ela iria distribuir na turma daqueles que não possuíam qualquer alfabetização. Era certamente o maior desafio.

Um pouco sem jeito ao reconhecer várias pessoas, lavradores e pequenos proprietários de terras, resolveu alongar o pescoço e a coluna, simplesmente olhando para frente, tornando suas expressões faciais mais rígidas. Aquilo era trabalho de responsabilidade e estava lá para ajudar os velhos companheiros de seu pai os quais, por sua vez, também eram genitores de alguns amigos de Joaquim. Mantendo essa postura solene, chamou-lhe a atenção a presença do Sr Genivaldo, um homem magro, baixo, de cabelos crespos negros bem aparados e que vestia uma camisa de manga curta verde musgo bem como calças jeans surradas. Os pés eram calçados por botas usadas que um dia, deviam ter sido da cor marrom, mas agora eram daquela correspondente à terra alaranjada. Ocorre que Genivaldo era autista. Todos na comunidade sabiam de sua história: os pais arranjaram-lhe noiva na cidade, extremamente pobre, ofertando uma boa contribuição em dinheiro aos pais da jovem. O casamento foi realizado sem que os noivos tivessem qualquer convivência, encontrando-se pela segunda vez na data da cerimônia simples e rápida realizada na capelinha da Estrada da Cana Verde. Foram morar em uma modesta casa no terreiro dos pais de Genivaldo, que mal falava e balançava bastante o corpo e a cabeça quando ficava nervoso. Genivaldo não tinha problemas para verbalizar, ele simplesmente não gostava do contato com as pessoas, mas Joaquim já o havia escutado responder ao próprio pai, Seu Umberto, algumas perguntas sobre o trabalho no sítio. A surpresa de Joaquim se devia ao fato de não saber se aquele homem frágil, quase mudo e que todo mundo olhava com um misto de pena com falta de vontade de encontrar, por algum constrangimento, iria aproveitar algo do que fosse ensinado ali. Mas não lhe cabia fazer qualquer manifestação, a professora por certo saberia como proceder.

Existiam no espaço destinado aos analfabetos mais homens do que mulheres. Encontravam-se sentados visivelmente constrangidos, meio cabisbaixos, mas dispostos a aprender alguma coisa que lhes fosse útil. Para Joaquim aquilo era atitude de gente corajosa.

A professora, que se chamava Maria Eulália, começou a falar:

— Boa noite, tudo bem com vocês? Em primeiro lugar, sejam muito bem-vindos! Vocês estão de parabéns por estarem aqui em busca de conhecimento! Nosso esforço é para que todos consigam aprender a ler e a escrever sem sofrimento, não precisam ficar com vergonha, tá bom? Todos nós começamos um dia. Terei aqui comigo o Joaquim, conhecido senão de todos, ao menos da maioria de vocês como cooperados, o qual irá me ajudar. Nós teremos regras em nossas aulas. Eu colocarei na lousa – nesse momento ela apontou com o dedo indicador para o quadro verde que encarava os alunos de frente – as lições principais. Vocês têm cadernos, lápis, borracha que foram distribuídos. Cuidem bem desse material, é importante. Nós vamos passar folhas impressas com lições para vocês estudarem em casa e treinarem. Vamos devagar, uma coisa de cada vez. Eu sempre, após explicar o ponto, vou dar a palavra a vocês, ou seja, vocês podem perguntar sobre o assunto da aula, não outros para a gente não se perder. E por favor, evitem conversar durante as aulas, atrapalha bastante!

Joaquim ficou com uma vontade imensa de cair na risada. Aqueles homens e mulheres rústicos, fortes e destemidos, acostumados a enfrentar trabalho duro, estavam acuados, de olhos arregalados, tensos. Pareciam crianças levando bronca da mãe severa. Controlou seu ímpeto, afinal tinha sido promovido a professor júnior ou algo semelhante. Resolveu fazer uma pergunta à professora em tom baixo, quando ela lhe deu espaço para tanto.

— Professora, por favor? Qual será a minha função durante a aula?

— Sim, Joaquim, faremos assim. Após eu dar as lições, tirar algumas dúvidas, vou sair e passar nas outras turmas, estamos em apenas dois professores e precisamos nos revezar. Você assume caminhando próximo às filas, tirando as dúvidas dos alunos que serão básicas pois estamos na fase de alfabetização. Usarei desenhos, imagens, isso ajuda bastante a fixar dados na memória. E eles vão precisar trabalhar manualmente, com papel, lápis, a atividade motora colabora para o aprendizado e fixação do conteúdo.

E assim foi feito. Joaquim se surpreendeu ao verificar o respeitoso silêncio dos alunos, adultos cansados da lida, homens, mulheres mais velhas em regra, mães, avós. Mas apesar de se sentirem certamente exaustos da rotina diária que havia terminado na hora noturna era perceptível o quanto estavam se esforçando para prestar atenção nas explicações da professora. As vogais foram apresentadas na primeira aula. As consoantes o seriam aos poucos, nas aulas que viriam. Segundo Maria Eulália não adiantava passar informações em profusão, era necessário tempo, repetição para que o conhecimento fosse armazenado e se familiarizassem com os símbolos. Então a lição que Joaquim acompanhou foi a de cópia das vogais pelos estudantes em um caderno de caligrafia, utilizando lápis e borracha. Foi caminhando lentamente, olhando os cadernos e por vezes sentindo vontade de esboçar um sorriso em virtude da grafia estrambólica. Mas se conteve, tentou passar tranquilidade e animar alguns estudantes quando soltavam suspiros com maior intensidade, dando a impressão de estarem irritados com aquela difícil tarefa. Ao final da aula, como a professora demorasse a retornar, Joaquim perguntou como eles tinham sentido aquela experiência. Vários se explicaram, ainda envergonhados, dizendo que o trabalho era complicado mas não iriam desistir pois sabiam que era importante para a vida. Joaquim percebeu o quanto foi positivo dar espaço de fala aos alunos inclusive porque perceberam, de modo claro, que as dificuldades eram compartilhadas pela grande maioria. Joaquim sorriu e garantiu que todos iriam aprender com tempo e perseverando na frequência e na prática de exercícios. A professora Maria Eulália apareceu ao final do tempo da aula, bastante esbaforida e agradeceu o comparecimento de todos solicitando que fizessem como lição de casa o “desenho” das vogais no caderno individual, três vezes. Joaquim notou, novamente se divertindo, que lição de casa era algo universalmente detestado.

Saiu da cooperativa com o coração leve. Foi caminhando para casa, eram apenas 2,5 km e existiam poucas subidas na estrada de terra, algo que aliás de tão acostumado não estranhava. O céu estava muito escuro e estrelado e a lua preenchia formosa e pálida a porção do firmamento que lhe fora destinada. Ouvia ao longe os risos e conversas dos alunos que se encaminhavam para suas casas, agitados e alegres. Experimentava uma

sensação de paralisia como se o ar estivesse suspenso e tudo passasse devagar, as pedras, as árvores, os arbustos, as cercas com arame farpado delimitando as propriedades, os insetos cruzando o espaço, o som dos pássaros recolhidos nas árvores, enquanto caminhava. O que fazer? Deixar o Santa Rita? Fazer qual faculdade? Mudar de cidade no futuro, ter uma profissão que não considerasse a terra de sua família e os anos de dedicação de gerações? Mas se assim fizesse, como se sentiria seu pai? Joaquim chegou à conclusão de que precisava em primeiro lugar ser honesto consigo mesmo. E dentro disso não pode negar que aquela noite havia despertado algo em sua alma. A percepção de um sentido. Joaquim, bem o sabia, gostava genuinamente daquela gente simples, sem rodeios, trabalhadora, dedicada aos bichos, às plantas, aos familiares. Não tinha muita vontade de se mudar do sítio para a cidade grande, mas entendia que uma faculdade era importante, inclusive porque seus pais sempre alertaram os filhos a propósito desse fato. Estava acostumado a navegar na internet, já havia feito curso de computação em Ibicoara mais jovem e sabia, era exceção naquele universo ao possuir inclusão digital. E isso apenas aconteceu pelos recursos financeiros de sua família que, com trabalho árduo e contínuo, alcançou condições dignas de existência. E a grande indagação, a maior de todas que se postava com frequência em seus pensamentos, era se o mundo não estava caminhando para a supervalorização das coisas – máquinas, sistemas, eficiência sob menos custos – em prejuízo das pessoas. Aquelas mesmas pessoas que eram compadres e comadres de seus pais, as quais conhecia desde pequeno e que não sabiam sequer redigir o próprio nome. Quanto mais pensar em inclusão digital. E dessa forma, surgiu uma resposta dentro de si, a qual já buscava a certo tempo: iria cursar engenharia florestal e tentaria ingressar em alguma faculdade, preferencialmente pública, em Vitória da Conquista, onde sua tia Jandira, irmã de sua mãe, morava com o marido idoso. O casal não possuía filhos, a família era bem próxima e não haveria qualquer incômodo em permanecer na casa da parente. Poderia voltar aos finais de semana, ao menos quinzenalmente, para o sítio e ficar com os pais. E futuramente seus conhecimentos seriam mais amplos pois teria que estudar a respeito de preservação ambiental o que também incluía a exploração adequada da terra, de maneira vantajosa ao homem e não destrutiva do meio em que todos vivem e do qual dependem as novas gerações. O importante era se respeitar, ser feliz era estar próximo de gente que lhe fizesse bem. E após essa primeira noite de curso de alfabetização para homens e mulheres adultos, não havia como ignorar que o sentido estava ali. E não a milhares de quilômetros de distância. Assim que chegou em casa comunicou ao pai e à mãe sua deliberação. Angelita, sorrindo apaziguada, colocou na mesa um prato morno de godó de banana – ensopado com carne de sol e banana verde — para que Joaquim se alimentasse, antes de dormir. O filho ficou feliz ao ver os olhos dos pais brilharem de contentamento e porque não dizer, gratidão.

As aulas de alfabetização ocorreram de modo ordenado, com frequência quase absoluta pelos alunos, sem atropelos e com visível aprovação pelos lavradores dos pequenos progressos que obtinham após explicações e exercícios. Claro que eram diferentes, cada um progredia em seu próprio ritmo. Alguns eram mais limitados e exteriorizavam certas dificuldades para compreensão e redação, mas os conhecimentos e a prática essencial da escrita das letras, com identificação dos respectivos sons, foram alcançados.

Quanto a Genivaldo para Joaquim havia um mistério a ser resolvido. O sujeito continuava mudo, olhando fixamente em alguns momentos para algum ponto no horizonte. Parecia não ouvir o que se dizia em aula. Mas quando Joaquim olhava seu caderno, as letras estavam bem desenhadas e os exercícios corretamente feitos. Salvo o que era concretizado em aula, até pensou que alguém o auxiliasse em casa. Mas aquela sua suspeita devia ser resultado de alguma prevenção que tinha em relação à saúde mental do homem.

Genivaldo nas aulas de alfabetização se sentia como de resto era comum em sua rotina: visto como um ser estranho, anormal, sem inteligência ou percepção da realidade. Ele era diferente. Tinha dificuldades para se expressar verbalmente na frente de estranhos. Quando ficava nervoso tinha surtos de descontrole, movimentando-se de forma automática, bruscamente e de modo reiterado. Era um pânico, um desespero, uma falta de domínio do próprio corpo o que acontecia consigo. Mas Genivaldo tinha inteligência. Seus sentidos eram preservados. Via e sabia quando era ridicularizado, indesejado e até mesmo, temido, como se pudesse transmitir alguma moléstia aos outros. Ainda que demorasse um pouco para ver a maldade nas pessoas ao seu redor. Era algo que até bicho sentia. Como poderia ser diferente com ele? Na infância, seus pais não o colocaram na escola por vergonha. Ah, nosso filho é diferente. Não vai acompanhar as lições. Burro, coitado. Deus é que sabe. E o tempo foi passando sem que ele conseguisse ter amigos, sem frequentar escola, sem sair da rotina do sítio, do trabalho na lavoura. Os dias que se repetiam eram intercalados por noites quentes de sono profundo. E então chegou Jerusa em sua vida. Os pais arranjaram a noiva, deram uma boa quantia em dinheiro à família dela, que era jovem, dezoito anos recém completados, para que se casasse logo com Genivaldo. No início houve o estranhamento. Os dois forçados a uma convivência obrigatória em uma casa construída no sítio dos pais dele. Genivaldo havia entendido na televisão que as pessoas se beijavam, casais tinham filhos e havia “algo” que faziam para isso. Mas os detalhes ignorava. Com o tempo e rendendo-se Jerusa ao seu destino, começou a conduzir Genivaldo para que tivessem intimidade de casal. Tiveram dois filhos, atualmente um garoto de treze anos e uma menina de seis. Genivaldo dava graças a Deus por não serem como ele. Poderiam frequentar a escola, ter amigos e não serem olhados como estranhos.

Último dia de aula. Maria Eulália solenemente começou a discursar na frente da classe.

— Estou muito satisfeita com o aproveitamento de todos vocês, parabéns! Fechamos o ciclo das aulas e seguimos o programa de alfabetização. Vocês ainda se submeterão a prova, mas haverá tempo para isso e poderão se preparar, não se preocupem! Eu gostaria de terminar essa noite pedindo para algum aluno vir aqui na frente e escrever uma frase com este giz que estou segurando em minha mão, na lousa. Quem será?

Não se ouvia qualquer ruído. De repente um silêncio avassalador se instalou no ambiente. Os alunos ficaram mudos, desviando olhares, mexendo nas mãos, nervosamente.

De repente, no fundo da classe, levantou-se alguém. Era Genivaldo.

— Eu, professora.

Espanto generalizado. Como seria possível Genivaldo escrever alguma coisa! Ah, coitado, vai passar vergonha! Era isso que pensavam os demais presentes, sem exceção. Até mesmo a professora.

Com seu jeito introvertido, ambos os braços largados lateralmente em seu corpo, como se estivessem relaxados, com os olhos baixos, Genivaldo encaminhou-se até à professora, retirando o giz branco de sua mão. Sem nada mencionar, olhando ainda para o chão após mirar por breves instantes os olhos da mestra, foi até a frente da lousa e escreveu:

“Meu nome é Genivaldo da Silva. Eu gosto de plantar”.

A reação de todos foi do mais profundo espanto. Genivaldo escreveu!

Maria Eulália se desmanchou em sorrisos e começou a bater palmas. Não cabia em si de satisfação.

— Parabéns, Genivaldo! Você escreveu corretamente!

Ele deu de ombros e com a fisionomia ainda inexpressiva, voltou para o seu assento no mesmo ritmo e com gestos semelhantes de antes da proeza, como se nada houvesse se verificado. Não proferiu mais qualquer palavra naquela noite.

Anos depois Joaquim leu um texto que bem lhe esclareceu o que a havia acontecido no final do curso de alfabetização de adultos na cooperativa. Tratavam-se de considerações sobre o dia 3 de dezembro, o dia mundial da pessoa com deficiência, realizadas por uma ativista. Ela comentava que, no passado, tinha a concepção de que a data mencionada teria por finalidade comemorar o fato dela possuir deficiência, no que não havia sentido. Mas compreendeu que a data tinha a finalidade de conscientizar a sociedade da importância da representatividade das pessoas com deficiência. Esclareceu que capacitismo é o comportamento de se julgar a capacidade de uma pessoa a partir das limitações que a deficiência impõe. Disse que pelo olhar alheio da diferença, os outros sequer tentam incluir a pessoa com deficiência, não se dirigindo à mesma, não a olhando, não interagindo de qualquer modo, ignorando a presença, etc. Era a negativa cabal da humanidade alheia, exatamente o que havia acontecido com Genivaldo. Ele sempre foi muito inteligente, dotado de aptidões, com personalidade e vivacidade próprias. Mas ninguém percebia. Foi preciso segurar o giz branco e escrever na lousa para demonstrar a todos quem ele era.

\*\*\*

**Luciana Simon de Paula Leite** exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.



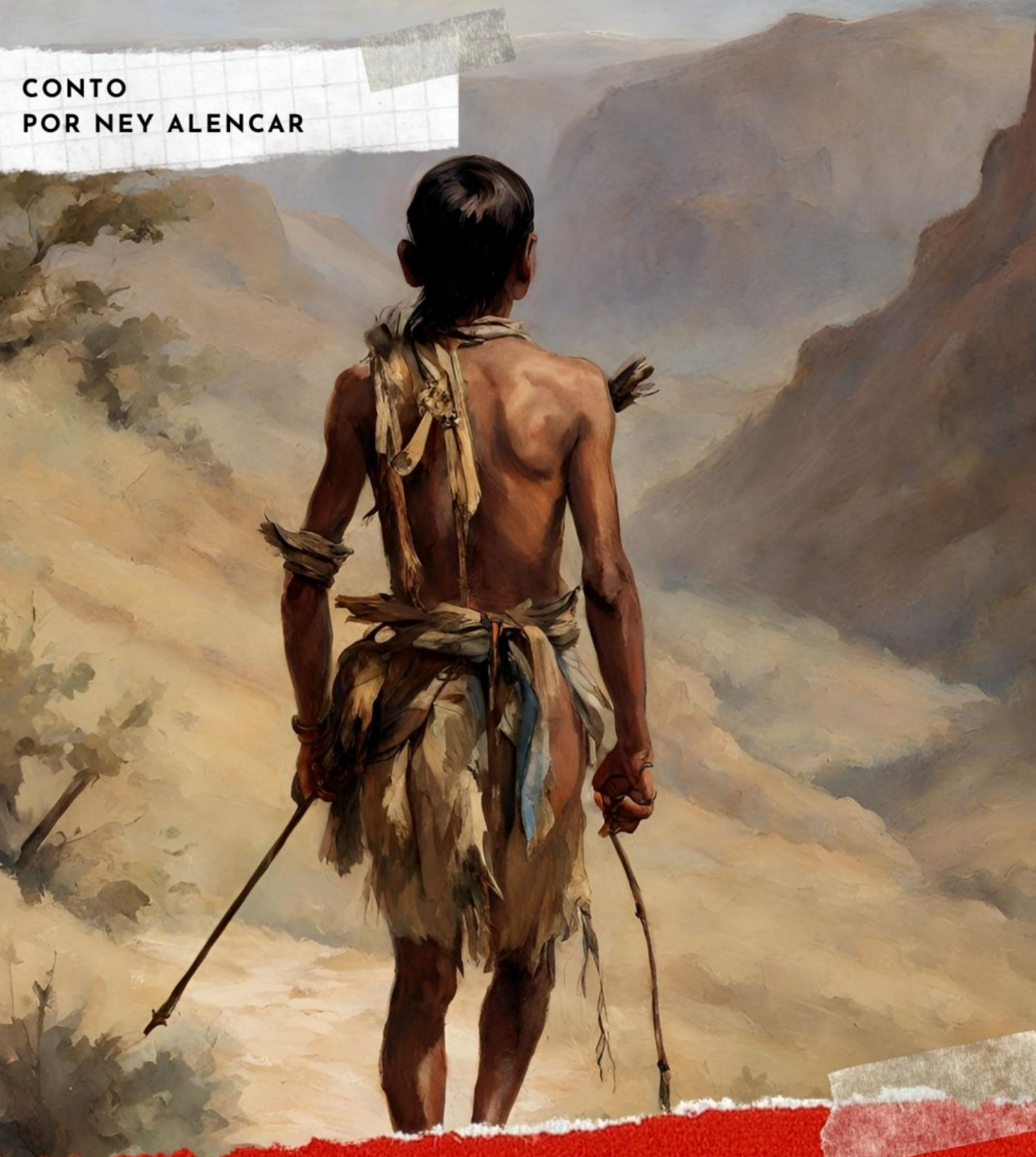
Leia acompanhado de  
uma boa xícara com  
café.



@revistaconexaoliteratura



CONTO  
POR NEY ALENCAR



# A SANHA DO JAGUAROMEM

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

“hamáro kamungka turuwati”

“*Cada coisa tem sua onça.*”

— Ditado Arawak

1802.

**N**aquela tempo não havia nada, mas já existiam as pessoas!  
Um jovem índio sem tribo caminhava pela trilha com um arco pequeno às costas.

Seguia pegadas de onça bem distintas na terra batida, era um animal grande, uma das patas continha apenas três marcas de dedos, era o que a distinguiu das outras que passavam por aquele carreiro.

Parou por um instante e cheirou o ar, um odor distante e almiscarado se distinguiu pelo vento fraco que tangia as folhas dos umbuzeiros.

Outro odor pouco mais forte se sobrepôs a ele.

Era um veado macho e vinha em sua direção.

O índio abaixou-se e tirou uma seta comprida de um carcás na cintura, ajustou-a no arco e esperou dentro de uma moita de espinheiro, os ouvidos atentos conseguira identificar os passos tímidos do animal que se aproximava incauto.

Enquanto esperava se lembrava.

As palavras de Uirio, pajé de sua tribo, antes de ser enviado só para dentro da mata, lhe explicavam porque era tão importante caçar a onça, ela lhe daria aquilo que mais queria, uma alma felina!

Com ela seria o maior caçador que sua tribo jamais vira, e poderia ter a mulher que desejasse sem ninguém se interpor em seu caminho, somente assim poderia se casar com a filha do chefe.

A beleza de Irikiana lhe vinham constantemente à lembrança, seus cabelos compridos que desciam até as ancas, pretos como a escuridão da noite, os olhos reluzentes como carvões acesos, as mãos delicadas, a tez cor de mel, o corpo firme naquela juventude que somente as mulheres conseguem ter!

Cheirou o bicho novamente, já ia levantar o arco para assestar a seta quando um odor pútrido chegou com um vento forte que arrepeleu a poeira do caminho e o escorraçou dali.

Sabia que era o Mbaé-pi-guari que caçava por aquela região!

Tratou de fugir antes que o bicho percebesse sua presença, caminhou na direção da trilha da onça, pelo menos ela não lhe poderia escapar assim tão facilmente.

Enquanto se distanciava ouviu o barulho alto dos berros do bicho caçando o veado.

Contornou aquele pedaço de mata cheio de angelim, pupunha e tucumanzera.

Veza por outra piava um arapaçu distante, assobiando sua canção de acasalamento.

Uma araponga e um jacamin discutiam também distantes.

Capinou a trilha até que pegou novamente o rastro da onça, ia para uma parte mais densa da mata, mais para os lados da afamada Serra do Cipó e das nascentes fantásticas do alto Rio Negro.

Já de tardezinha, quando passava por uma moita grande e densa de bambus e deu de cara com marcas grossas pela terra molhada, serpenteando mata adentro atravessando o carreiro.

“Marcas de Ibibaboka!” — pensou o índio já desviando novamente, para não dar de cara com a cobra matreira naquele lugar.

Deu outra volta gigante até conseguir alcançar o carreiro de novo.

E lá estavam as pegadas da onça de três dedos.

Parecia que estava seguindo o caminho dele.

Precisava alcançá-la antes da noite cair, senão ela se perdia e não encontrava mais, pois onça não para pra dormir, só continua caçando.

Quando já chegava o lusco-fusco parou e respirou fundo, o cheiro almiscarado da bicha veio certo.

Ela estava bem perto dele.

Talvez já o tivesse visto.

Resolveu subir numa perobeira para ver melhor.

Sentou-se nos galhos do meio e ali olhou para baixo, nem bem acostumou os olhos com o lusco-fusco e deu de cara com os olhos matreiros e amarelos da bicha olhando diretamente para ele.

Agora era ele que estava sendo caçado, mas não teve medo.

Assestou a seta e verificou a ponta, o veneno seco ainda estava ali.

Mirou e certo atirou, atravessou o peito da bicha com sua seta e cravou-a no chão.

Morreu a onça sem dar um suspiro.

O índio desceu da perobeira com cuidado e se ajoelhou na cabeça do bicho, abriu a boca de gengivas preta e olhou os dentes luzidios e grandes como espinhos de marfim!

Sorriu, era exatamente o que queria!

Com a pequena faca que trocara com um mascate mameluco arrancou cada um deles com muito cuidado para não estragar, e na luz da lua que nascia verificou cada um com cuidado até que encontrou um deles, um canino grande quase do tamanho de seu dedo indicador, que estava perfeito e sem rachaduras.

Guardou-o em uma bolsinha de couro cru cheia com uma pasta vermelha de cheiro muito forte e adocicado, depois subiu novamente pelos galhos da perobeira e adormeceu.

Acordou era por volta da meia noite.

Olhou em volta e viu o corpo da onça lá embaixo.

Respirou fundo tentando sentir qualquer outro cheiro nas vizinhanças, mas não tinha nada, estava sozinho ali.

Desceu e pôs-se a trabalhar atarefado.

Limpou a clareira na mata e tirou o couro da onça que esticou em uma cruz de tripé de bambu para secar.

Acendeu uma fogueira no centro da clareira.

Estendeu a pele de onça meio seca por causa do calor ao lado da fogueira.

Do embornal de couro retirou um maço de dentes de leão seco e os jogou nas labaredas famintas que os devoraram com sofreguidão.

Um odor pungente preencheu a atmosfera da clareira.

O índio começou a andar da esquerda para a direita sobre o couro, rezando numa voz rouca palavras ininteligíveis, que lhe haviam sido ensinadas pelo velho pajé, antes de manda-lo embora.

À medida que a lua descia e começava a se pôr detrás dos cabeços das serras o aspecto do índio começou a mudar.

Caiu de quatro e pôs-se a andar daquele jeito trejeitoso.

Grunhiu como animal em uma voz ronronante e rouca que se elevou devagar pela escuridão da noite até que de sua garganta, que já não era humana, saiu um miado alto que se elevou pelo vento!

As mãos torceram-se em garras, corcoveou pela poeira quando a pele cheia de sangue seco da onça metia-se por debaixo de sua própria pele, tomando-lhe o lugar.

O dente branco cresceu em sua boca que encheu-se deles, animaiscos e luzidios.

Os olhos amarelos olharam o céu da manhã que não tardava em raiar e uma grande onça pulou na clareira!

Quando os raios do sol nascente banharam sua pele amarelada, manchada de preto ela rugiu para o astro mostrando os dentes.

Espojou-se na terra, desfez a fogueira que já eram só cinzas e alimentou-se da carne da outra onça.

Em um frenesi de felicidade andou pela mata, caçando e se deleitando em matar até que veio a noite.

Retornou à mesma clareira e nos restos da fogueira começou a andar em torno, da direita para a esquerda, desvestindo aquela pele enfeitiçada!

Logo era índio novamente!

Mas nunca mais seria o mesmo índio, nem aquelas matas seriam novamente as mesmas matas.

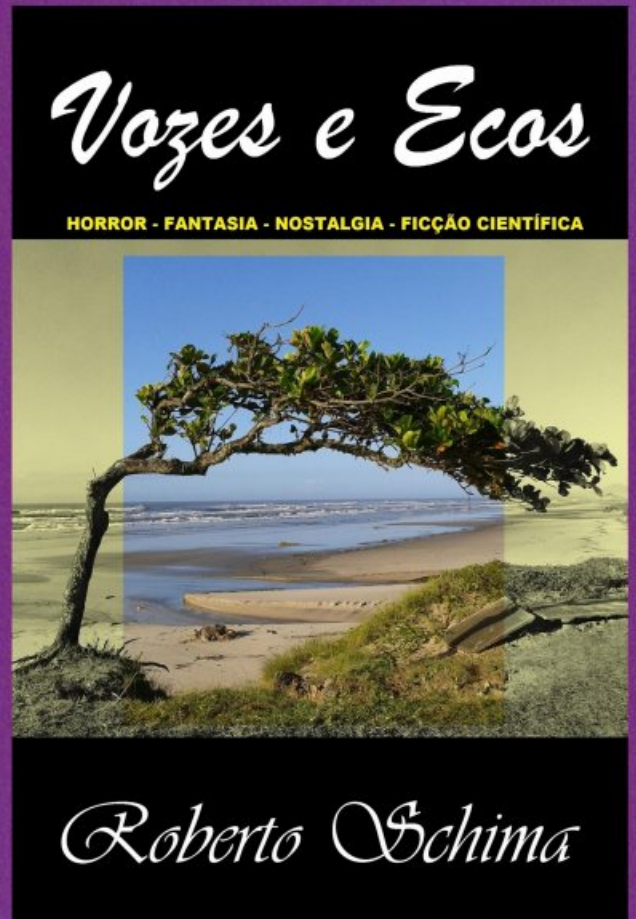
Porque agora ele era o Capiango!



**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.



Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.



DO AUTOR ★  
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR  
O LIVRO

### LIVRO FÍSICO:

- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encurtador.com.br/CDTR5)



CONTO  
POR ROBERTO SCHIMA



# PRÓ-CRIAÇÃO

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

**N**a tarde quente de verão, Josiane jazia deitada sobre a esteira. Mirava o firmamento com o olhar de quem, novamente, descobrira-se menina. Estava no gramado perto da praia.

O som da rebentação era agradável de ouvir.

Seus pensamentos embalavam-se naquele som, enquanto viajavam para cima...

— Lá! — apontou.

No céu, os primeiros botões de luz desabrocharam em estrelas.

— Não são lindas? Quase dá pra pegar...

Cleiton, sentindo o roçar da perna de Josiane na sua, grunhiu:

— Hum, hum...

A brisa do mar soprava o frescor da noite que se aproximava.

Algumas mechas dos cabelos de Josiane brincavam no rosto de Cleiton.

Se tinha algo que ele não estava pensando, era nas estrelas. Sua "estrela" estava ao seu lado num esticar de mãos. Foi o que ele fez.

— Ei, olha a mão boba! Eu falei lá no alto.

— Ah, Jô!

Naquele final de tarde, alguma coisa chamara Josiane para observar os astros. Sentira um apelo para que olhasse para o céu. Havia uma profundidade naquilo que sua mente de vinte anos lutava por alcançar. Então, desligara-se das ondas, do vento, das carícias do namorado. Seria febre de verão? Era uma vontade de ficar só e, também, de fazer amor.

Perdia-se nas incompreensíveis distâncias que a separava daqueles mundos. Ao mesmo tempo, sentia um calor agradável na virilha.

— Tira a mão daí!

Cleiton ficou casmurro, cruzou os braços e fitou o céu.

"Estrelas estúpidas!"

\*\*\*

Milhões de anos atrás, eles vieram.

Um astro errante fora o lar de sua espécie. Dentro dele, gerações nasceram, cresceram e reproduziram. A escuridão sem estrelas era tudo o que sabiam. Existiam mitos, no entanto, sobre ancestrais de um mundo distante. Os mais sábios daquele tempo enviaram uma expedição para o pequeno mundo gelado.

Aprenderam sobre a composição, características físico-químicas e, até, orgânicas, pois, o cometa abrigava vida em seu núcleo, bolsões de ecossistema. Contudo, por algum motivo, os exploradores não conseguiram retornar.

Quando o cometa se foi, levou os pesquisadores para sempre. Era um cometa errante, livre da tutela de um sol.

Os naufragos, a fim de sobreviver, tiveram de adaptar-se. Enfurnaram-se nas profundezas de gelo, detritos e rochas, junto a outras formas de vida. Por lá ficaram nos milênios que se seguiram. A cada nova geração, aquilo que se lembravam, transformara-se em lenda.



Entre eles, havia lavradores, operários e sábios. Poetas até. Um deles criara um poema intitulado "Até a Eternidade Acabar". A princípio, poucos compreenderam, mas gostaram da sua sonoridade:

*Abrace a solidez  
de seu amor  
no aqui, no agora,  
pois ele é eterno;  
(eterno?)  
ao menos... por ora.  
Antes do evanescer,  
do evaporar,  
do se perder.  
Porque o amanhã  
cuidará de levar  
e até a poeira..  
(sim, até a poeira)  
... irá se dissipar.  
Ah, a ilusão ou o sonho  
de que algo, para sempre,  
poderia durar.  
Porque, malgrado, vivemos  
em um mundo,  
em um tempo,  
onde até a eternidade,  
um dia, irá acabar.*

Poucos souberam avaliar. Além de poeta, ele mostrara-se um sábio. Seria o eco de uma memória ancestral? Fosse o que fosse, referido poeta, cuja existência os mitos também cuidariam de absorver, possuía outra qualidade: a profecia.

E, num dia distante, a previsão iria se concretizar.  
Aquela eternidade terminaria.

\*\*\*

Os três rapazes observavam atrás da moita.  
— Por que estamos aqui? Os dois não têm nada!  
— Fala baixo, Neto — mandou o maior. — Não é o dinheiro.  
— Não? Saímos pra roubar, não foi, Gusmão?  
O maior virou-se, furioso.  
— Fecha a boca! Senão, meu punho vai parar dentro dela.  
Josiane e Cleiton se beijavam. Rolaram na esteira.  
Os três abaixaram-se rapidamente.  
Os últimos turistas retornaram a suas pousadas ou casas de veraneio.

As mãos do jovem acarinharam o rosto de Josiane, o pescoço, ombros e braços.

— Foi por pouco — sussurrou o líder do trio.

Fitou o segundo do grupo, até então calado. Os olhos deste grudavam-se na garota.

Gusmão sorriu.

— Que tal, Bruno?

— Nunca vi mais linda.

— Vale a pena?

— Ô se vale.

— E quanto ao cara?

Bruno encarou o maior. Disse:

— Damos um jeito.

— É isso aí.

Neto, sem entender, indagou:

— Do que estão falando?

Gusmão não deu um murro no outro. Em vez disso, tapou-lhe a boca e quase sufocou-o. Disse:

— Há tempo pra dinheiro. Há tempo pra diversão. Hoje, é diversão.

Levantaram-se. Bruno e Gusmão sacaram seus revólveres. Hesitante, Neto pegou sua faca.

Os três correram para lá.

Cleiton quase conseguiu desatar o nó da parte de cima do biquini quando percebeu a aproximação dos três.

— O que querem?

Josiane gritou.

Em resposta, Gusmão deu um soco no estômago de Cleiton.

Este arquejou e levou uma coronhada na nuca. Caiu sobre a grama. Tantas vezes seus pais e, principalmente, os pais dela externaram preocupação por se encontrarem em locais ermos. A violência crescera muito nos últimos anos. Todavia, a impetuosidade e imaturidade fizera-o desprecavido. E ele iria pagar o preço.

Deu-se conta da intenção dos três.

— Não... — gemeu.

Bruno avançou para a mocinha.

Gusmão o deteve.

— Existe uma hierarquia.

— Depressa — implorou, olhar vidrado.

Gusmão ergueu o braço na direção de Josiane.

\*\*\*

A eternidade findou enquanto certos símios trocavam a segurança das árvores pelas savanas.

Era noite.

Um deles comia a perna de uma gazela quando viu um brilho destacar-se no céu.

A princípio, lembrava uma estrela.

A estação das chuvas terminara. Devido as nuvens, a aproximação do cometa passara despercebida. Agora, no auge de seu brilho, uma longa cauda estendia-se atrás de si.

A mente primitiva do símio não soube traduzir suas inflexões em palavras. Tampouco deduziu a natureza do objeto não identificado. Reagiu instintivamente. Ergueu-se sobre os membros traseiros, pulou e urrou. Outros puseram-se em alerta, imaginando uma fera a espreita. Mas o primeiro símio apontou. Todos viram. Amedrontaram-se.

E os urros do clã ecoaram pela planície.

Porções de matéria glacial do cometa evaporava. Fendas foram abertas. Dentro delas, gases e poeira foram ejetados. Os bolsões de vida foram sacudidos.

Entre os gêiseres mais violentos, os alienígenas descobriram a veracidade de seus mitos: o espaço e as estrelas.

Lentamente, esparramaram-se no rastro do cometa, à deriva nas ondas da gravidade. Descreveram arcos de parábola. Finalmente, uma parte foi atraída para o terceiro planeta.

Na noite de terror e mistério, polvilharam-se sobre a Terra. Espalharam-se por mares e continentes, pradarias e montanhas, desertos e selvas. Infiltraram-se na terra e nas criaturas que tiveram contato. Foram absorvidos pela respiração, atravessaram poros, subiram as raízes das plantas. Melhor sorte tiveram os que foram inalados por aqueles símios, pois eram a espécie destinada a reinar sobre a Terra.

E os símios do bando, sem o perceber, inspiraram do pólen enquanto pulavam.

O primeiro símio espirrou, imaginando que poeira seria aquela.

Como ele ou os alienígenas poderiam saber?

Aquele encontro involuntário geraria novas mutações.

As minúsculas criaturas feito grãos de poeira instalaram-se em todos os recantos. Absorveram e foram absorvidos. Entraram em simbiose naquele meio altamente nutritivo. E, conforme seus ancestrais fizeram muitos milhões de anos atrás, adaptaram-se.

Nos milhões de anos seguintes, a evolução dos símios foi acelerada.

A cada geração, os alienígenas eram igualmente reproduzidos, entremeados aos cromossomos. Já nasciam e cresciam no interior dos fetos.

Híbridos.

Num mundo infinito em descobertas, os seres diminutos viram-se diante do paraíso.

\*\*\*

Gusmão caiu antes de tocar em Josiane.

Neto e Bruno trocaram olhares aturdidos.

Bruno reagiu primeiro. Em vez de cuidar do companheiro caído, jogou-se sobre a mulher. Também desabou.

Neto, sem saber o que fazer, ficou aliviado ao perceber que sua consciência fugia-lhe das mãos.

Josiane recuperou o autocontrole pouco a pouco. Rastejou para junto do namorado e ambos ali ficaram, em choque. Então, eles próprios desmaiaram.

Um pensamento foi emanado de Cleiton e Josiane:

"Finalmente! Levantem-se, agora."

Os três bandidos ficaram de pé; o casal de namorados, também.

O corpo daquele chamado Gusmão deu um passo a frente.

Outro pensamento respondeu através dele:

"Lamentamos. Estes aqui são difíceis de controlar. A simbiose nunca foi completa. Os humanos são tão instáveis..."

"Sim, nós sabemos. Mal podemos evitar que destruam os que vivem em outros animais, nas árvores e nos peixes. Somente ratos e baratas prosperam. O homem tem a habilidade peculiar de fazer mal até a si próprio. Se nossos ancestrais viessem no tempo dos dinossauros, jamais permitiriam que fossem dizimados por um asteroide."

"Não sabemos disso. Nada restou sobre eles."

"Ora, viemos das estrelas! Se pudemos fazer isso, desviar um asteroide seria moleza."

"Moleza'? Vocês absorveram demais o linguajar desse Cleiton."

"Não nos ofendam. Esses três não são um exemplo de civilidade. Os dinossauros viveram por cento e cinquenta milhões de anos. Extinguiram-se por causas externas, caso contrário, o que teriam alcançado?"

"Todos nós sabemos. Compartilhamento de mentes, lembram-se?"

"Ouçam-nos. A humanidade iniciou seu caminho há apenas quatro milhões de anos. Não há perspectiva de que alcançarão o quinto. Os dinossauros possuíam um potencial de sobrevivência muito maior. Entre eles, ao menos duas espécies seriam promissoras. Tinham autoconsciência e viviam seus primeiros estágios de tecnologia. Infelizmente, tudo se perdeu num momento de fulgor e trovão."

"Resumindo..."

"Resumindo, a humanidade é tudo o que resta. Segundo o direcionamento da fusão interespecies, Cleiton e Josiane estão destinados a gerar o gênio que, finalmente, desenvolverá o transporte às estrelas."

Todos — até o gramado a seus pés — compreenderam as implicações.

"O bebê não somente terá o desenvolvimento cerebral aprimorado. Seus genes trarão o melhor de nossos próprios genes. Vivemos híbridos nos últimos milhões de anos, todavia, o híbrido desse casal superará a todos nós. Ele nos salvará... Voltaremos para casa!"

Suspiros foram ouvidos.

Viraram-se e olharam em volta.

Foram os coqueirais e as palmeiras.

"Sim, irmãos! Todos nós retornaremos de onde um dia viemos. Celebraremos na companhia de nossos irmãos do planeta natal. Assim, nada de ruim deverá acontecer a Josiane e Cleiton. Ela será fecundada, parirá e eles permanecerão juntos para educar a criança, dar-lhe apoio e todo o amor que puderem. Estamos entendidos?"

"Sim."

A resposta viera em uníssono de todos os bilhões de pólenes que habitavam os corpos humanos, a vegetação e os pássaros. Os marginais seguiram caminho, perdendo-se na escuridão.

Cleiton despertou. Levou uma das mãos à nuca. A cabeça doía barbaramente.

Josiane engasgou. Podia jurar que vira os bandidos dominarem Cleiton. Onde estavam?

Abraçou-se ao namorado.

— Nossa, você está sangrando!

— Percebi... Ai!... O que houve? Vi os caras chegando. O soco...

— Disso eu me recordo.

Cleiton consultou seu relógio.

Havia um lapso de tempo desde a sua última lembrança. Quase meia hora.

— Ficamos muito tempo olhando as estrelas. Será...

— Será o quê?

— Será que tivemos ajuda de lá do alto?

— Você quer dizer... Deus?

— Não. Extraterrestres! Discos voadores! OVNI!

Ela olhou-o de lado.

— A pancada foi forte...

— Sério, Jô. Vi na televisão. O desmaio. O tempo perdido. A abdução.

— Abdo... o quê?

— Eles nos salvaram e levaram os criminosos.

— Tá brincando.

— Sério!... Ah, vamos embora. Eu levo a esteira.

Não precisou pedir duas vezes.

Josiane voltou a abraçar-se a ele e sussurrou em seu ouvido:

— Vamos pra casa. Meus pais estão viajando.

Cleiton reclamou:

— Tá de brincadeira!

— Hein?

— A gente podia estar na sua sala e viemos ao relento para ser assaltados?

— Viemos ver o mar, sentir o vento e observar as estrelas. Foi bom, não foi?

— Hum... Tirando esse galo na minha cabeça... Quase desatei seu nó.

— Prometo: lá em casa, eu ajudo.

Até a dor de Cleiton diminuiu ante tal perspectiva.

E foi a noite em que tudo começou, ainda que o princípio tivesse ocorrido milhões e milhões de anos no passado, em um mundo distante que recebera uma visita do espaço.

Na troca de fluídos e na fecundação, células se fundiram, replicaram-se.

O simbiote a ser gerado retomaria o rumo do progresso que fora negado aos dinossauros.

\*\*\*



### **ROBERTO SCHIMA:**

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de duzentas e noventa antologias até o momento. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br). Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

# Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

**Seleções Literárias**

**Filtre oportunidades**  
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

**Acesse**

**Seleções Literárias**

<https://selecoesliterarias.com.br>



CONTO  
POR SELMA LUANNY



# PASSOS PARA O COSMOS

PARTE III

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



**E**nfim, parecia que a humanidade aprendera a se preparar para o futuro, depois de menosprezar trabalhos e indicadores científicos, e mesmo os sinais evidentes de que o planeta Terra caminhava para um desequilíbrio sem precedentes — já não só por causas naturais, como em eras pregressas — e que necessitava da intervenção humana em todos os seus setores e regiões.

É preciso deixar claro que na primeira metade do século 21, a grande maioria dos governos, indústrias e a própria, em parte ignorante população, viraram as costas para todas as evidências já à luz do dia.

Além de não pesar o futuro a ser enfrentado pelos seus descendentes, o ser humano parecia não querer enxergar ou mesmo acreditar que a Terra dependia de um equilíbrio de todos — animais e vegetais — silvestres ou domesticados —, água, solo e ar.

Pela metade daquele século, as catástrofes já generalizadas, levaram a um desequilíbrio e distúrbios que não deixaram de atingir todos os cantos do planeta.

Então os gastos dos governos eram altíssimos. Os países ricos conseguiam mitigar a situação da sua população mas os pobres não conseguiam e a mortalidade aumentou para todos os seres. Começou-se a contar anualmente o número de espécies extintas ou em fase de extinção.

Foi um período de escuridão para o planeta Terra e que teve as suas cicatrizes cravadas nos séculos vindouros.

## Cap 2 – A Colônia Marciana

### I

Ano 2500.

A colônia Marciana cumpria o seu propósito. Deu lar ao êxodo humano e continuou a se expandir graças ao empenho e entendimento humano e aos incansáveis e dedicados robôs que trabalhavam para acomodar o aumento populacional, com novos nascimentos e com a chegada de mais indivíduos provenientes da Terra, e para implementar melhorias e aperfeiçoamentos imensamente necessários e espelhados na anteriormente protetora biosfera terrestre.

Outra coisa importante, a colônia conseguia expandir bem a produção de vegetais, mas não a de animais. Esta ficou sempre muito limitada pela falta de espaço e condições necessárias e por falta de adaptação dos mesmos — eram retidos em ambientes fechados para tentar que progredissem e para serem protegidos dos malefícios do meio exterior — situação sempre muito mais difícil do que para plantas e humanos. Apesar de que os peixes de pequeno e médio porte acostumavam-se nos criadouros e aquários e conseguiam proliferar.

A parte laboratorial que se dedicava à produção de proteína comestível, entretanto, evoluiu bastante e desenvolveu "carnes" e outros produtos variados a partir de bancos de

tecidos biológicos ultracongelados, moléculas e de células e tecidos de animais terrestres. E essa parte satisfazia as necessidades básicas da população da colônia, que há muito trocara "prazer" por aceitação.

Os já Marcianos aceitavam a sua nova realidade com todas as imposições e restrições que ela trazia — principalmente os nascidos na colônia, os quais não conheciam outra vida — pois era mais promissora do que na Terra da correspondente atualidade, a qual tinha os seus ecossistemas e recursos em contínua desintegração.

E esperava-se, desde os primeiros projetos da colônia Marciana, que a mesma em séculos e/ou milhares de anos no futuro, seria a ponte para voos mais altos e necessários para o bem da preservação e contínuo desenvolvimento da espécie humana.

Mesmo com a previsão da Terra voltar a uma era glacial dentro de algumas dezenas de milhares de anos — com a sua translação ao redor do Sol mudando para uma elipse mais alongada, uma alteração da inclinação do seu eixo em relação ao mesmo astro e possíveis influências gravitacionais dos grandes planetas gasosos por uma confluência periódica — não era possível esperar sem agir, pois em um milhar de anos a temperatura terrestre estaria bem mais alta, a população humana potencialmente volumosa e mais vulnerável, e os ecossistemas praticamente destruídos.

Sabe-se também que a regeneração dos seres vivos depois de uma catástrofe global, só pela ação da Natureza, é imprevisível e levaria até milhões de anos para que a Terra pudesse voltar a ser verde e suportar vidas complexas. E os seres que evoluiriam seriam outros em novos nichos ecológicos, interdependentes.

Assim, a humanidade após chegar a uma encruzilhada, teria que avançar para outros corpos celestes no sistema solar e posteriormente, caso progredisse exponencialmente, para outros sistemas estelares... Ou deixar-se extinguir num planeta condenado para seres vivos nos próximos milhares e até milhões de anos, caso não fizesse nada para atenuar ou reverter este processo.

## II

O Planeta Marte, com a sua baixa gravidade, baixo teor de oxigênio e água muito menos abundante do que na Terra, abrigava no início uma colônia pequena em termos terrestres e a obrigava a um confinamento contínuo. Só permitia saídas esporádicas ao meio exterior, para indivíduos necessários no eventual controle e supervisão do trabalho autômato, com trajes especiais e pesados, para a sua proteção. Sempre que possível, todos os ajustes dependentes de humanos eram realizados à distância, de dentro da proteção da colônia. E os robôs faziam os ajustes externos.

Era de suprema importância a aceitação absoluta dos humanos à adaptação ao ambiente marciano. Era o lançamento de um promissor futuro para uma espécie

destinada então a se jogar para o Cosmos e que não poderia, é claro, progredir individualmente, mas em conjunto.

Marte com as suas tempestades periódicas de areia e o seu movimento tectônico — apesar de leve — exigia planejamento e vigilância contínuos. Mesmo para a mineração, perfuração para obtenção de água — água que, pela escassez local, era reutilizada, total e continuamente — e construção, os robôs tinham que seguir normas de segurança para não sofrerem danos e não atrasarem os trabalhos.

Na colônia, fora construída e desenvolvida uma Central Robótica Avançada para ampliar o necessário aperfeiçoamento e produção dos robôs, cada vez mais complexos. Era uma constante que não podia parar pois todos os projetos relacionados aos avanços e ampliações da colônia e a expansão a partir de Marte, dependiam e dependeriam deles e da inteligência desenvolvida para os aprimorar.

(Nota de rodapé: terceira parte do conto de ficção "Passos Para O Cosmos" – partes a serem lançadas mensalmente, nesta revista)



### **SELLMA LUANNY:**

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lysitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS URBANOS

VOL. V

POEMAS SOBRE A CIDADE - VOL.V  
ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR



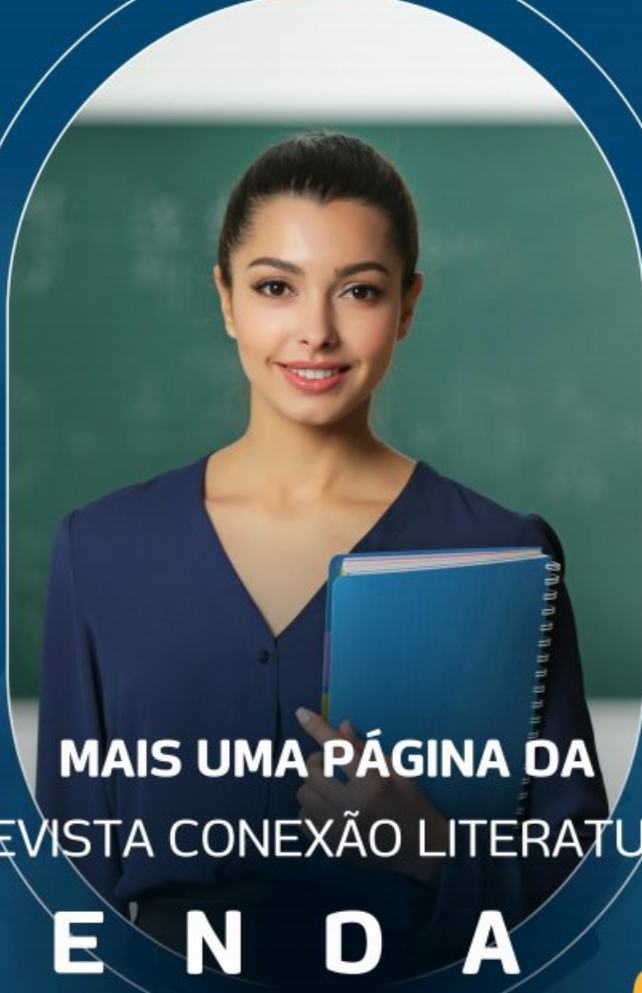
E-BOOK



**POEMAS**  
**Urbanos**



saiba mais: clique aqui



MAIS UMA PÁGINA DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A P R E N D A C O M

CONEXÃO

GRAMÁTICA

GRAMÁTICA

ACESSE

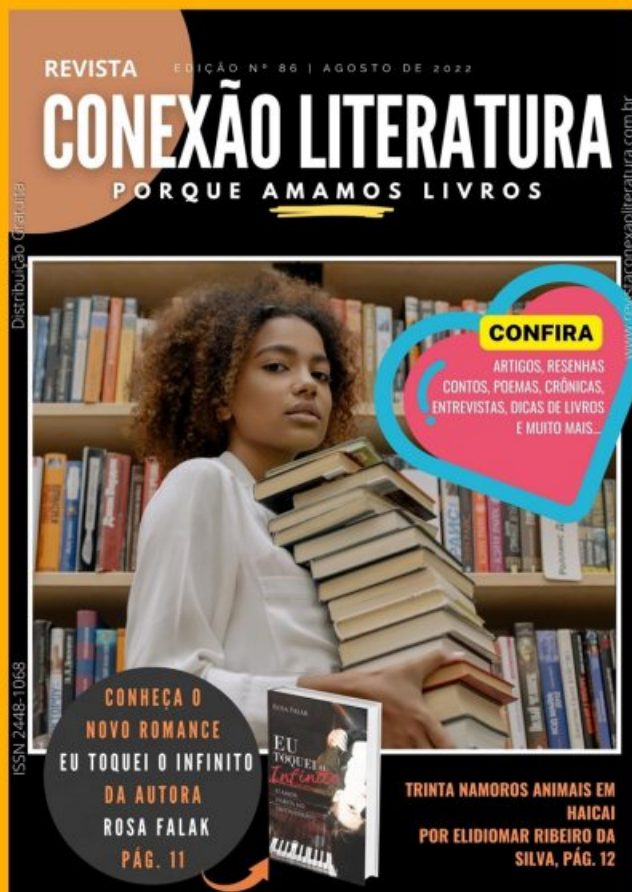
[WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA)

*Apoie a nossa causa*

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

Revista Conexão Literatura

Ler é viajar  
sem sair  
do lugar.



[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

REVISTA  
CONEXAO LITERATURA

N Ã O  
DEIXE  
SEUS  
SONHOS  
SEREM  
APENAS  
SONHOS

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

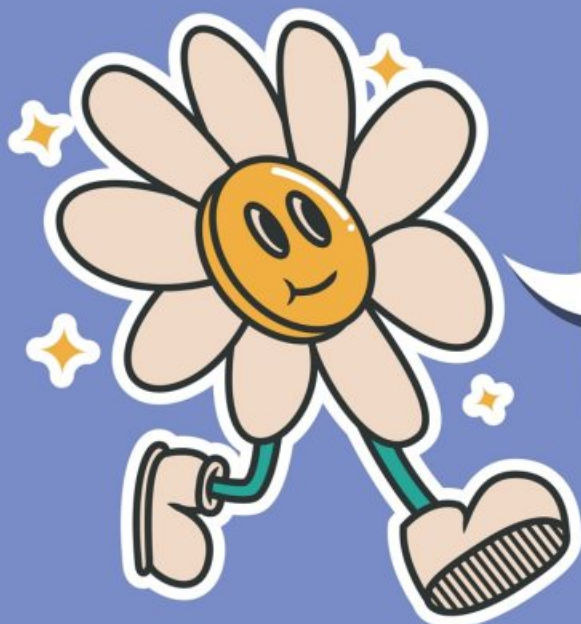
Cultive bons  
pensamentos



[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



Um presente da Revista Conexão Literatura



Marcadores para  
imprimir  
e recortar!



**ANUNCIE**

**SUA LIVRARIA,  
LIVRO, LOJA,  
SITE**

**SAIBA COMO:  
CLIQUE AQUI**

SAIBA COMO:  
CLIQUE AQUI





# AMOR PELLOS LIVROS

MÍDIA KIT 2024

## REVISTA CONEXÃO LITERATURA

### ESTATÍSTICAS

**+758 MIL**    **+112 MIL**    **+ 4 MILHÕES DE ACESSOS**

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E  
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)  
E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

# MÍDIA KIT

## Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) - c/ Ademir Pascale

### ✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 150,00 - Portugal= € 35



### ✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

### ✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4. em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

### ✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

### ✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

### ✓ OPÇÃO 6

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: [www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura) e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= R\$ 2.500,00 (cedemos desc. para pag. à vista) -

Portugal= € 500

**PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:**  
e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) - c/ Ademir Pascale

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

REVISTA  
**CONEXÃO LITERATURA**

NO AR  
DESDE 2015

CONECTANDO  
**AUTORES E LEITORES**

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
**01.02.2024**

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd